



PEDRO HENRIQUE CHAVES PESSANHA

**O INCONSCIENTE NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI:
UM ESTUDO CONCEITUAL**

São João del-Rei
PPGPSI-UFSJ
2015

PEDRO HENRIQUE CHAVES PESSANHA

**O INCONSCIENTE NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI:
UM ESTUDO CONCEITUAL**

Dissertação submetida para a Banca de Defesa do Programa de Mestrado em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia
Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais e Sócio-Educativos - Linha 1

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Dalla Vecchia

São João del-Rei
PPGPSI-UFSJ
2015

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Marcelo Dalla Vechia, por ter apostado e investido comigo no desenvolvimento deste grande desafio.

Aos meus pais, Eraldo e Cassia Pessanha, pelo apoio e suporte objetivo e subjetivo.

As colaborações e incentivos do Prof. Dr. Carlos Henrique durante os incertos momentos do processo de pesquisa e em sua conclusão. A oportunidade de ter podido contar com a bolsa-auxílio da UFSJ que garantiu o meu integral investimento nesta pesquisa. Além dos meus agradecimentos a Profa. Dra. Bader Buhiran Sawaia, Kety Franciscatti e ao Prof. Dr. Nilson Berenchtein Netto pelo reconhecimento, pelas contribuições e incentivos para que eu continue nesta árdua e pertinente empreitada.

É necessário ressaltar o quanto esta pesquisa contou também com diversas formas indiretas de participação, antes e durante todo o processo produtivo, como Hugo Valente, Isabel Cristina do Nascimento, Lívia dos Santos, Rafael Âmbar, Josiane Zaneti, Helena Lopes, Thayane, Marcela, Vanessa, Ivan, Virgínia, Márcio, Lucas, Jones, Savio, Edmundo, Roberta, Henrique, Amanda, Marcos, Mariela, Daniel, enfim, e uma lista extensa de diversos outros camaradas que não continuarei listando sob a certeza de que faltarão alguns. Além dos vários sujeitos que indiretamente garantiram que eu me dedicasse durante dois anos a este empreendimento. Portanto, afora os agradecimentos formais, existem muitos, diversos e essenciais amigos e amigas de copo e de cruz que contam pessoalmente com meu específico agradecimento pessoal. É importante aqui agradecer aos companheiros e companheiras de Sete Lagoas, de São João del-Rei, dos movimentos sociais, associações residenciais, educativas, culturais e sobretudo políticas, aos camaradas dos partidos, do conselho de entidades de base do movimento estudantil da UFSJ, do Grupo de Estudos em Vigotski e da Associação dos Moradores do bairro São Geraldo, dentre outras associações que estabeleci e que atravessam as linhas que se seguem.

Resumo

O problema de pesquisa surgiu de uma interpretação da análise freudiana sobre o papel do inconsciente nas formações grupais de caráter massivo. Tendo em vista possíveis consequências ético-políticas desta interpretação buscamos elementos que apontem condições para que possamos pensar outras possíveis noções de ‘inconsciente’ a partir da análise conceitual de textos teórico-metodológicos de Vigotski, dos anos de 1925, 1927 e 1930, devido a sua pertinência com relação ao objeto de estudo e por contemplarem o movimento de sua fundamentação teórica. Constatamos que inicialmente as formulações de Vigotski ainda se localizavam taticamente nos marcos do materialismo reflexológico, a consciência entendida como a capacidade do reflexo ser transmitido a outros sistemas de reflexos e o ‘inconsciente’ seria o simples reflexo ao objeto. Até 1930 Vigotski supera por incorporação o materialismo reflexológico colocando no centro da análise a consciência como atividade mediada pelos instrumentos semióticos desenvolvida no processo de trabalho. Observamos que o termo ‘inconsciente’ ainda é muitas vezes ignorado ou pensado a partir de junções ecléticas a princípios psicanalíticos, ou de maneira muito vaga e imprecisa, de forma a compreendê-lo apenas em sua negatividade. Buscamos portanto pensá-lo em sua positividade, como atividade não-consciente, formada pela incorporação dos processos psicofisiológicos primários às funções psíquicas superiores, com a manutenção de sua qualidade não-consciente, mas desde a perspectiva superior possibilitada pelas mediações afetivas e semióticas. A partir deste estudo conceitual de textos de Vigotski e de outros autores que tratam do tema propomos organizar a polissemia em que o termo ‘inconsciente’ é utilizado em basicamente três atividades segundo sua dinâmica de formação e transformação que referimos como: ‘pré-consciente’, ‘inconsciente’ e ‘subconsciente’. Esta sistematização marca tanto condições de possibilidade do polo consciente, como contradições materiais, a alienação e os embates ideológicos, a privação e repressão do conhecimento e domínio do capital cultural produzido. Esta compreensão nos possibilita melhores fundamentos para desenvolvermos pesquisas sobre as ilusões cognitivas e suas possibilidades de superação em relação as leis gerais do conhecimento científico, as exigências da realidade objetiva, a atmosfera social geral, assim como suas possíveis implicações para compreensão das formações grupais de caráter massivo.

Palavras-chave: Inconsciente; Vigotski; Psicologia Histórico-Cultural; Consciência; Estudo Conceitual.

Abstract

The research arose from an interpretation of the Freudian analysis of the role of the unconscious in group formations of a massive character. Taking into consideration possible ethical and political consequences of this interpretation, we try to identify elements that enable us to think about other possible notions of the 'unconscious' by means of a conceptual analysis of theoretical and methodological texts by Vygotsky. We found that until around 1925 Vygotsky's formulations were still located tactically within the framework of the reflexology materialism in order to question the idealism of traditional psychology. At this point, Vygotsky understands consciousness as the property of the reflex to be transmitted to other reflex systems, while the 'unconscious' would be the direct experience or the reflex to the object. However, from 1925 to 1930 Vygotsky overcomes by incorporation the reflexology materialism putting at the center of the analysis consciousness as an activity mediated by semiotic instruments developed in the work process. We note that the term 'unconscious' is often ignored or considered from the viewpoint of eclectic theoretical relations with psychoanalytical principles, either in a very vague or imprecise way or in order to understand it only in its negativity. Therefore, we try to think of it in its positivity, as non-conscious activity, formed by the incorporation of primary psycho-physiological processes into the higher mental functions, maintaining its non-conscious quality, but since the top prospect made possible by affective and semiotic mediations. From this conceptual study of texts by Vygotsky and other authors discussing the same subject we tried to organize the polysemy with which the term 'unconscious' is used in basically three activities, according to their dynamic formation and transformation: 'pre-conscious', 'unconscious' and 'subconscious'. This systematization marks both conditions of possibility of the conscious pole and material contradictions, alienation and ideological conflicts, deprivation and repression of knowledge and mastery of the cultural capital produced. This understanding enables us to have a more solid base to develop research on the cognitive illusions and the possibilities of overcoming them regarding the general laws of scientific knowledge, the requirements of objective reality, the general social atmosphere, as well as their possible implications for understanding the character of group formations of a massive character.

Keywords: Unconscious; Vygotsky; Historical-Cultural Psychology; Consciousness; Conceptual Study.

Sumário:

1. Introdução e Objetivo	04
2. Método	17
3. L. S. Vigotski e o projeto de uma Psicologia Histórico-Cultural	23
4. O consciente e o inconsciente: entre a Reflexologia e o Idealismo	31
5. Formulação do problema sobre o consciente/inconsciente em Vigotski	47
6. O problema do consciente/inconsciente: algumas reflexões	63
7. Considerações Finais	87
Referências	92

1. Introdução e Objetivo

Desde o início da década de 1990 o Brasil é marcado pelo avanço do neoliberalismo e pelo que podemos chamar de descenso dos movimentos sociais, populares e sindicais com caráter de movimentos de massa. Este

pode ser medido objetivamente pela perda da massa salarial e direitos trabalhistas, mas também é identificado subjetivamente pela inviabilidade das formas de luta se generalizarem e pelo desânimo em buscar soluções coletivas. Quer dizer, lutas ocorrem e podem gerar conflitos radicais localizados, mas permanecem localizados e não se expandem. São os períodos históricos em que os mecanismos de dominação são efetivos e apesar de se produzirem tensões, funcionam bem, cumprindo o papel de manter a ordem. (Gebirim, 2010, Junho 3/9, p. 5)

Neste contexto, o problema desta pesquisa teve sua gênese e desenvolvimento a partir da prática reflexiva, sobre questões relativas à desigualdade, à exploração, à mistificação e ao engajamento de forças sociais progressistas na defesa contra a deslegitimação e criminalização de uma das únicas formas da classe trabalhadora exercer poder social neste momento histórico: a mobilização de amplos segmentos sociais em movimentos massivos.

Nos últimos anos podemos apontar sinais de uma nova etapa na conjuntura política, como a retomada das lutas sindicais. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE¹, de 2011 para 2012 as ocorrências de greve no Brasil aumentaram 58% e houve o maior número de greves dos últimos dezesseis anos. Outro indício do possível início de um período de ascensão das lutas sociais são os movimentos de junho de 2013, que tiveram como estopim, entre outros, as manifestações contra o aumento do valor da tarifa do transporte público em São Paulo, protagonizadas pela juventude organizada no Movimento Passe Livre (MPL), especialmente a sua dura repressão por forças-tarefas formadas pelas Polícias Civil, Militar e Ministério Público.

Podemos observar que quando as manifestações se massificaram por todo o país não podia-se mais deslegitimá-las como um todo. O emprego progressivo da força por parte da polícia foi ideologicamente justificado com a divisão da massa em duas: os manifestantes pacificamente ordenados e os ‘vândalos’. Enquanto tramitam no Senado Federal projetos de leis² que abrem precedentes para a criminalização de manifestantes e

¹ <http://www.dieese.org.br/balancodasgreves/2012/estPesq66balancogreves2012.pdf>

² Segundo o Portal Atividade Legislativa Projetos e Matérias (<http://www.senado.leg.br/atividade/materia/>), o Projeto de Lei do Senado (PLS) 508/2013, está tramitando na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ). Este tipifica como crime de vandalismo, atos coletivos de destruição, ter em poder objetos de destruição ou lesão, idealizar, coordenar ou estimular atos de vandalismo, violência ou formação de

de supostos organizadores das manifestações, o aumento da violência policial é justificado com o argumento de garantir o direito democrático à manifestação, reprimindo para isso os grupos chamados de ‘baderneiros’ e ‘vândalos’. O aumento da disposição para a luta e ação coletiva da população gerou uma reação imediata implicada em sua desmoralização e deslegitimação que, somado a resistência dos marxistas em tratar de temas da subjetividade, como apontado por Christophe Dejours (1999), contribuem para que estas forças reacionárias apropriem-se de argumentos e do *status* de teorias consagradas, como por exemplo, no campo da Psicologia, para reagir a manifestações que expressam problemas com a ordem instituída.

Dessa forma, esta pesquisa tem sua gênese relacionada, sobretudo, ao modo como conceitos e métodos subjacentes às teorias psicológicas estão intimamente relacionadas a críticas às formas de organização social, a aspectos ético-políticos e ideológicos, com os quais, neste momento histórico, as forças sociais progressistas estão engajadas. Iniciamos este intento com a investigação desenvolvida, em nível de iniciação científica, no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise da Universidade Federal de São João del-Rei (NUPEP-UFSJ), realizada entre agosto de 2011 a julho de 2012. Nesta, pesquisamos a construção e consequências da concepção de ‘massas’ no livro de Sigmund Freud (1856-1939), *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/1980).

Nesta obra, Freud (1921/1980) utiliza como principais referências bibliográficas autores como o sociólogo, psicólogo e criminologista italiano Scipio Sighele (1868-1913), cuja principal obra é *A multidão criminosa: ensaio de psicologia colectiva* (1892/1954), o psicólogo inglês William McDougall (1871-1938), *The Group Mind*³ (1920/2005). Porém se refere, sobretudo, ao sociólogo e psicólogo francês Gustave Le Bon (1841-1931) e sua obra *La psychologie des foules*⁴ (1895/1895). Freud (1921/1980, p. 8) se serve das depreciações realizadas por Le Bon das manifestações mentais nos fenômenos de massa, não por este ser o único a tratar deste tema, pois *já fora dito por outros antes dele, com igual nitidez e igual hostilidade, e fora repetido em uníssono por pensadores, estadistas e escritores desde os primeiros períodos da literatura*. Assim fora abordado historicamente como problema jurídico-criminal, de saúde pública, político, etc. Freud (1921/1980) se

quadrilha, estabelecendo pena de reclusão de quatro a doze anos e multa, sendo que qualquer que seja o tempo de condenação, a pena será cumprida inicialmente em regime fechado. Outro exemplo é o PLS 499/2013 que busca definir os crimes de terrorismo e estabelecer a competência da Justiça Federal para o seu processamento e julgamento.

³ A Mente Grupal (nossa tradução).

⁴ A Psicologia das Multidões (nossa tradução).

utiliza das explicações de Le Bon por este se ajustar tão bem à Psicanálise e à sua ‘ênfase à vida mental inconsciente’.

Freud (1921/1980) relata que as características dos grupos revolucionários, especialmente os da Revolução Francesa, influenciaram inequivocamente as descrições de Le Bon, que os associou às características da massa desorganizada. Plekhanov (1916/1987, p. 48) declara que *a filosofia histórica do século XVIII só conhecia o indivíduo, os grandes homens. A massa, o povo como tal não existia para ela*. Depois da Revolução Francesa não se podia mais negar o papel das manifestações populares com caráter massivo. Esta foi uma nova abertura temática para estudiosos, como Le Bon (1841-1931), que buscavam compreender os movimentos sociais e tinham como problema a garantia da ordem e manutenção da coesão social em um mundo marcado por rápidas e violentas transformações. Consideramos importante também assinalar que a obra *Psicologia das Massa e Análise do Eu* foi publicada em 1921, apenas três anos depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que abalou profundamente, tanto as condições materiais, quanto intelectuais, principalmente na Europa, centro deste conflito global. O pessimismo e preocupações fruto desse conflito muito provavelmente tiveram algum impacto sobre as produções de Freud (1921/1980).

Freud (1921/1980) expõe que não são fundamentais as descrições de Le Bon sobre as novas características atribuídas ao fenômeno grupal, pois *seria bastante dizer que, num grupo, o indivíduo é colocado sob condições que lhe permitem arrojá-lo de si as repressões de seus impulsos instintuais inconscientes* (Freud, 1921/1980, p. 4). Portanto Freud (1921/1980) não tem a intenção de fazer objeções às descrições de Le Bon, mas de aprofundar questões que este pouco trabalhou, como a relação dos membros da massa com o líder e a manifestação do depósito herdado da filogênese da libido humana, envolvida no que os autores chamam de contágio, sugestibilidade grupal ou predisposição hipnótica⁵. Segundo Freud (1921/1980) a vida mental inconsciente tem importância central e seus impulsos em estado de gratificação livre são entendidos como motivadores em última instância dos fenômenos de massa.

Apesar de Freud (1921/1980) no início da obra assinalar que toda Psicologia individual é ao mesmo tempo também uma Psicologia social, nossa leitura identificou uma oposição lógica: de um lado a manifestação do ‘inconsciente’ – impulsos reprováveis, irresponsáveis, cruéis, passionais, uma infra-estrutura coletiva de impulsos primitivos, a-

⁵ Segundo Freud (1921/1980) os membros da massa se identificam em seu eu, enquanto que o ideal-do-eu é substituído pelo objeto, que pode tanto se tratar de um líder como de uma ideia compartilhada.

históricos e universais – como fundamento último para explicar os ‘fenômenos de massa’. Por outro lado, o indivíduo isolado é representado pela autonomia e pela diferença diante dos demais, um ‘eu’ relativamente despojado de qualquer referência ao ‘nós’, descrito como possuidor por excelência do potencial de elevar sua capacidade intelectual ‘consciente’.

Freud (1921/1980) reconhece que há objeções em sentido contrário, mas que estas se devem aos méritos reservados para os grupos constantes ‘altamente organizados’, como a igreja e o exército, ou *associações estáveis em que a humanidade passa a sua vida e que se acham corporificados nas instituições*⁶ da sociedade (Freud, 1921/1980, p. 9). Estes grupos conseguem evitar um grande rebaixamento intelectual exclusivamente porque mantêm aquelas características próprias do indivíduo isolado. Assim como a experiência clínica surge da análise da vida mental do analisando relativamente isolado com sua compulsão a repetição, na obra estudada, de forma análoga, é dada uma ênfase à determinação subjetiva e inconsciente dos movimentos de massa que compulsivamente repetem o mito da horda primeva⁷.

Analisando a ‘massa’ e o ‘indivíduo’ como subordinados a leis mentais próprias, hierarquicamente contraditórias, no texto de Freud (1921/1980) somos levados a comparar variados pares de oposições que repetem a divisão entre o ‘individual’ e o ‘massificado’, respectivamente: o normal e o neurótico, o adulto e a regressão psíquica ao estágio infantil, a superestrutura progressista e a infraestrutura conservadora, o domesticado e o selvagem, o espírito civilizado e o pré-histórico, as instituições sociais e as hordas, o refinado e o brutal, a razão e o afeto, a teoria e a prática.

Podemos relacionar a comparação dos movimentos de massas com o sujeito em transe hipnótico, com neuróticos violentos, com crianças indisciplinadas, com bárbaros ou animais selvagens à forma como a grande mídia nacional se refere aos movimentos sociais contestadores em oposição ao indivíduo adulto, civilizado, incorporado as instituições sociais e de elevada capacidade intelectual. De acordo com Ayoub (2008) a grande mídia nacional – a autora leva em consideração principalmente a análise de reportagens do jornal “Folha de São Paulo” – busca associar os movimentos sociais – em especial o “Movimento

⁶ Baseado no materialismo histórico, Plekhanov (1916/1987) considera que a sociedade capitalista é dividida em classes sociais, que se posicionam em relação ao modo de produção vigente, e que as instituições sociais antes de se transformarem em causas, são efeitos da sociedade que as produz. Ou seja, os interesses dominantes se apoderam das instituições sociais antes de se modificar por elas.

⁷ Este mito é usado para representar a ideia de que num tempo primitivo os habitantes de um grupo de nativos se reuniram para assassinar o ‘pai da horda’ e comerem sua carne num banquete totêmico. O problema é que a representação do pai (agora morto) ganhou ainda mais força, demarcando assim o lugar da Lei como o regulador social que garante a existência da própria civilização.

dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” – à baderna, a algo arcaico e violento, em oposição aos meios de ação da sociedade organizada, moderna e tecnológica. A autora também considera que na grande mídia nacional prevalece o papel de omitir as ações, as informações e os motivos; esta tenta cooptar ‘representantes’; busca dividir interna e externamente o movimento; e finalmente procura ‘satanizar, esmagar e criminalizar’ os movimentos de massa populares.

Compreendemos que as descrições aparentemente neutras são fruto de escolhas, de recortes de traços da realidade, dentre as enormes possibilidades de modos de descrevê-la, e as formas de descrição vêm preechendo de possibilidades explicativas. Podemos nos perguntar o por quê, de forma geral, prevalece por parte de Le Bon e, de forma complacente, também de Freud (1921/1980) pintar as massas com cores fortes, que representam perigo, de forma hostil e depreciativa, comparando-as ao neurótico, a crianças indisciplinadas, a bárbaros, a animais selvagens e não as compara, por exemplo, ao esportista? A comparação também seria viável se pensássemos na prática esportiva de um sujeito adulto, civilizado e saudável, a qual exige um nível de investimento e concentração próximo a um transe hipnótico, em que todo o resto do mundo perde seu interesse momentaneamente. Seria melhor se comparássemos o praticante de esportes individuais, em que o sujeito não se encontra anônimo na massa, como a corrida ou o xadrez? Acreditamos que a comparação à prática esportiva individual pode nos ajudar a desmistificar a essência explicativa dos fenômenos de massa como laborada no texto em questão.

O contexto de enfrentamento de interesses políticos opostos, ou de competição esportiva, pode colocar os sujeitos em ‘litígio’ frente às condições muito distantes das ideais para o rigoroso e paciente exercício intelectual. Estas condições podem colocar os sujeitos frente a questões excepcionais em relação à vida cotidiana, do tipo ‘tudo ou nada’, ‘agora ou nunca’, condições extremas que podem exigir reações rápidas, flexíveis e intensas, comparáveis às características descritas por Le Bon e analisadas por Freud (1921/1980). Nestas situações o imperativo de tomar decisões imediatas pode significar a diferença entre a vitória ou a derrota. Podemos observar facilmente a erupção de emoções extremadas e, mesmo em esportes individuais pacíficos, a violência contra o adversário pode chegar às vias de fato. Podemos inclusive ir além e comparar a relação da massa com seu líder em analogia à confiança do esportista com relação às orientações calorosas de seu treinador.

Um movimento social com caráter de massas pode representar o exercício de um grande poder social. Em nossa organização social capitalista atual, as massas populares não

são preparadas para o exercício direto de poder, visto que este, em grande parte, é reservado a uma elite política e econômica. Quando se materializa a possibilidade, geradas por condições objetivas e subjetivas, de um enfrentamento aberto e mais proporcional entre as forças sociais em correlação, este tende a inflamar fortes emoções, esperanças e agitações de toda ordem. Esta situação pode abalar convicções subjetivas até então enraizadas e é quando o que até então era considerado impossível pode se objetivar.

Pode se alterar a relação com o tempo, o que levaria anos pode acontecer em dias; pode alterar-se também a relação com o espaço, entre a casa e a rua; assim como o papel da dúvida e da convicção. Podemos pensar que tanto o esportista em competição como a ‘massa’ em litígio pode não apresentar a mesma relação com o tempo, com a transformação prática e a produção intelectual do que um cientista relativamente isolado em seu laboratório. Apesar de ambos realizarem atividades práticas e intelectuais, podemos pensar que este cientista, que exerce em condições ótimas seu rigoroso trabalho intelectual e experimental, pode encontrar-se relativamente diminuído momentaneamente em sua capacidade prática de influir diretamente sobre a realidade social e política, se comparado ao movimento social em ação. Podemos pensar que nos casos em que as experiências do esportista ou do movimento social estão mais diretamente relacionadas a prática social, o erro pode não ter apenas como consequência a refutação teórica e a necessidade de sua retificação para novas hipóteses, mas neste caso um momento de hesitação pode significar o erro e a derrota pública, de consequências muitas vezes irrecuperáveis.

A partir da análise da obra pesquisada, relacionada à de autores que reivindicam o materialismo histórico-dialético, como Plekhanov (1916/1987), pudemos constatar que a contradição social entre trabalho braçal (desqualificado como brutalizante e emburrecedor) e o intelectual (tido como refinado e enobrecedor), entre a produção social das riquezas e a sua apropriação privada, ou seja, a divisão da sociedade em classes sociais, não é considerada nesta obra de Freud (1921/1980). Visto isso, inferimos que as contradições da situação objetiva das classes sociais, em parte, retornam cifradas como contradições hierárquicas entre ‘classes psicológicas’, cindidas entre a do indivíduo isolado e a manifestação inconsciente nas ‘massas’.

Se, como apontado acima, a crítica aos aspectos teórico-metodológicos está relacionada à crítica aos aspectos ético-políticos e ideológicos, seja como for chamado: líder, elite, aristocracia, classe dirigente, é significativo que nesta obra de Freud (1921/1980) as ‘massas’ sejam descritas a partir do princípio explicativo do funcionamento inconsciente que, em gratificação livre, geram um desejo de se submeter a uma minoria

absolutista. Além de um desejo motivado pelo funcionamento inconsciente seria também uma necessidade objetiva, pois ou as massas se submetem a uma elite dirigente ou se desfazem. Esta ‘elite bem-pensante’ pode se prestar ao serviço de controlar os impulsos primitivos do inconsciente das ‘massas’ e evitar a emergência da horda selvagem que provoca violência e crise social, latente em cada formação grupal. A nosso entender Freud (1921/1980) nesta obra supervaloriza o indivíduo como guardião da consciência, da identidade, dos valores e tradições, mantido ‘asépticamente’ separado para que não seja ‘contaminado’ pelo agrupamento massivo, seu funcionamento inconsciente em gratificação livre e sua *exigência de que o igualamento seja sistematicamente realizado* (Freud, 1921/1980, p. 33).

Presumimos que esta interpretação do papel do ‘inconsciente’ nos movimentos de massa pode coadunar com a concepção aristocrática de ‘elite’ e ‘massa’ de Ortega y Gasset (1987 como citado em Martinez, 1997), o que a nosso ver é um argumento no sentido de legitimar a manutenção das opressões de classe e deslegitimar uma das únicas formas de exercer força social da classe trabalhadora: o movimento social com caráter de massa. Segundo Martinez (1997), Ortega y Gasset (1987) considera que:

o aspecto mais negativo do sistema democrático é a ascensão das massas, as pressões que elas exercem sobre as elites e a destruição dos valores tradicionais. Nesse sentido, a elite aristocrática se outorga a função de proteger os valores sociais e também de produzir novos valores que preservem a identidade das elites. Dessa maneira, se isola das massas, protege sua identidade, sua autoconfiança e resiste ao nivelamento sugerido pelas teorias igualitaristas (Martinez, 1997, p. 11).

Elias (1996) aponta que a reprodução de uma suposta antítese entre o ‘social’ e o ‘individual’, assim como o uso que é feito de conceitos como o de ‘inconsciente’ e ‘consciente’, tem caráter instrumental nas relações da sociedade capitalista e, por conseguinte, *podem servir para atestar algumas de suas peculiaridades estruturais* (p. 129). Ponderamos, portanto, que a análise freudiana dos ‘movimentos de massa’, no texto examinado, pode apresentar algumas limitações, principalmente advindas de como este relaciona o conceito de ‘inconsciente’ com uma infraestrutura de impulsos cruéis e primitivos, a-históricos e universais, disposto como princípio explicativo para a compreensão de tais movimentos. Desta forma, o problema de identificar a construção e consequências da concepção de ‘massas’ na obra em questão, nos levou a analisar o princípio explicativo deste fenômeno para Freud (1921/1980), a interpretação fundamental

sobre a construção e consequências de sua concepção de ‘inconsciente’ como princípio explicativo.

Não desprezarmos que a teoria freudiana é marcada por muitas retificações e a pesquisa de outras obras que formam o todo da construção teórica freudiana possibilitariam outras interpretações para o conceito, tanto de ‘massas’, como de ‘inconsciente’. No entanto, uma de nossas hipóteses e desdobramentos foi a de que uma análise dialética que dê maior atenção à base material sócio-histórica de cada ‘movimento de massa’ singular poderia ampliar a compreensão dos determinantes deste fenômeno como movimento social.

Há suposições de uma certa impossibilidade do materialismo histórico-dialético em dar conta de fenômenos psicológicos, como o chamado ‘inconsciente’. Desta forma, esta concepção filosófica poderia explicar a formação social dos ‘movimentos de massa’, mas deixaria uma brecha explicativa quanto ao entendimento de fenômenos subjetivos específicos, profundos e singulares, como os denominados de ‘inconsciente’. De acordo com Vasconcelos (2005), esta compreensão é reafirmada pela resistência dos próprios marxistas em tratar de temas de ordem subjetiva. O ‘recalcamento’ das questões subjetivas por parte dos teóricos vinculados à tradição marxista faz com que estes se privem do debate sobre, por exemplo, o papel do inconsciente nos movimentos sociais com caráter de massa, deixando o caminho livre para explicações idealistas, que podem ser facilmente apropriadas por interesses elitistas conservadores, como buscamos salientar nesta breve Introdução. Com relação às organizações sindicais, por exemplo, Dejours (1999, p. 39 como citado em Vasconcelos, 2005, p. 162) argumenta que

esse recalcamento deixou as organizações sindicais e de esquerda “carentes de ideias e de meios de ação, num campo que, no entanto, se tornaria decisivo”, já que ali onde os sindicatos não queriam se aventurar, patrões e gerentes formularam novas concepções e introduziram novos métodos concernentes à subjetividade e ao sentido do trabalho [o novo conceito de “recursos humanos”] (...), alargando drasticamente o fosso entre a capacidade de iniciativa de gerentes e patrões, de um lado, e a capacidade de resistência e ação coletiva das organizações sindicais, de outro.

Muitos autores abriram o diálogo do campo da Psicologia com a produção marxista. Em uma lista breve e nada exaustiva poderíamos mencionar: Max Horkheimer (1895-1973), Wilhelm Reich (1897-1957), Herbert Marcuse (1898-1979), Erich Fromm (1900-1980), Theodor Adorno (1903-1969), Enrique Pichón-Rivière (1907-1977), Jean-Pierre Vernant (1914-2007), Franco Basaglia (1924-1980), Georges Lapassade (1924-2008), Gilles Deleuze (1925-1995) e Pierre-Félix Guattari (1930-1992), René Lourau

(1933-2000), além do soviético Lev Vigotski (1896-1934) e seus principais colaboradores Alexander Luria (1902-1977) e Alexis Leontiev (1903-1979). Informados acerca da vasta produção sobre o tema, escolhemos circunscrever esta pesquisa no campo da Psicologia Histórico-Cultural. Mais especificamente, escolhemos pesquisar a fertilidade e condições de possibilidade para se pensar o conceito de inconsciente a partir da mediação entre os pressupostos filosóficos marxistas e os fenômenos psicológicos, iniciadas nos textos teóricos e metodológicos de Lev Semenovitch Vigotski⁸ (1896-1934). Desta forma, buscamos realizar mais um modesto passo para uma pequena, mas importante contribuição, dada a evidente necessidade de problematizar um tema tão complexo, pouco explorado sob esta perspectiva e significativo tanto para a Psicologia quanto para as ciências humanas e sociais.

Como proposta de superação desta presumida deficiência da tradição marxista em lidar com a chamada ‘Psicologia profunda’ muitos autores reivindicaram algum tipo de relação com outros referenciais de análise, como o campo psicanalítico. Ao contrário de Sigmund Freud, Lev Vigotski, principal proponente da Psicologia Histórico-Cultural, possui poucas passagens dedicadas à discussão de um conceito de ‘inconsciente’, se comparado aos escritos dedicados ao conceito de ‘consciência’. González (2011, p. 165), a este respeito, aponta que *Vigotsky a diferencia de la ‘psicología de las profundidades’ de Freud –Tiefenpsychologie–, él construiría una ‘psicología de las alturas’*⁹. Por conseguinte, investigar acerca da presença de elementos sugestivos de uma noção de ‘inconsciência’ é possível e importante para aperfeiçoar a própria compreensão sobre a ‘consciência’. Desta forma, circunscrevemos como problema de pesquisa a investigação em um conjunto delimitado de textos que abordam os fundamentos teóricos e metodológicos da obra de Vigotski, que nos fornecerá pistas sobre a fertilidade de sua apropriação do referencial teórico do materialismo histórico-dialético para pensar o problema filosófico do ‘inconsciente’, que também permeia o saber psicológico.

Consideramos que o ‘inconsciente’ não é uma ‘coisa’, mas estamos diante de uma questão filosófico-epistemológica que envolve o problema da verdade e questões como a

⁸ O nome do autor foi traduzido de diversas formas, tanto no exterior como no Brasil. Em Portugal e nos Estados Unidos costuma-se utilizar Vygotsky, nas *Obras Escogidas* (1997), de tradução espanhola, utiliza-se Vygotski. Nós escolhemos utilizar a grafia Vigotski, visto que é a empregada na compilação *Teoria e Método em Psicologia* (1999) e por considerarmos a mais próxima do nosso idioma. Para a linha teórica de referência deste autor adotamos a nomenclatura de *Psicologia Histórico-Cultural. Em citações literais respeitaremos a grafia utilizada, tanto com relação ao nome do autor, como da teoria histórico-cultural, Psicologia Sócio-Histórica ou escola de Vigotski.*

⁹ Vigotsky ao contrário de ‘psicologia das profundidades’ de Freud -Tiefenpsychologie - ele construiria uma ‘psicologia das alturas’ (nossa tradução).

possibilidade, a origem, os limites, a essência, as formas e o valor do conhecimento. Por exemplo:

a questão de os animais possuírem ou não consciência não pode ser resolvida experimentalmente, trata-se de uma questão gnosiológica. E o mesmo ocorre no caso do inconsciente: nenhuma das vivências anormais pode servir por si mesma para demonstrar que é necessária uma explicação psicológica e não fisiológica. Estamos diante de uma questão filosófica que é preciso resolver teoricamente antes que possamos nos dedicar a explicar fatos concretos (Vigotski, 1930/1999, p. 138).

Coerentemente com a necessidade de formulação teórica, no Capítulo 2 dissertamos sobre a metodologia da pesquisa realizada, a pesquisa bibliográfica dialética e justificamos, mais detidamente, a escolha de alguns dos textos constantes na compilação *Teoria e método em psicologia* (1999) de Vigotski como fonte basilar.

Para perseguir o itinerário da construção teórica e metodológica da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, desenvolvendo a mediação adequada entre a filosofia materialista histórico-dialética e os fenômenos psíquicos, será necessário abordar o movimento histórico de sua produção teórica, relacionado aos problemas práticos de seu contexto. Para isso, no Capítulo 3 realizamos uma sucinta revisão sobre a biografia de Vigotski, relacionada ao seu projeto de construção de uma Psicologia Histórico-Cultural e a contextualização desta com a então nascente União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Os psicólogos soviéticos, para combater o idealismo subjetivista da ‘Psicologia burguesa’, tenderam a considerar científicas a Fisiologia, a Neurologia ou a Reflexologia, que se aproximavam das ciências naturais. De acordo com Vigotski, o método experimental clássico é limitado por um projeto objetivista viciado, que apenas torna possível a construção de princípios excessivamente gerais. No caso da Reflexologia, que tinha como principais representantes Wladimir Bekhterev¹⁰ e Ivan Pavlov¹¹, de forma contraditória, o objetivo de construir uma ciência concreta e objetiva que explique a totalidade do comportamento humano possibilitou apenas a construção de leis gerais e

¹⁰ Vladimir Mikhailovich Bekhterev (1857-1927) foi um neurologista russo que realizou uma grande quantidade de pesquisas que contribuíram para a compreensão do cérebro. Estabeleceu o primeiro laboratório de psicologia experimental na Rússia em 1886 para estudar o sistema nervoso e as funções de zonas do cérebro. Notou o papel do hipocampo na memória, envolveu-se no diagnóstico de doenças neurológicas e concorreu com Ivan Pavlov sobre o estudo dos reflexos condicionados. Considerado como um dos principais fundadores da psicologia objetiva, ou seja, do princípio de que todo comportamento pode ser explicado através dos reflexos objetivamente observados. Que se tornaria a base da Reflexologia e do Behaviorismo.

¹¹ Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) foi o fisiólogo-reflexólogo russo que ao estudar o reflexo salivar inato em cães expostos a estímulos palatares, percebeu que o reflexo poderiam ocorrer associado a estímulos anteriormente neutros, desde que devidamente repetidos de forma emparelhada aos primeiros. Desta forma desenvolveu a teoria sobre o reflexo condicionado, que serviu de base para o desenvolvimento da Reflexologia e da Psicologia do Comportamento.

abstratas sobre os comportamentos mais simples e elementares. Em vista disto, no Capítulo 4 apresentamos nosso objetivo de analisar elementos que apontem para uma noção de ‘inconsciente’ em especial no texto *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925/1999).

Para Vigotski a saída da crise da Psicologia seria a superação dos limites do experimento clássico por meio da ampliação para outros métodos mais adequados à complexidade do comportamento humano, de modo a aprofundar o estudo do círculo de fenômenos determinantes. Desta forma a síntese seria uma Psicologia objetiva e rigorosa que tenha os fenômenos psicológicos, em especial, a consciência como objeto de estudo, por mais que isso pareça paradoxal tanto para as concepções idealistas como para o materialismo mecanicista. Portanto no Capítulo 5 buscamos dar os delineamentos finais para a formulação do problema do ‘inconsciente’, em relação dialética com a consciência, segundo a Psicologia Histórico-Cultural como fundamentada por Vigotski nos seus textos teóricos e metodológicos, mais especificamente, no *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica* (1927/1999) e no *A psique, a consciência, o inconsciente* (1930/1999).

Coerente com a proposição de Vigotski de que uma adequada formulação teórica da questão da consciência possibilitaria erigir, em bases seguras, o edifício de uma Psicologia subsidiada pelos pressupostos do materialismo histórico-dialético, buscamos, nos textos compilados no *Teoria e método em psicologia* (1999), desenvolver noções de ‘inconsciente’, para que possamos na análise dos dados presentes no Capítulo 6, com a devida fundamentação teórica e filosófica, comparar com noções desenvolvidas por pesquisadores que estudaram esta noção a partir das obras de Vigotski. Dentre eles, Alejandro González (2011), Carl Ratner (1994/2012), Livia dos Santos e Inara Leão (2012). Estes concordam que o tema do ‘inconsciente’ atravessou as discussões de Vigotski sobre o fundamento da cultura de modo geral e da arte em específico e indicam a possibilidade de explorá-lo pela perspectiva de sua Psicologia Histórico-Cultural.

Alejandro González (2011), propõe uma interpretação da teoria sócio-histórica para os fenômenos que na Psicanálise são definidos a partir de conceitos como o de inconsciente. Este autor busca reconstruir, a partir das postulações de Vigotski, os conceitos de Repressão, Processo Primário e Formas de Funcionamento inconsciente. Desta forma, resgata as contribuições psicanalíticas que podem ajudar a compreender a constituição da subjetividade. Em outra perspectiva, Carl Ratner (1994/2012) discute que muitos estudiosos, incluindo filósofos sociais da Escola de Frankfurt e antropólogos

psicológicos, argumentam que a abordagem histórico-cultural da Psicologia pode compreender a organização cultural e histórica do fenômeno consciente, entretanto não pode explicar plenamente os fenômenos psicológicos inconscientes, sutis e misteriosos. Mas Ratner (2012) contesta e defende que a análise da Psicologia Histórico-Cultural pode sim esclarecer fenômenos considerados inconscientes, sem precisar ser suplementada por conceitos freudianos. Segundo o autor, o intento de recorrer à Psicanálise freudiana não seria possível, visto que são doutrinas que partem de princípios incompatíveis, nem desejável, pois Ratner (2012) considera que os conceitos psicanalíticos interpretam fundamentalmente mal a psicologia humana e o inconsciente em particular, ou mesmo necessário, visto que a Psicologia Histórico-Cultural pode explicar de maneira superior os fenômenos do inconsciente a partir de si mesma. Livia dos Santos e Inara Leão (2012) por sua vez, analisaram a concepção de ‘inconsciente sócio-histórico’ como aqueles conteúdos e processos que não possuem significado nem sentido; que são cultural e socialmente negados a alguns indivíduos, grupos ou classes, mas que continuam a existir e, portanto, atuar sobre eles. Sob este âmbito, reconhecer avanços consolidados nos esforços já realizados nos possibilitará dar contornos mais amplos à viabilidade do nosso objetivo.

Alejandro González (2011) aponta que, em comparação aos escritos dedicados ao inconsciente, Freud tem poucas passagens dedicadas a compreender o funcionamento do consciente. Para o autor o trabalho de Freud sobre uma definição de ‘consciência’ se assemelha muito ao que Vigotski denunciou, no Congresso Pan-Russo de 1924, como a maior falência da Psicologia: abandonar qualquer possibilidade de explicar o ‘consciente’ e assumir unicamente uma posição descritiva. Isso implica que para González (2011) é muito difícil aceitar que se possa estabelecer o funcionamento de qualquer processo que se defina pela ausência de outro cuja natureza se desconhece.

Como já ressaltamos, ao contrário de Freud, Vigotski tem muito menos passagens dedicadas a desenvolver uma concepção de ‘inconsciente’, em comparação aos escritos dedicados à consciência. Portanto, considerando que a recíproca da formulação de González (2011) é pertinente, nos parece fundamental a Psicologia Histórico-Cultural aprofundar a explicação do ‘inconsciente’, uma vez que, dialeticamente, se não compreendermos o que é o ‘inconsciente’, não podemos compreender de forma clara o ‘consciente’. Enquanto a primeira exigência para a hipótese de trabalho de Vigotski (1925/1999, pp. 63-64) é a *necessidade de considerar a consciência nem biológica, nem fisiológica, nem psicologicamente como uma segunda categoria de fenômenos*, a segunda exigência seria que a sua hipótese de trabalho *deverá explicar sem a menor fissura aqueles*

problemas fundamentais relacionados com a consciência, entre eles o conceito do inconsciente. Desta forma, em síntese, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar elementos que apontem condições de possibilidade para pensar possíveis noções sobre o termo ‘inconsciente’ a partir dos textos teóricos e metodológicos de L. S. Vygotski. Devido a sua pertinência com relação ao objeto de estudo aprofundaremos mais especificamente na análise dos textos: *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925/1999); *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica* (1927/1999); *A psique, a consciência, o inconsciente* (1930/1999).

Concordamos com Santos e Leão (2012) quando estas atentam para a circunstância de que ainda há enormes possibilidades para se explorar a respeito do caráter histórico-cultural e dialético do inconsciente. A noção de ‘inconsciente’ tem uma presença maciça no desenvolvimento das teorias psicológicas, havendo também inúmeras polêmicas relacionadas à definição conceitual do termo e ao seu estatuto epistemológico dentro da própria Psicologia Histórico-Cultural, na qual este foi muito pouco trabalhado. Consideramos portanto que a presente pesquisa busca contribuir para uma sistematização da polissemia com que o termo é utilizado, de modo coerente aos fundamentos desenvolvidos por Vigotski, provocando, desta forma, novas perguntas e novas pesquisas para que possamos avançar coletivamente na sua compreensão.

2. Método

Existe certa polêmica sobre a fidedignidade das produções de Vigotski¹². Tanto em quantidade, pois especula-se que existem ainda obras inteiras e fragmentos inéditos, guardados, censurados ou perdidos para sempre, quanto em qualidade, pois de acordo com Tuleski (2000), grande parte das interpretações do pensamento de Vigotski ainda tem por fonte de pesquisa a tradução estadunidense das obras *Pensamento e Linguagem* e *A Formação Social da Mente*. Estas fontes podem gerar falhas interpretativas uma vez que não são traduções literais do original em russo, mas ‘resumos’ simplificados dos quais foram eliminadas certas discussões para que, de acordo com os tradutores, aumentasse a clareza e a legibilidade das obras.

Se a difusão desmembrada das ideias de Vigotski no ocidente tornou mais fácil a sua absorção tendenciosa pelos paradigmas existentes de modo que uns mais que outros entram frequentemente em contradição direta com os fundamentos marxistas presentes na formulação da Psicologia Histórico-Cultural. Trabalhar com a menor fragmentação e o mais diretamente possível com uma boa tradução das obras fundamentais do processo de construção teórica de Vigotski é importante para que se observe a coerência interna de sua produção e no diálogo com outros autores diminuir o risco de um ecletismo infundado.

Os estudos da produção de Vigotski enfrentaram inicialmente dois problemas: Primeiro, romper com a censura do governo stalinista da década de 1930. Com relação a este problema, teríamos ganhos com o acesso aos manuscritos de Vigotski que não desapareceram e nem foram alterados pela censura. O segundo problema é romper com a censura burguesa, operada principalmente pelos tradutores estadunidenses, que buscaram negar, ignorar e finalmente condenar sua formação marxista e seu compromisso com a construção da sociedade comunista. Mas Tuleski (2000) aponta que este último pode ser resolvido com a utilização das traduções espanholas, mais fiéis a compilação do original em russo das *Obras Escolhidas*, organizado por Alexander Zaporozhét (1905-1981), Daniil Elkonin (1904-1984), Alexander Luria (1902-1977), entre outros, reconhecidos colaboradores de Vigotski.

No Brasil Vigotski passou a ser lentamente difundido apenas durante a segunda metade da década de 1970. O processo de redemocratização durante a década de 1980 ofereceu melhores condições para a formação de grupos de estudiosos das obras de

¹² Parte destas polêmicas são indicadas por Alvarez e del Río (1990) no prólogo a edição em língua castelhana do Tomo I das *Obras Escogidas* (1997).

Vigotski na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), que influenciaram a formação de outros grupos inicialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No final dos anos 1960 e início dos 1970, junto ao encrudescimento da ditadura militar no Brasil, também aconteceram marcantes transformações e mobilizações estudantis na PUC-SP, onde Silvia Lane então lecionava na Faculdade de Psicologia.

Consideramos essencial ressaltar o papel de Silvia Lane, que juntamente a Bader Sawaia e um grupo de pesquisadores, atuaram como pesquisadoras participantes nos bairros operários de Osasco e possibilitaram fundar as bases da Psicologia Comunitária no Brasil. De acordo com Bock, Ferreira, Gonçalves e Furtado (2007, p. 51) estes trabalhos acumularam para que posteriormente junto ao grupo de professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP – Bader Sawaia, Suely Rolnik, Leonor Gaioto, Antônio Ciampa, Maria do Carmo Guedes, entre outros – questionassem profundamente a hegemonia dos parâmetros estadunidenses positivistas da Psicologia Social da época. O projeto de construção de uma Psicologia Social voltada a realidade brasileira e latino-americana ganhou mais espaço a partir da relação de Silva Lane e Maria do Carmo Guedes com outros pesquisadores latino-americanos – como Martín-Baró, Fernando González Rey, dentre outros – e com a consolidação, em 1972, do programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da PUC-SP. O que possibilitou que Silvia Lane se tornasse uma das mais importantes teóricas da Psicologia Social brasileira e, junto a outros profissionais e professores, fundassem em 1980 a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO).

Segundo Sawaia (2001), ter a realidade material como parâmetro para a conceituação teórica era uma marca de Silvia Lane que inicialmente se interessou pela Psicologia experimental do analista do comportamento estadunidense Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) e sua proposição do Behaviorismo Radical como representante da possibilidade de abertura para o materialismo na Psicologia, o que a ajudou a compreender a Psicologia Social soviética. Esta preocupação se traduziu em uma postura metodológica e em uma práxis que buscou tomar o marxismo como postura epistemológica e o materialismo histórico e dialético como postura metodológica necessária a superação da ideologização da Psicologia. Através da pesquisa de vários autores proeminentes da Psicologia Social, Silva Lane e seu grupo de pesquisa, puderam desenvolver um rico aporte teórico. Mas, segundo Bock, Ferreira, Gonçalves e Furtado (2007, p. 51), foi a redescoberta de Vigotski e seu grupo de pesquisa *que tornou possível o salto de qualidade que levou à fundamentação das categorias básicas do psiquismo*, que culminou com a

produção da chamada Psicologia Sócio-Histórica e a possibilidade de minimização dos prejuízos da censura e deformação operada principalmente pelos tradutores estadunidenses das obras de Vigotski que chegavam ao Brasil.

Todas as partes do Tomo I das *Obras Escogidas* (1997) já estão disponíveis em português em textos que desfrutaram de reconhecimento na comunidade acadêmica que se ocupa da obra de Vigotski: parte em *O Desenvolvimento Psicológico na Infância* (1999) e na obra *Teoria e Método em Psicologia* (1999) integralmente. Utilizamos de forma mais detida, como fonte bibliográfica para esta pesquisa, três textos de Vigotski que contemplam o movimento de fundamentação teórica e metodologia da Psicologia Histórico-Cultural. Inicialmente o texto *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925/1999), proveniente de uma conferência proferida no Instituto de Psicologia de Moscou em 1924 e publicada em 1925. Posteriormente, *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica* (1927/1999), texto que Vigotski manuscreeveu em hospitais e sanatórios enquanto se recuperava de crises de tuberculose. Esta é a obra de maior densidade e amplitude quanto aos problemas filosófico-metodológicos da Psicologia dos anos vinte. Desapareceu durante a Segunda Guerra Mundial e só veio a ser publicado 1982 na União Soviética. Uma obra ‘divisora de águas’ em que Vigotski (1927/1999) realiza o que Iarochovski e Gurguenidze (1999) chamam de ‘crítica da razão psicológica’. Demonstrando um enorme conhecimento da literatura psicológica de sua época, analisa os fundamentos da crise da Psicologia do século XX e prepara o caminho para a fundamentação da Psicologia Histórico-Cultural. Finalmente, nos deteremos também sobre o texto *A psique, a consciência e o inconsciente* (1930/1999). Este foi publicado em 1930 mas não se sabe quando foi escrito. Todos os três textos, que figuram no primeiro tomo da compilação intitulada *Teoria e Método em Psicologia* (1999), foram selecionados devido à possibilidade de tomá-los como exemplares dos momentos por que passou a constituição teórica da Psicologia Histórico-Cultural, assim como por fazerem uma menção mais direta ao tema do ‘inconsciente’.

Assim como Prestes (2012, p. 404), compreendemos que de acordo com a filosofia do método de Vigotski os fenômenos¹³, como os denominados de inconscientes, podem servir *apenas de apoio para a teoria ou contribui para refletir a respeito dos horizontes que se abrem com a metodologia da investigação*. Dessa forma entendemos como fundamental a sólida apropriação da teoria e método de Vigotski compilados no *Teoria e*

¹³ Como para a Psicanálise, por exemplo, a hipnose e a histeria são utilizadas como exemplo de fenômenos férteis para observar manifestações de natureza inconsciente.

método em psicologia (1999) antes de nos debruçarmos sobre os fenômenos concretos. Ainda de acordo com Zoia Prestes (2012, p. 406) *a teoria criada e desenvolvida por Vigotski não é fechada, ela é aberta, inacabada. Não é à toa que várias outras teorias foram desenvolvidas com base nela. Um exemplo pode ser a teoria da atividade de Leontiev*. Portanto apesar de Vigotski não ter desenvolvido sobre este tema em específico de forma conclusiva consideramos que podemos extrair, ao menos em caráter inicial, interpretações possíveis para o conceito de inconsciente, que sejam coerentes com seu desenvolvimento teórico e metodológico.

Pode-se notar que Vigotski não constrói uma Psicologia especulativa e o problema metodológico ocupa o ponto central de sua produção teórica. Não uma metodologia limitada a um mimetismo empirista e experimentalista, mas uma aproximação metodológica muito carregada teoricamente. Assim como Vigotski, compreendemos também que a construção filosófica acerca da metodologia é condição fundamental para se analisar conceitos e noções de um edifício teórico. Os seus textos sobre *Teoria e método em psicologia* (1999) se apresentam como este requisito necessário para o domínio sólido e a realização de muitas tarefas que para Vigotski foram interrompidas pela morte precoce aos 37 anos de idade.

Utilizaremos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, que é um tipo específico de pesquisa documental, uma busca e análise sistemática do acervo bibliográfico selecionado no parâmetro temático com relação aos objetivos. Concomitante a identificação e análise de elementos que apontam para uma noção de inconsciente nos textos compilados no *Teoria e método em psicologia* (1999), principal suporte bibliográfico para essa investigação, pesquisamos também outras obras relacionadas a este parâmetro que nos permitiu cotejar concepções de ‘inconsciente’ a partir de alguns pesquisadores que estudaram esta noção em Vigotski como Alejandro González (2011), Carl Ratner (2012), Lívia dos Santos e Inara Leão (2012).

De acordo com Telma de Lima e Regina Mioto (2007) a pesquisa bibliográfica não é uma simples revisão de literatura, pré-requisito para toda e qualquer pesquisa, mas é um conjunto ordenado de procedimentos atentos a um exame minucioso do objeto de estudo e a busca por soluções. A principal técnica da pesquisa bibliográfica é a leitura atenta e disciplinada. Esta se orientou inicialmente como uma leitura de reconhecimento do material bibliográfico, uma leitura exploratória, sucessivamente a leitura mais seletiva, reflexiva ou crítica e finalmente a leitura interpretativa. Estes procedimentos não se dão de forma linear e mecânica, mas por aproximações sucessivas ao problema de pesquisa,

sempre abertas a voltar ao objeto de estudo para melhor defini-lo e mais claramente reformulá-lo.

Analisar elementos que apontem para uma noção de inconsciente nos textos teóricos e metodológicos de Vigotski pode fazer com que os extrapolemos e trazer surpresas típicas do trabalho de investigação acadêmica que, segundo Zoia Prestes (2012, pp. 406-407)

não devem ser percebidas como desvios e sim como possibilidades criativas (...) Fazer ciência é criar e, numa pesquisa bibliográfica, por mais que ela esteja baseada no que está escrito, há possibilidades de criar e isso, de maneira alguma, rompe com o rigor de uma pesquisa.

Conforme Lima e Miotto (2007) a pesquisa na perspectiva dialética não é apenas descritiva, como uma transposição mecânica da realidade para o pensamento. Após a investigação inicial e elaboração do projeto de pesquisa buscamos realizar uma revisão crítica de alguns conceitos existentes no material bibliográfico, podendo assim incorporá-los ou superá-los. Desta forma buscamos realizar uma interlocução e aproximação crítica do objetivo proposto, uma síntese integradora do conhecimento acumulado. Concordamos com Lima e Miotto (2007, p. 44) quando reafirmam que *a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.*

Um tema importante que atravessa toda esta dissertação é a relação de Vigotski com o marxismo e o método extraído da filosofia materialista histórico-dialética. Como já foi mencionado, as reflexões marxistas de Vigotski, ou sua filiação comunista, foram consideradas, por alguns tradutores, de importância secundária para a compreensão de seus conceitos e foram ‘limpadas’ das obras. Tuleski (2000) levanta que esta ‘asepsia’ do pensamento marxista das obras resumidamente traduzidas de Vigotski e o equívoco de considerá-la como uma imposição ideológica pós-revolucionária ajudou a gerar a polêmica se Vigotski era ou não era marxista.

Segundo Tuleski (2000) essa controvérsia se enfraquece na medida em que uma leitura mais abrangente e aprofundada das obras de Vigotski esclarece como seu trabalho teórico enraíza-se nas grandes questões da sociedade russa, na nascente União Soviética e na transformação socialista do ser humano. Tuleski (2000) afirma ainda que as críticas, retaliações e proibições das obras de Vigotski durante o governo de Stálin na década de 30

apenas evidenciam a sua luta contra a ‘marxistização artificial’ que vinha tomando a produção em Psicologia e o projeto de construir uma Psicologia coerentemente marxista.

Atualmente, seja pela tendência fragmentadora do pensamento contemporâneo, por razões político-ideológicas, ou por dificuldades no entendimento do pensamento dialético e histórico de Vigotski, mantêm-se vivas ‘interpretações’ da teoria vigotskiana que privilegiam alguns aspectos em detrimento de outros, traduzem linearmente suas ideias, eliminam ‘questões polêmicas’ e sua historicidade. Desta forma alguns comentadores ignoram os aspectos que o autor intencionalmente buscou evidenciar, assim como ignoram que este se trata de um homem de seu tempo.

Para Tuleski (2000) esta ‘leitura’ da obra vigotskiana tem dado margem a ‘interpretações’ abstratas de seus conceitos e pressupostos teóricos, de forma a desconsiderar grande parte de suas circunstâncias históricas e seu esforço por construir uma Psicologia marxista. Intentamos realizar a análise de suas obras a luz do materialismo histórico-dialético. Concordamos com Zoia Prestes (2012, p. 404) quando afirma que *os dados que obtivemos, ao longo das leituras das obras, são analisados à luz da teoria que escolhemos e, como afirma Vigotski, dizer que uma pesquisa não está baseada em nenhuma teoria já revela uma posição ideológica assumida.*

Desta forma, concebemos que é de importância central a consideração dos pressupostos teóricos materialistas histórico-dialéticos na metodologia da pesquisa bibliográfica realizada. Buscamos seguir o caminho do geral, da sua contextualização histórica, teórica e metodológica, para o problema específico de interpretações possíveis para o termo ‘inconsciente’, para então retornar ao problema geral, sua relação com os movimentos sociais, os movimentos massivos, a alienação e a ideologia desde a perspectiva da generalização das interpretações obtidas. Buscamos identificar possíveis lugares para o termo ‘inconsciente’ no âmbito da produção teórica do autor. Compreender seu método *ajuda na leitura de suas obras e na análise de seu pensamento* (Prestes, 2012, p. 406). Consideramos portanto que, melhor do que uma exposição filosófica em alto grau de abstração, é mais enriquecedor elaborar como o método surge intrinsecamente vinculado a seus problemas concretos e construções teóricas.

3. L. S. Vigotski e o projeto de uma Psicologia Histórico-Cultural

Assim como o materialismo e a dialética, a historicidade atravessa a construção teórico-conceitual de Vigotski e tem de ser considerada na ‘leitura’ que se faz atualmente de sua produção. A aproximação desenvolvimentista que Vigotski realiza dos fenômenos psíquicos, assim como seu estudo da história da Psicologia como caminho para compreensão do estado da disciplina, nós devemos agora aplicá-la a sua própria obra.

Silvana Tuleski (2000) constata que as interpretações a-históricas das obras de Vigotski podem operar integrações ou ‘adaptações’ a paradigmas atuais e ‘novas’ denominações à Psicologia Histórico-Cultural, classificando-a de sócio-construtivismo, sóciointeracionismo, sóciointeracionismo-construtivista, construtivismo pós-piagetiano, entre outros. A autora chama atenção para os novos significados que podem acompanhar as novas denominações que incorporam e destroem o potencial revolucionário original da produção. Portanto consideramos importante trazer de maneira sucinta a biografia do autor, relacionada à sua construção teórica e a relação destas com a então nascente União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Segundo Tuleski (2000, pp. 6-7) *as leituras e interpretações encontram seus limites nas formas de pensar e interpretar a realidade, produzidas na luta pela organização da sociedade*. Portanto, com este ingresso histórico buscamos realçar que os textos de Vigotski tomados em si mesmos podem parecer abstratos e só adquirirem corpo a partir das questões postas pelos seres humanos em sua situação social e histórica. Sua criatividade científica deriva das necessidades e possibilidades existentes em seu tempo a partir das condições materiais e psicológicas necessárias.

Concordamos com Tuleski (2000) quando afirma que desconsiderar o campo que faz germinar a teoria de Vigotski, trasladando-a para outro campo, autoriza sua vulgarização e sua assepsia neutralizadora. Pois, assim como a autora, partimos do pressuposto de que

é no campo próprio da batalha humana que as ideias, os conceitos ou teorias encontram seu pleno significado histórico, e que o campo concreto de batalha, em que se transformou a sociedade russa pós-revolucionária para tornar-se diferente do que era, está vivo nas linhas e entrelinhas das ideias, dos conceitos, enfim, da teoria de Vygotski (Tuleski, 2000, p. 1).

Lev Semenovich Vigotski nasceu em 17 de novembro de 1896 em Orsha e morou em Gomel no sudeste da Bielorrússia. Foi o segundo filho de uma família de oito filhos. Seus pais eram membros de uma comunidade judaica hostil ao czar, hostilidade esta

acentuada pelas medidas antissemitas adotadas pelo monarca. Eram bem instruídos e donos de boa condição financeira, o que proporcionou tutores particulares e uma boa educação aos oito filhos. Pelo que consta, Vigotski deve muito a sua mãe que o incentivou em seu enriquecimento cultural e posteriormente também a sua irmã Zinaida, já na universidade quando moraram juntos, com a qual compartilhava interesse pelos desenvolvimentos na Linguística, na Filologia e nos escritos de Espinoza¹⁴. Segundo Jimenez e Carmo (2009), Vigotski ainda na adolescência se interessou muito por poesia, teatro, literatura, além de ler e falar oito línguas e conduzir um círculo de estudos judaicos no interior do qual passou a se interessar por Hegel e, posteriormente, por Marx e Engels.

Em 1914 Vigotski é sorteado, dentro da cota de três por cento para judeus, para estudar na Universidade de Moscou. Judeus não tinham permissão para serem funcionários públicos, portanto História e Filologia não eram boas opções, visto que tendiam a levar a posição de professor de escola secundária. Conforme Jimenez e Carmo (2009), Vigotski começou estudando Medicina, mas logo se transferiu para o Direito, além de frequentar a Universidade do Povo Shaniavsky, onde estudou História, Filosofia, Psicologia e Literatura.

Van der Veer e Valsiner (1996) relatam que até 1917, com vinte anos de idade, Vigotski já havia publicado quatro resenhas literárias, quando gradua-se nas duas Universidades. Durante os anos turbulentos da revolução socialista na Rússia, inicia um período de grande atividade intelectual e profissional em Gomel, onde lecionou na Escola Trabalhista Soviética, no Colégio Pedagógico de Gomel, na Escola Noturna para Trabalhadores Adultos e em Cursos Preparatórios para Pedagogos, onde desenvolve seus estudos em Estética, História da Arte e Psicologia da Arte e Pedagogia. O intenso clima de atividade científica coexiste com o ambiente revolucionário, a guerra civil e as invasões militares dos aliados ocidentais. A economia deteriorava-se impondo severas condições materiais de vida. Em 1918 seu irmão mais novo, Dodik, morre em seus braços, acometido pela tuberculose e em 1920, com 24 anos, o próprio Vigotski tem o primeiro ataque deste mal, quando pede a Yuly Aikhenwald que publique suas obras caso ele morra, o que não foi o caso.

Por um lado Davidov e Zinchenko (1995, p. 153 como citado em Jimenez e Carmo, 2009, p. 4) ressaltam com certo entusiasmo a *realização e consolidação dos primeiros*

¹⁴ Baruch Espinoza (1632-1677) foi um filósofo holandês de século XVII. A filosofia monista de Espinoza opunha-se ao dualismo cartesiano, marco da filosofia do século XVI, e teria sido uma base filosófica para Vigotski elucidar a Psicologia de seu tempo e explicar de forma materialista a relação causal entre o pensamento e o afeto, o conceito e a paixão.

resultados da maior revolução social da história que liberou os trabalhadores das amarras de classe que restringiam seu desenvolvimento intelectual durante séculos e sua incidência no aprofundamento da compreensão de Vigotski sobre a condição humana, as leis de seu desenvolvimento social e histórico, a compreensão de possibilidades estratégicas para a sociedade e conseqüentemente para o ser humano. Reconhecemos que a importância histórica da revolução por si só, já justifica um grande entusiasmo, mas também que este não deve servir para idealizar a primeira experiência da humanidade de construção de um tipo proletário de Estado. Entendemos que Tuleski (2000) busca uma compreensão mais dialética, quando pondera que o conteúdo das lutas de classes (burguesia e proletariado) não desapareceu e a essência não correspondia à aparência social pós-revolucionária; as relações burguesas não desapareceram automaticamente com a abolição jurídica da propriedade privada dos meios de produção e assim não correspondiam ao projeto coletivo socialista. Desta forma concordamos com a indicação de que essas contradições se metamorfosearam nas diversas etapas revolucionárias, ora imprimindo características mais burguesas ora mais socialistas às relações de produção, e é neste bojo de contradições sociais que deve-se extrair o fio condutor para a análise histórica da Psicologia vigotskiana.

Após a Revolução de Outubro de 1917, a legislação antissemita foi abolida, inclusive a que impedia os judeus de ocuparem cargos públicos, possibilitando que Vigotski começasse a trabalhar como professor. De acordo com Leontiev (1979/1996), neste mesmo ano Vigotski começa a ingressar no campo de estudos da Psicologia propriamente dita. Ele já vinha trabalhando no campo da Psicologia da Arte, mas devido à impossibilidade de resolver os problemas que surgiram neste campo com a Psicologia dos anos 1920, dedicou-se paulatinamente aos problemas da Psicologia propriamente dita. Em 1924, casa-se com Rosa Smekhova e parte para Moscou.

Apesar de Vigotski não ter nenhuma educação formal na Psicologia, as transformações econômicas, políticas e científicas de sua época, além de sua formação filosófica e estudos diversos lhe possibilitaram aprofundar na disciplina de forma singular. Ao identificar o idealismo impregnado na Psicologia russa, além de seu grande atraso em relação à Psicologia alemã, francesa e estadunidense, Vigotski busca superar as limitações do que chama de ‘velha Psicologia’. Nesta dicotomia entre corpo e mente era reproduzida e se expressava na hegemonia acadêmica das teorias psicológicas tanto idealistas como materialistas. Vigotski buscou realizar uma síntese dialética e formular a ‘nova Psicologia’ a partir do referencial marxista.

Este objetivo manifestou-se em uma abordagem aprofundada do materialismo histórico e dialético, Marx, Engels e Lênin, além da filosofia de Hegel, Espinoza, Bacon, Descartes, Feuerbach e do exame da Psicologia Reflexológica, Empirista, Gestalt, Psicanalítica, dentre outras. Luria era membro ativo e secretário da Sociedade Psicanalítica Russa quando, a partir de 1926, Vigotski passa a frequentar as reuniões, embora de forma mais comedida e crítica do que Luria, que teve papel destacado na história da Psicanálise na URSS. De acordo com Zoia Prestes (2012, p. 406), Vigotski *viveu numa época em que havia muita liberdade intelectual, talvez a maior que a Rússia já teve, pois era possível ter acesso as obras de autores dos mais diferentes países e das mais diferentes teorias*. Assim Vigotski dialogou com várias correntes de pensamento, reconheceu as potencialidades e os limites da Psicologia ocidental assentada sobre a realidade burguesa. Mas, tendo o marxismo como influência diretora, combateu a marxistização da Psicologia que realizava junções ecléticas e divergentes ontológica, epistemológica e metodologicamente entre os clássicos do marxismo e a Psicologia ocidental. Para Vigotski esta Psicologia marxista vulgar se assemelhava a uma ‘colcha de retalhos’, com citações de Marx e Engels costuradas a citações das interpretações ocidentais dos fenômenos psíquicos, aproximando-se, portanto, das tendências ecléticas da Psicologia burguesa.

Segundo Tuleski (2000), a dicotomia entre as teorias materialistas e idealistas eram afirmações no mundo das ideias da luta do mundo real, as lutas entre duas classes, a dicotomia entre o trabalho braçal e intelectual, entre o interesse individual e a realização social. Desta forma, a superação desta cisão ideal, que estava posta desde o século XIX, estava condicionada pela superação objetiva da dicotomia social. A possibilidade de superação concreta, na prática humana, das relações capitalistas estavam colocadas na Rússia desde o início do século XX com o projeto coletivo comunista. Segundo Leontiev (1979/1996, p. 431) *os psicólogos soviéticos foram os primeiros no mundo a iniciar de forma consciente a construção de uma psicologia nova, marxista*.

A batalha entre concepções diferentes de Psicologia na União Soviética tem como marco o I Congresso Nacional de Psiconeurologia de 1923, a partir do qual se desenvolveu claramente a luta entre os psicólogos que buscavam construir uma Psicologia Marxista, que tinham como referência Konstantin Kornilov (1879-1957), e os psicólogos idealistas, representados por Georgui Tchelpánov (1862-1932). De acordo com a compreensão de que o desenvolvimento do socialismo estaria ligado à revolução técnico-científica, em 1924 Tchelpánov é demitido e o Instituto de Psicologia de Moscou passa a ser dirigido por Kornilov, que começa a incorporar colaboradores de extrema heterogeneidade, mas que

buscavam construir uma Psicologia marxista. Apesar do grande entusiasmo pela reconstrução social o fato é que, segundo Leontiev (1979/1996), estes não tinham formação aprofundada na teoria marxista.

Em 1924 é realizado, em Petrogrado, o II Congresso Nacional de Psiconeurologia, em que Vigotski apresenta sua investigação acerca da explicação da crise da Psicologia em posições marxistas e *reclama a necessidade de tomar a consciência como objeto de investigação de uma psicologia objetiva, ainda que esses termos parecessem, até o momento, inconciliáveis* (Baquero, 1996, p. 19 como citado em Jimenez & Carmo, 2009, P. 8). De acordo com Maurilene do Carmo e Susana Jimenez (2009) a crise da Psicologia já havia sido captada por outros pesquisadores, mas foi Vigotski quem articulou de modo único as experiências do povo russo com a crise vivida pela Psicologia.

A crise da ‘velha Psicologia’, identificada de forma clara por Vigotski, expressava a luta concreta de superação das relações capitalistas de produção, mesmo as que se mantinham na Rússia pós-revolucionária. A construção da nova relação comunista de produção possibilitaria a construção da ‘nova Psicologia’, o vínculo das construções teóricas às necessidades sociais práticas e a superação das relações capitalistas. Este contexto era propício para a superação do clássico antagonismo entre a Psicologia materialista e idealista, suas implicações reducionistas e a aparente pureza abstrata de suas elaborações teóricas. Vigotski buscou rever a ‘velha Psicologia’ em seus pontos positivos e negativos, em seus avanços e retrocessos, e superar seus reducionismos historicamente determinados pela continuidade da luta de classes no interior da sociedade russa pós-revolucionária *que assumia um caráter cada vez mais agressivo no mundo das ideias, tal como se fazia na vida prática a expropriação da burguesia* (Tuleski, 2000, p. 8).

Vigotski teria apresentado três trabalhos no II Congresso Nacional de Psiconeurologia (1924), dois sobre as suas experiências pedagógicas em Gomel e um sobre os métodos reflexológicos e psicológicos, que causou especial impressão nos ouvintes. Nesta apresentação Vigotski (1925/1999) crítica o reducionismo e a pobreza dos resultados da Reflexologia de Pavlov e Bekhterev para compreender o complexo comportamento humano, devido principalmente à ignorância das ‘experiências subjetivas’, que apesar de serem reconhecidas eram consideradas impróprias a metodologia científica. Van der Veer e Valsiner (1996) ressaltam que o ataque à Reflexologia e a defesa de um estudo monístico e objetivo dos processos conscientes se aproximavam das concepções freudo-marxistas, defendida por Luria até então, mas principalmente do método defendido pela Reactologia

de Kornílov, que o convida para trabalhar no Instituto de Psicologia Experimental de Moscou.

Até os primeiros anos da década de 1930 Vigotski atinge uma intensa produtividade no trabalho científico. Além de lecionar Pedagogia, Psicologia, fazer diversos trabalhos editoriais, a partir de 1931 torna-se presidente da Associação Sindical de Trabalhadores da Ciência e Técnica para a Promoção da Edificação Socialista na URSS, além de também ser eleito para deputado na seção de educação popular do Frunze Soviético, um distrito de Moscou. Por volta de 1928, através da *assimilação crítica de Werner, Stern, Karl e Charlotte Buhler, Kohler, Piaget, James, Thorndike e muitos outros* (Blank, 1996, p. 38 como citado em Jimenez & Carmo, 2009, p. 8), Vigotski começa a desenvolver as bases para a ‘nova Psicologia’, histórico-cultural. Segundo Van der Veer e Valsiner (1996), a partir de 1924, quatro ou cinco anos se passaram para que fossem superadas algumas divergências e Vigotski e Luria começassem a trabalhar em cooperação, e mais tempo ainda para a entrada de Leontiev para o grupo. Tratava-se do projeto de construção de uma Psicologia marxista, uma nova ciência do ser humano à qual, junto a seu grupo, Vigotski se dedica e se entrega por inteiro, apesar das precárias condições materiais, exaustivas jornadas de trabalhos extras, ataques de tuberculose e internações constantes em hospitais e sanatórios superlotados.

Dentre os trabalhos escritos por Vigotski entre 1924 a 1927 nós nos detemos sobretudo no texto *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925/199) e no livro *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica* (1927/1999) obra que contém uma análise acurada da Psicologia na época, marcando o desenvolvimento da Psicologia Histórico-Cultural e a necessidade da Psicologia desenvolver seu próprio *O Capital* (Marx, 1867/1905). Neste período, são formulados os princípios fundamentais da Psicologia Histórico-Cultural. De acordo com Blank (1996 como citado em Jimenez & Carmo, 2009) entre 1929 e 1930 Vigotski além de ter desenvolvido estudos sobre arte, literatura e realizado diversas conferências e seminários escreveu mais de cinquenta trabalhos dentre os quais destacamos *A psique, a consciência, o inconsciente* (1930/1999).

Assim como Marx (1867/1983), Vigotski buscou romper com o inatismo biologicista ao traçar um salto qualitativo entre o ser humano e o animal, demonstrando que no ser humano, através do trabalho e da linguagem, o desenvolvimento histórico se sobrepõe ao hereditário e biológico. Rompe também com a concepção de uniformidade e universalidade estática de determinadas características psicológicas ao traçar a dinâmica do

psiquismo infantil ao adulto, assim como traça a dinâmica de mudanças histórico-culturais e psicológicas do ser humano primitivo ao moderno. Como já ressaltamos, a Psicologia de Vigotski estava intrinsecamente vinculada à intensificação da luta de classes nas relações de produção da União Soviética. Já no início da decadência da URSS, coube então à Psicologia a possibilidade prática de combater as tendências burguesas para contribuir com uma educação que favorecesse a formação do ‘novo homem’ comunista. Tratava-se também de *desenvolver uma concepção de homem comunista que fosse possível ser aplicada à educação* (Tuleski, 2000, p. 13).

Conforme Tuleski (2000, p. 14), este projeto significava que *o homem deveria ser capaz de entender e controlar suas funções psicológicas tanto quanto fora capaz de entender e controlar a natureza e a sociedade*. Mas a situação conjuntural política e econômica da URSS em guerra (‘quente’ e ‘fria’) não possibilitava o avanço das relações comunistas, assim como a compreensão e o controle social de seu destino. Neste quadro, coube a Vigotski e a ‘nova Psicologia’ o papel na luta de classes de trabalhar para o avanço da consciência comunista, do autocontrole psíquico do indivíduo. No entanto, isso não se daria de forma espontânea, mas através do avanço que fosse possível alcançar por meio da educação soviética, que segundo Tuleski (2000) tendia cada vez mais a se aproximar da educação burguesa.

Como relata Tuleski (2000), a partir de 1930, com o comitê central sobre liderança de Josef Stálin (1878-1953), o Partido Comunista da União Soviética se endureceu. Passou a utilizar indiscriminadamente de coerção externa e de expurgos como forma extrema de conter a contrarrevolução. Em 1934 Vigotski tem seu último ataque de tuberculose e falece aos 37 anos de idade. As críticas que vinha sofrendo se intensificaram com a sua morte, o que culminou com a censura de suas obras em 1936.

No *Prólogo a la edición en lengua castellana* (Alvarez, 1997) do *Tomo I das Obras Escogidas* (Vygotski, 1997) a autora aponta que o mais oficial dos motivos para a censura de Vigotski é a crítica à investigação, realizada com Luria (1933/1990), sobre os camponeses da Ásia Central por entenderem que se atribuíam processos mentais deficitários a estes. Essa crítica não se deu tanto devido às implicações ‘evolutivas’ desta atribuição em geral, mas pelo fato de que a investigação ocorreu quando estes camponeses estavam sendo coletivizados, o que poderia gerar associações do suposto déficit mental com o processo de coletivização.

Mas podem existir ainda outras explicações menos oficiais do que estas. Uma é sobre o espírito objetivo, aberto e internacional do conhecimento de Vigotski. Este se

caracterizava por seu domínio e acompanhamento atualizado da maioria dos idiomas em que se avançava o conhecimento, assim como por valorizar de forma crítica e entusiasta qualquer avanço, mesmo que não procedesse dos pesquisadores soviéticos. A possível pretensão de Stálin de ser reconhecido como cientista marxista da linguagem não o fazia ver com simpatia o materialismo dialético, excessivamente complexo e pouco simplista, por meio do qual Vigotski e outros teóricos soviéticos avançavam nas explicações sobre o ser humano em sua relação com a linguagem e a atividade. Além disso, havia uma desconfiança por parte de Stálin acerca do papel central atribuído a consciência em contradição tanto com o Behaviorismo ocidental quanto com a Reflexologia soviética.

Havia também o ataque do stalinismo à Pedologia – ciência geral da criança com a qual se alinhava Vigotski – e ao modelo de educação defendida pelos pedólogos que, dentre outras peculiaridades, enxergavam limites quanto à possibilidade de transformação dos homens através de reformas da sociedade. Vigotski entra em divergência com o modelo oficial do stalinismo, muito mais ideológico e às vezes rigidamente escolástico. Segundo Oboukhova (2006 como citado em Jimenez & Carmo, 2009, pp. 13-14) o decreto *Sobre as perversões pedológicas no sistema de comissariado do povo para a educação* de 1936 foi o golpe decisivo para a censura das obras de Vigotski.

As obras de Vigotski apenas foram parcialmente reabilitadas no final dos anos 1950 e início dos 1960 do século XX. A partir deste período, iniciou-se com dificuldade a ocupação do histórico vazio editorial deste grande autor que, como brevemente buscamos apresentar, não se deve ler como imediatamente atual, ou de forma fragmentada, sem contextualizar a Psicologia dos anos 1930 e com as grandes questões da sociedade revolucionária de seu tempo. Mas, uma vez contextualizado, consideramos que o sentido de seu discurso e seu método de análise oferecem algumas pistas importantes para investigarmos as condições de possibilidade para algumas noções de ‘inconsciente’.

4. O consciente e o inconsciente: entre a Reflexologia e o Idealismo

Segundo Vigotski (1925/1999), os materialistas mecanicistas e materialistas franceses do século XVIII identificavam o processo psíquico com o processo fisiológico nervoso, reduzindo o primeiro ao último, anulando o problema da psique e apagando a diferença entre as formas anteriores de adaptação da psique e o comportamento psíquico superior. O positivismo se tornou uma importante tradição filosófica durante o século XX. Segundo o autor a explicação fisiológica do subconsciente fecha as portas para a tendência mistificadora das explicações psíquicas, mas a psicologia e os fenômenos com os quais lidava, pareciam desajustados ao método das ciências naturais, herdeira desta tradição científica que apregoava critérios como os de objetividade e neutralidade.

Ainda na Rússia czarista de 1904 Pavlov recebeu o prêmio Nobel por suas pesquisas com as atividades nervosas superiores. Imediatamente após a revolução de 1917 o contexto de fome, guerra e disputas internas convivem com a esperança e os projetos grandiosos e ousados de construção de uma produção social no geral e científica em particular sem precedentes. Nesta conjuntura aprofunda-se o projeto de fundação de uma alternativa materialista para a Psicologia. Em 1921, Lenin assina um decreto que diz dos *incríveis serviços do acadêmico Ivan Petrovich Pavlov, que são de enorme significância para a classe trabalhadora de todo o mundo* (Nobel Foundation, 1967 como citado por Toassa, 2006, p. 60). Pavlov recebe boas condições de trabalho na URSS o que garante as suas produções mais expressivas. Segundo Toassa (2006, p. 60) essas condições refletiram e alimentaram a esperança do meio científico de que a ciência do reflexo de Pavlov forneceria a base para uma nova visão materialista e dialética do psiquismo humano. No início do século XX os psicólogos soviéticos buscaram consolidar um novo projeto de Psicologia científica que se distanciasse da Psicologia filosófica de Tchelpánov. Este projeto, inaugurado por Pavlov, passou pela Neurofisiologia de Sechenov¹⁵ até a Psicologia Objetiva denominada Reflexológica por Bekhterev e *o reflexo como unidade maior que o atomismo associativo só veio a ser repensado na Reactologia de Kornilov* (Carvalho, Araújo, Ximenes & Pascual, 2010, p. 14).

Desenvolveu-se o caminho da negação das possibilidades de estudar a psique, pois seu estudo os poria no caminho do pensamento desmotivado, ou das abstrações

¹⁵ Ivan Mikhaylovich Sechenov (1829-1905), foi o fisiologista russo cujo trabalho fundamentou as bases para o estudo dos reflexos, apresentou que a atividade do cérebro está ligado a correntes elétricas e foi a primeira a introduzir Eletrofisiologia e Neurofisiologia em laboratórios e ensino da Medicina, nomeado por Ivan Pavlov como 'o Pai da fisiologia russa'.

subjetivistas que não podiam ser cientificamente submetidas a leis gerais de caráter preditivo.

Do ponto de vista da psicologia, não ocorrem conexões reais nem mesmo entre fenômenos completamente conscientes da vida psíquica, de modo que tais fenômenos não podem ser as causas de algo, nem servir-lhe de explicação. Por isso, na vida interna, tal e como a considera a psicologia, não existe uma causalidade direta, porque a explicação causal só é aplicável aos fenômenos psíquicos, que podem ser considerados como um complemento dos processos fisiológicos. (Munsterberg, 1914, p. 631, como citado por, Vigotski, 1930, p. 141)

A Psicologia objetiva de Pavlov e dos behavioristas estadunidenses, mais especificamente o hoje conhecido como Behaviorismo Metodológico de Watson¹⁶, ignoravam e excluíram os fenômenos psíquicos de suas investigações. Este caminho conduziu a negar e ignorar a psique e, por conseguinte, a Psicologia. De acordo com Vigotski (1925/1999), a renúncia à Psicologia como disciplina científico-natural deveu-se a impossibilidade de estabelecer relações causais entre elementos isolados que desaparecem, reaparecem e têm por característica a sua inconstância, os isolamentos, os intervalos e a impossibilidade de uma observação permanente e constante dos elementos que caracterizam a vida psíquica. Para estes a psique, a consciência e o inconsciente deverão ser substituídos pela Fisiologia do cérebro ou a Reflexologia.

Segundo Vigotski (1930/1999), o grande mérito de Pavlov foi demonstrar que se pode interpretar, predizer e controlar o comportamento do ponto de vista objetivo, da Fisiologia do cérebro, de suas conexões nervosas e das correspondentes conexões de reflexos com as unidades de comportamento, conforme o rigor da ciência natural. Portanto pode-se explicar o comportamento, pelo menos o dos animais não humanos e em princípio também o dos homens, sem se referir a qualquer expressão psicológica, a qualquer vivência interna do animal, ou pensamento indeterminista e desmotivado.

Mas assim também Pavlov reduzia as complexas formas de organização do comportamento humano a sistemas de reflexos condicionados e ignorava os movimentos

¹⁶ John Broadus Watson (1878-1958) foi um psicólogo estadunidense que frequentou os trabalhos de Pavlov em Moscou e desenvolveu o projeto conhecido como 'Behaviorismo Metodológico' com o propósito de converter a psicologia da mente numa ciência natural do comportamento por meio da priorização dos aspectos metodológicos consagrados nas ciências naturais. Este projeto de Psicologia admite a existência de eventos mentais e da consciência, mas como a subjetividade não pode ser observada diretamente e, não se pode extrair uma verdade por acordo, ele exclui termos tidos por mentalistas, como consciente ou inconsciente, das formulações da Psicologia científica. Desta forma o Behaviorismo Metodológico formula leis que relacionam o comportamento observável e os eventos ambientais também observáveis, desconsiderando os eventos mentais na sequência causal. Para esta concepção os estímulos dos eventos ambientais observáveis determinam os eventos mentais não observáveis, mas estes eventos mentais podem ser desconsiderados, pois o efeito, a resposta dos comportamentos observáveis, são causados pela hereditariedade e por aqueles estímulos ambientais, pelos acontecimentos externos antecedentes.

internos e pouco manifestos que orientam e dirigem o pensamento humano. A psique não é um fato secundário ou casual: é impraticável uma Psicologia sem consciência ou sem psique. Enquanto o experimentalismo a ignora o experimentador a solicita, ou seja, *expulsa-se a consciência pela porta, ela volta pela janela* (Vigotski, 1925/1999, p. 86).

Na segunda tese, das *Teses Sobre Feuerbach* (1845), Marx assenta a prática como o principal critério da verdade. Ou seja, a compreensão da realidade, ou a realidade subjetiva, é posta a prova durante seu confronto com a realidade objetiva, o que permite o desenvolvimento do processo de conhecimento. Desta forma, o reflexólogo nega a consciência como categoria teórica, mas recorre à consciência ao prestar contas ao real de sua teoria. Ou, nos termos de Vigotski (1925/1999 p. 63), o próprio método experimental exige a consciência. Apesar do experimentador não ter instrumentos para estudá-las, ele utiliza as reações inibidas conscientes ao organizar previamente a experiência, assim como também a exige do pesquisado ao explicar as condições do experimento e demandar suas respostas de acordo com estas condições.

O Behaviorismo Metodológico não leva em conta o pensamento como mais um comportamento a ser cientificamente pesquisado. Visto isso, no texto *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (Vigotski, 1925/1999), o autor questiona sobre a diferença qualitativa entre o comportamento verbal e uma fala com um volume gradualmente menor, cada vez mais silenciosa, até se tornar um comportamento encoberto ou pensamento.

Onde está a linha de demarcação entre a palavra pronunciada e a palavra não pronunciada? Se meus lábios se movimentaram, se emiti um som baixo, mas inaudível para o experimentador, e daí? Ele pode me pedir para repetir em voz alta essa palavra ou seria um método subjetivo que só é válido para mim? (Vigotski, 1925/1999, p. 83).

Desta forma as reações a um estímulo são sempre bem mais do que as imediatamente observadas pelo experimentador e a palavra não pronunciada em voz alta existe objetivamente mas é ignorada como reação verbal ou reflexo condicionado. Assim Vigotski (1925/1999) sugere que a consciência é um reflexo-excitante reversível, que possui existência objetiva e pode ser objeto de procedimentos experimentais objetivos da Reflexologia, que abandone o materialismo fisiológico e adote um materialismo psicológico.

Ainda neste texto, Vigotski (1925/1999) utiliza a terminologia da ciência dos reflexos, corrente que criticava, para sintetizar suas primeiras considerações sobre a psique, à consciência e o inconsciente. Neste momento ele ainda se mantém nos limites estritos da

Reflexologia e define a consciência como qualquer outro comportamento cujo reflexo torna-se excitante para um novo reflexo, como *um mecanismo de transmissão entre sistemas de reflexos*.

Para Munsterberg¹⁷ (1914, como citado por Vigotski, 1930/1999) não existe nenhum traço entre os atribuídos aos fenômenos inconscientes, nem o de uma manifesta utilidade, em que se possa basear para atribuir a eles uma natureza psíquica. Entretanto Munsterberg (1914) entende que para maior comodidade e clareza deve-se utilizar, na investigação do inconsciente, a terminologia psicológica como etiqueta para os complexos processos fisiológicos nervosos.

Autores como Munsterberg entendiam que a atividade fisiológica cerebral era a única forma de dar resultados francamente racionais e explicar os fenômenos psíquicos, como o inconsciente. Entender o inconsciente como um processo fisiológico evitaria a penetração de pseudofilosofias e o fácil caminho místico ao qual costuma seguir o desenvolvimento teórico quando parte-se do reconhecimento do inconsciente como psíquico.

Em 1925 Vigotski ainda se serve da terminologia reflexológica. Busca levar a unidade explicativa do reflexo condicionado às últimas consequências para explicar as ideias de consciência, linguagem e inconsciente. Assim constata que se a consciência, o ‘dar-se conta’, pode ser entendida nos termos reflexológicos como a transferência entre certos reflexos, o ‘inconsciente’ pode ser pensado como baseado na não transmissão de alguns reflexos a outros sistemas.

Vigotski (1925/1999) ressalta que a literatura científica de seu tempo insiste em não se dar conta do problema da natureza psicológica da consciência, como se não existisse em absoluto. Por não se haver com esse problema a Psicologia científica traz implícita desde o início falhas fundamentais. Quando se ignora o problema da consciência a Psicologia se limita e fecha para si o caminho da investigação de problemas mais complexos do comportamento humano. Vigotski (1925/1999) dá como exemplo o reflexólogo Békhterev (1923) que apresentou apenas princípios universais, que abrangem o comportamento dos homens, dos seres vivos e do conjunto de todo o universo, e desta forma não apresenta nenhuma lei psicológica, nem nada que caracterize a originalidade do comportamento humano em relação aos outros animais.

¹⁷ Hugo Munsterberg (1863-1916), teórico do cinema e psicólogo alemão, um dos pioneiros da psicologia aplicada. Inspirado pelas propostas da administração científica de Taylor desenvolveu as bases para a Psicologia Industrial como instrumento auxiliar a reprodução do capital. Sua psicotécnica busca adaptar mutuamente as habilidades do trabalhador as demandas de trabalho da organização para atingir a melhor eficiência industrial.

O livro de Békhterev *Fundamentos gerais da reflexologia do homem* (1923) gira em torno do experimento clássico de formação do reflexo condicionado, que apesar de ter uma extraordinária importância básica, mostra-se prematuro para derivar deste material reflexológico princípios universais. Assim como pode ser simples extrair leis de outros ramos do saber e aplicá-las à Psicologia, visto que quanto mais amplo e universal for o princípio mais fácil sua adaptação aos fatos e mais vazio seu conteúdo. Vigotski (1925/1999) relata que este problema reaparece em cada autor que tenta formular sistematicamente a doutrina do comportamento do indivíduo do ponto de vista da mera reflexologia.

A tendência a construir um sistema psicológico sem o conceito de consciência faz com que os métodos se vejam privados dos meios mais fundamentais para a investigação de reações não manifestas nem aparentes à primeira vista, como os movimentos internos, a fala interna, as reações somáticas etc. Vigotski (1925/1999) critica os pesquisadores que circunscrevem seus estudos às reações visíveis à primeira vista, pois este limite resulta estéril e injustificável, inclusive para estudar os problemas mais simples do comportamento humano, visto que estes movimentos internos pouco conhecidos são justamente os que orientam e dirigem o comportamento tanto do pesquisador quanto do sujeito pesquisado. Vigotski (1925/1999) se refere à consciência como os pensamentos internos constantes que regulam e controlam o comportamento, ao qual os reflexólogos limitam-se a se referir como ‘reações inibidas’ e sob as quais carecem de qualquer instrumento para investigá-las e não têm a menor ideia de como considerar sua influência.

Quando é desprezado o que a consciência e a psique acrescentam de novo ao comportamento humano apaga-se radicalmente a diferença entre o comportamento humano e o dos outros animais. A Sociologia tende a ser tragada pela Biologia, a Fisiologia absorve a Psicologia e o estudo do comportamento humano é abordado da mesma forma que o de qualquer outro mamífero.

A título de exemplo Vigotski (1925/1999) recorre à lei estabelecida por Pavlov (1923) da extinção ou inibição interna dos reflexos condicionados. Neste exemplo ele mostra que esta lei serve muito bem para a Psicologia animal mas não pode ser imediatamente transposta a Psicologia do ser humano, pois, neste os reflexos a um comando verbal além de não extinguirem a conexão ainda podem ser reforçados com a repetição. Mas neste texto Vigotski (1925/1999) ainda não havia elaborado as correções necessárias à passagem da lei para o domínio humano.

Vigotski (1925/1999) entende como o problema mais importante, derivado da exclusão da consciência do campo da Psicologia, a manutenção do dualismo e do espiritualismo da Psicologia subjetiva interior. Békhterev (1923), por exemplo, apenas reforça o dualismo quando afirma que o sistema reflexológico não contradiz a ‘hipótese da alma’ e reconhece como inevitável o aparecimento futuro de uma ciência à parte, uma reflexologia subjetiva.

Ambas as faces do dualismo têm em comum a compreensão da ‘psique’ e do ‘comportamento’ como fenômenos distintos. Devido a esse dualismo mesmo os autores que admitem a possibilidade de explicar todo o comportamento do ser humano sem recorrer a fenômenos subjetivos reconhecem a existência de fenômenos psicológicos, assim como a Psicologia subjetiva e sua premissa de estudar uma psique pura e abstrata, sem comportamento, também reconhece o materialismo fisiológico da Reflexologia.

V. M. Békhterev *caracteriza os fenômenos subjetivos ou conscientes como fenômenos de segunda ordem, especificamente internos, que acompanham os reflexos concatenados* (Vigotski, 1925/1999, p. 59). Mas a Psicologia sem consciência é um absurdo biológico visto que, segundo Vigotski (1925/1999, p. 78), o próprio Békhterev considera que se os processos subjetivos fossem epifenômenos totalmente supérfluos ou secundários as leis naturais já os teriam atrofiado e eliminado.

Vigotski (1925/1999, p. 60) considera que

ou é impossível estudar o comportamento do homem e as complexas formas de sua atividade, independentemente de sua psique (...) ou a psique é um epifenômeno, um fenômeno secundário, já que se explica sem ela, com o que deparamos com o absurdo psicológico. Não existe uma terceira possibilidade.

Se o comportamento humano for entendido como uma soma de reflexos e a psique como um fenômeno secundário, é fechado o acesso para a investigação de problemas mais transcendentais, como a estrutura, os componentes e as formas do comportamento humano. Inclusive para o problema do inconsciente como fenômeno psicológico.

O reflexo tem grande valor metodológico mas não pode ser o principal conceito da Psicologia, não pode universalizar-se para explicar mecanismos de comportamento estruturalmente distintos. Reduzir tudo ao denominador comum do ‘reflexo’ faz com que este perca seu sentido. Portanto dizer que são reflexos tanto os comportamentos conscientes como os chamados inconscientes, pode estar correto, mas não permite um claro discernimento das questões fundamentais da Psicologia humana. É uma constatação inequivocamente simplista e cientificamente estéril.

Não podemos estudar uma reação de forma abstrata, pois ela depende e está incorporada a todo um mecanismo de comportamento. Vigotski (1925/1999) foi do aparentemente mais objetivo, o comportamento reflexo, até a consciência, e demonstrou que se pode e se deve estudá-la de forma objetiva. Mas não podemos abstrair os comportamentos reconhecidos pelo sujeito e ignorar aqueles dos quais ele não tem consciência. Portanto, assim como Vigotski (1925/1999) realizou com relação ao conceito de ‘consciência’, nossa investigação persegue o problema do ‘inconsciente’ na direção do que parece mais obscuro e menos objetivo, a não-consciência psicológica, para buscar materializá-la, transcrevê-la para um idioma objetivo, que existe na realidade, com o intento de superar ficções, fantasmagorias e similares.

A primeira exigência da hipótese de trabalho de Vigotski (1925/1999) é a de que é preciso encontrar uma interpretação e um lugar adequado para a consciência, assim como para todas as outras reações do organismo. Para tanto não há necessidade de considerar a consciência nem biológica, nem fisiológica, nem psicologicamente como uma segunda categoria de fenômenos.

A segunda exigência da hipótese de trabalho de Vigotski (1925/1999) é que esta deverá explicar sem a menos fissura aqueles problemas fundamentais relacionados com a consciência, entre eles, o problema da conservação da energia, o caráter consciente das três principais dimensões da Psicologia empírica (pensamento, sensações e vontade), a evolução, a identidade e a unidade da consciência, além do conceito de inconsciente.

Vigotski (1925/1999) busca focar o problema sem partir da Psicologia, mas ‘pelo lado de fora’ (posição externalista), ou seja, a partir das vertentes biológicas e sociais. Todo comportamento animal compõe-se de reflexos inatos ou não-condicionados, que são como o extrato biológico da experiência hereditária coletiva de toda espécie, esclarecido por Darwin¹⁸. Sobre a base desse extrato biológico fecham-se novas conexões na experiência particular e surgem os reflexos adquiridos ou condicionados, elucidado por Pavlov. A partir dessas definições Vigotski (1925/1999, p. 64) conclui sua explicação do comportamento animal mediante a seguinte asserção: *todo comportamento animal pode*

¹⁸ Charles Robert Darwin (1809-1882) foi o naturalista britânico que desenvolveu a teoria da evolução das espécies por meio da seleção natural: mecanismo de mudança evolutiva que pressupõe variações individuais na população, a tendência natural a superprodução de descendentes, a relativa constância populacional na natureza, frente os limitados recursos naturais dá-se a luta pela sobrevivência, a partir da qual os mais adaptados são conservados e tem maior chance de produzir descendentes. Darwin desenvolveu um vínculo entre as emoções humanas e as reações animais instintivas que influenciou diversos psicólogos de inspiração naturalista.

ser considerado convencionalmente como a experiência hereditária mais a adquirida, multiplicada pela particular.

Vigotski (1925/1999) constata que para abarcar a totalidade do comportamento humano é necessário introduzir novos componentes na fórmula: a experiência histórica, a experiência social e a experiência duplicada. O ser humano não se serve apenas da experiência herdada fisicamente, mas o comportamento humano baseia-se na utilização muito ampla da experiência histórica das gerações anteriores. Além disso, o ser humano não dispõe apenas das conexões que se fecharam em sua experiência particular entre os reflexos condicionados e elementos isolados do meio, mas um importante componente do comportamento humano é constituído pelas numerosas conexões que foram estabelecidas na experiência social de outras pessoas. Finalmente, encontramos nos animais não humanos formas iniciais de adaptação ativa na atividade instintiva, mas estas não têm um valor predominante, fundamental e seus mecanismos de execução continuam sendo essencialmente passivos. Ao contrário, na experiência duplicada do trabalho humano, a experiência ideal da atividade do trabalho de modificação da matéria permite ao ser humano desenvolver formas de adaptação ativa ao meio e a transformação de si mesmo.

Quanto à vertente fisiológica Vigotski (1925/1999) observa que até mesmo os experimentos mais simples com reflexos isolados se deparam com o problema da coordenação desses reflexos e sua transformação em comportamento. Os experimentos de Pavlov pressupõem uma organização prévia do comportamento do cachorro, de tal forma que no choque de reflexos se feche a única conexão necessária. Mas no que diz respeito a outros reflexos mais complexos, observa-se mais facilmente o choque simultâneo entre diferentes reflexos e excitantes externos e internos e os resultados não são sempre iguais. Ou, segundo Sherrington (como citado por Vigotski, 1925/1999), o princípio fundamental de coordenação dos reflexos consiste na luta que se estabelece no ‘ponto de colisão’ entre distintos grupos de receptores por um campo motor comum. Deixa-se os problemas da consciência de lado e considera-se que o sistema de reações triunfantes é resultado dessa luta ininterrupta, de reflexos coordenados no cérebro, pelo domínio de um órgão de trabalho.

Segundo Sherrington (como citado por Vigotski, 1925/1999) a formação do sistema da personalidade é tarefa do sistema nervoso, pois o mecanismo coordenador do campo motor geral serve de base para o processo psíquico da atenção. Graças a esse vai se gerando a unidade da ação, que serve de base para o conceito de personalidade. Sherrington (como citado por Vigotski, 1925/1999) compara o sistema nervoso com um

funil: os sistemas de receptores aferentes superam em muito as suas saídas nas vias eferentes, sendo que cada receptor mantém relação com muitas vias eferentes. Portanto recebemos muito mais estímulos pelos campos receptores nervosos do que podemos emitir como resposta pelo campo locomotor geral.

Já Pavlov (1950) compara o funcionamento da atividade nervosa superior *com uma central telefônica, onde se produz o fechamento de novas conexões temporárias entre os elementos do meio e as reações concretas* (Vigotski, 1925/1999, p. 68). Para Vigotski (1925/1999) o nosso sistema nervoso lembra mais as estreitas portas de um grande edifício, em direção às quais se lança uma multidão num momento de pânico, de tal forma que a grande maioria das pessoas não consegue atravessá-las e morrem esmagadas. Essa metáfora, segundo Vigotski (1925/1999, p. 69), *reflete melhor o caráter catastrófico da luta do processo dinâmico e dialético entre o mundo e o homem e no interior deste, que se denomina comportamento.*

Vigotski (1925/1999) depreende destas considerações duas premissas para formular com precisão o problema da consciência como mecanismo do comportamento: milhares de excitantes, inclinações e convites do mundo entram pelo orifício largo do funil, dentro do funil tem lugar uma luta ininterrupta e pelo orifício estreito as excitações saem em número insignificante em comparação aos comportamentos possíveis. *Cada minuto do homem está cheio de possibilidades não realizadas* (Vigotski, 1925/1999, p. 69). Os excitantes que vertem no orifício largo, a luta ininterrupta dentro do funil e a resposta do organismo que sai pelo orifício estreito, ou os três momentos da reação, são realidades inacessíveis, visto que mesmo as reações ‘vitoriosas’ de resposta do organismo têm presentes os três momentos que lhes correspondem.

Quando os reflexos são complexos e a estrutura do campo comum final é pouco complicada a reação pode ficar parcialmente realizada e o comportamento não realizado pode tomar as mais diversas formas. Através desse complicado sistema de reflexos em luta pode-se formar no sistema nervoso um complexo equilíbrio, de tal forma que um novo excitante promova uma nova força insignificante e pouco notável que pode ser decisiva na conjuntura do ‘ponto de colisão’ e venha a resolver o resultado e o sentido da luta.

A resposta motora secretora de um reflexo pode se converter em um excitante ou inibidor condicionado e conectar-se à extremidade sensorial de outro reflexo. Enquanto toda uma série de conexões pode ser hereditária, reflexos não condicionados, o restante se estabelece durante o processo de experiência. Os reflexos se lançam entre si segundo a lei dos reflexos condicionados, essa é a lei mais elementar e mais importante, a lei geral de

conexão dos reflexos. Pavlov inclui esse mecanismo na explicação do instinto e o chama de reflexo em cadeia. Seu discípulo Zelionii (1923, como citado por Vigotski, 1925/1999) investiga os movimentos musculares rítmicos como reflexos em cadeia. Segundo Vigotski (1925/1999) esse mecanismo é o que melhor explica as uniões ‘inconscientes’, ‘automáticas’ de reflexos.

Vigotski (1925/1999) neste momento considera que o mecanismo fundamental que caracteriza objetivamente a consciência é quando não nos limitamos a um mesmo sistema de reflexos, mas consideramos a possibilidade de transmissão entre distintos sistemas. A base da consciência é então constituída a partir da capacidade que tem nosso corpo de constituir-se em excitante de si mesmo, de seus atos constituírem-se como excitantes de outros atos.

De acordo com Vigotski (1925/1999, p. 71) *a consciência é a vivência das vivências*, é uma interação, um eco, um aparelho de resposta, de reflexão e excitação recíproca entre diferentes sistemas de reflexos. Quanto mais o sujeito se dá conta, sente, reforça em palavras o que sente, quanto mais consciente for uma sensação, mais acertadamente cada reflexo interno na qualidade de excitante provoca, transmite-se, transforma-se em toda uma série de reflexos diferentes procedentes de outros sistemas incorporados ao mecanismo do reflexo que atua. Portanto são possíveis infinitas variedades e graus de consciência, variedades na posse da sensação na qualidade de objeto excitante de outras sensações, a depender da interação entre sistemas incorporados ao sistema de mecanismos transmissores de reflexos.

Enquanto o ‘inconsciente’, o ‘psíquico’, diz respeito à simples capacidade do reflexo de sensação dos objetos, sem converter-se em objeto de sensação excitante transmissível a outro sistema. Neste momento Vigotski (1925/1999) entende que o fundamento da consciência está relacionado à reação circular, como um mecanismo que, com a ajuda de correntes centrípetas, devolve ao organismo seu próprio reflexo como uma nova excitação e reação secundária. Esta combinação de reações primárias com reflexos secundários pode reforçar e repetir a primeira com reflexos compatíveis, assim como enfraquecer, inibir e interromper a primitiva com reflexos antagônicos, em função do estado geral do organismo e da valoração que este dá a seu próprio reflexo. Portanto esta reação dirige e regula a outra, mostrando assim o papel regulador do mecanismo da consciência em relação ao comportamento.

Pavlov (como citado por Vigotski, 1925/1999) afirma que a reprodução dos fenômenos nervosos no mundo subjetivo é muito singular, é uma ‘refração múltipla dos

reflexos' e por isso sua interpretação é altamente convencional e aproximada. Vigotski (1925/1999) se mostra disposto a interpretar as palavras de Pavlov em sentido literal e exato de modo coerente com seu intento de buscar uma interpretação materialista para o problema da consciência.

Vigotski (1925/1999) argumenta que entender que no organismo não há outros processos além das reações e a consciência como a 'refração múltipla dos reflexos', reduzindo-a por completo a alguns mecanismos transmissores de reflexos que agem de acordo com leis gerais, resolve o problema da psique sem perda de energia. Também pode-se resolver o problema da autoconsciência, da percepção interna e da introspecção, pois estes só são possíveis graças ao campo proprioceptivo e aos reflexos secundários a ele relacionados como um eco das reações. A compreensão de que os reflexos servem de novo excitante para o campo proprioceptivo deixa claro que observar e perceber a experiência psíquica é acessível apenas para aquele que a vive. Assim a principal limitação do experimento é que o psiquismo de um indivíduo não é idêntico a nada que só se encontra em seu corpo. Isso ocorre uma vez que na consciência, nas excitações proprioceptivas que provocam as reações secundárias, agem outros condutos nervosos, outros mecanismos e outros excitantes. Vigotski (1925/1999) relata que enquanto uma Psicologia empírica considerava a introspecção como a fonte essencial para o conhecimento psicológico, a Reflexologia ou a rejeitava por completo ou a submetia ao controle dos dados 'objetivos', como fonte de dados complementares.

É relativamente consensual que a resposta verbal de um sujeito submetido à prova pode ter um valor objetivo para a investigação científica. A fala silenciosa, os reflexos internos, não manifestos, inacessíveis à percepção direta do observador, podem ser descobertos, muitas vezes, indiretamente, de forma mediatizada, pois assim como são reflexos de excitantes precedentes podem ser excitantes de reflexos acessíveis à observação.

A psique, como sistema de reflexos não-manifestos, desempenha papel central e primordial no sistema do comportamento. Desta forma, segundo Vigotski (1925/1999), renunciar a investigá-la indiretamente, através de seus reflexos em outros sistemas de reflexos, seria um suicídio para a ciência psicológica. Por isso Vigotski (1925/1999) leva em conta os reflexos procedentes de excitantes internos, ocultos para nós, como o informe do sujeito submetido à prova. Este não é um ato de introspecção, pois não se coloca a pessoa submetida à prova em condição de observadora dos reflexos ocultos para o investigador, mas o sujeito é sempre objeto do experimento.

As reações condicionadas do comportamento do ser humano não são determinadas apenas pelas reações complexas, manifestas, totalmente explícitas, reflexos condicionados complexos da linguagem e reações motoras verbais, mas também por reações não reveladas externamente, por pensamentos-reflexos não-manifestos, pronunciados silenciosamente. O pesquisador não deve renunciar ao estudo deste último, que também tem de passar pela metodologia de investigação psicológica, pois se tratam de reações reais do mesmo tipo e natureza. Com o objetivo de julgar as partes do excitante precedente que ficaram obscuras o experimentador pode, por exemplo, realizar uma entrevista, introduzir transformações, num novo excitante, um novo interrogatório e assim um novo reflexo. Portanto, apesar das respostas não serem ‘confiáveis’, tampouco devem ser ignoradas, pois as respostas dos sujeitos às perguntas do investigador também são reflexos, que refletem outros reflexos inibidos, ou expressões verbais objetivas que refletem, de forma indireta, expressões verbais não observáveis: o pensamento.

Segundo Vigotski (1925/1999), Protopópov mostra que os reflexólogos partiram da excitação elétrica cutânea da planta do pé, depois passaram a utilizar como critério a reação da mão, pois mostrava-se um aparelho mais adaptado às reações orientadoras. Ao constatar isso tiveram conseqüentemente de considerar que o ser humano possui um aparelho ainda melhor: os órgãos articulatórios das reações verbais, com a ajuda do qual se estabelece uma conexão mais ampla com o mundo.

Segundo Vigotski (1925/1999) a consideração de Protopópov de que no futuro as investigações reflexológicas do ser humano deverão se realizar, em Psicologia experimental, servindo-se basicamente de reflexos condicionados secundários é uma fusão à metodologia de investigação da reação (no sentido dado a este termo pela reactologia) e uma capitulação da metodologia puramente reflexológica. Vigotski (1925/1999) ressalta que o reflexólogo teria resultados positivos sim, mas com relação ao comportamento dos cachorros.

A consciência, o sentimento e a vontade são os três aspectos que a Psicologia empírica diferenciou na psique. De forma compatível à hipótese de Vigotski (1925/1999) e a metodologia desprendida dela, essa natureza tripla também pode ser identificada no plano da consciência. A teoria das emoções de James (1905, como citado por Vigotski, 1925/1999) sustenta essa interpretação da consciência dos sentimentos. Para James, a ordem dos elementos é da causa dos sentimentos, passando primeiramente por sua manifestação corporal, até o próprio sentimento. A alteração realizada por James (1905) da ordem dos três elementos habituais evidencia o ‘sentimento’ como sistema de reflexos. Ou

seja, o próprio sentimento como reflexo de estímulos específicos. Evidencia *o caráter secundário da consciência dos sentimentos, quando sua própria reação serve de excitante a uma reação nova interna* (Vigotski, 1925/1999, p. 78). Evidencia também o valor biológico do sentimento, como reação avaliadora rápida e organizadora interna do comportamento de interesse do organismo.

Os atos de conhecimento na Psicologia empírica distinguem duas fases: os atos de conhecimento em si e a consciência dos mesmos. O método de introspecção da Escola de Wurtzburgo concluiu a impossibilidade de observar o próprio ato do pensamento. Estes seriam não conscientes, no sentido de que escapam à percepção. Por outro lado, *os elementos que percebemos, que encontramos em nossa consciência, são antes sucedâneos do pensamento do que a essência do mesmo: correspondem a todo tipo de retalhos, farrapos, espumas* (Vigotski, 1925/1999, p. 79).

Vigotski (1925/1999) afirma que para Kulpe não é possível submergir em pensamentos e observá-los ao mesmo tempo, não é possível levar até o fim uma tal divisão da psique. De tal forma que não se pode dirigir a consciência para si mesmo e captar o mecanismo específico desta, ou seja, não se pode pensar o próprio pensamento. A consciência constitui um fenômeno secundário e não um reflexo objeto da vivência, excitante de um novo reflexo, mas um mecanismo transmissor entre sistemas de reflexos. Primeiro termina-se o pensamento, fecha-se o reflexo, depois pode-se observá-lo conscientemente.

Vigotski (1925/1999) também se refere ao papel da vontade para descobrir a essência da consciência. Propõe que qualquer movimento deverá se realizar da primeira vez ‘inconscientemente’ e sua reação secundária se converte na base da consciência. A consciência da vontade de pensar em fazer algo é a reação secundária, enquanto que fazê-lo é a principal, e isso proporciona a ilusão de dois aspectos. A partir destes pensamentos o autor busca explicar o desenvolvimento da consciência desde sua origem, seu caráter secundário e os mecanismos de sua determinação pela experiência, portanto, sua dependência psicológica em relação ao meio.

No ser humano existem reflexos reversíveis que podem ser por ele criados. Os reflexos podem se transformar em excitantes e vice-versa. Os excitantes sociais, que provêm das pessoas, são a base do comportamento social e servem de coordenação coletiva do comportamento. Assemelha o indivíduo aos outros e torna seus atos idênticos a si mesmo. O indivíduo pode reconstruir para si esses mesmos excitantes, que se convertem em reversíveis e determinam seu comportamento de modo diferente dos demais. A palavra

pronunciada é um reflexo que cria o excitante da palavra escutada. *No sentido amplo da palavra é na linguagem que se encontra precisamente a fonte do comportamento social e da consciência* (Vigotski, 1925/1999, p. 81).

Vigotski (1925/1999) relaciona os mecanismos do comportamento e contato social à sua apropriação para o contato do indivíduo consigo mesmo, como consciência. A linguagem é tanto um sistema de reflexos de contato social como da consciência, um aparelho de reflexos de outros sistemas. A psique alheia não é incognoscível, isenta de traços de objetividade enquanto a própria só seria acessível à introspecção. Mas o procedimento da autoconsciência é o mesmo e garantido pelo conhecimento do outro. Afinal, o indivíduo tem consciência de si mesmo somente na medida em que ele é em relação a si mesmo o mesmo que o outro em relação a ele, ou seja, somente na medida em que o sujeito pode perceber seus reflexos como novos excitantes:

A princípio, conforme Bruner (1985), em Vygotsky e outros autores a criança relaciona-se com a realidade através de uma consciência emprestada de terceiros acerca dos objetivos da atividade, dividida com a criança, e que constitui meio para seu próprio desenvolvimento (Toassa, 2006, p. 73).

Com o mesmo procedimento que temos consciência do outro, temos autoconsciência. Dessa hipótese decorre a socialização de toda consciência e a precedência da vertente social basilar sob vertente individual da consciência, secundária. De acordo com Vigotski (1925/1999) daí decorre a dualidade da consciência.

Vigotski (1925/1999) estabelece uma afinidade de sua hipótese com a descoberta analítica de Freud da divisão da personalidade em ‘ego’ e ‘id’. Enquanto um cavaleiro deve domar um cavalo com suas próprias forças, o ‘ego’ deve domar o ‘id’ com forças emprestadas. Vigotski (1925/1999) vai adiante e diz que, assim como o cavaleiro pode conduzir o cavalo aonde este quer ir, o ‘ego’ transforma em ação a vontade do ‘id’, como se fosse a sua.

Segundo Vigotski (1925/1999), em geral, a linguagem não se desenvolve nos surdos devido à falta de audição, e assim o reflexo da linguagem não se torna reversível, não retorna como excitante ao próprio falante e, por isso, é *inconsciente e associal*. Em determinados contextos estes desenvolvem a linguagem de sinais, que por serem reflexos que podem retornar ao próprio surdo através do olhar, podem também desenvolver a consciência. A consciência da linguagem e a experiência social aparecem ao mesmo tempo. Assim Vigotski (1925/1999, p. 83) ressalta a identidade entre os dois mecanismos:

O surdo-mudo aprende a ter consciência de si mesmo e de seus movimentos na medida em que aprende a ter consciência dos demais.

A fórmula do comportamento humano pode ser reunida entre a experiência histórica mais a social, que tem o mesmo mecanismo da consciência. Ambas são experiências duplicadas e a consciência é um caso particular da experiência social. Neste momento Vigotski (1925/1999) ainda considera essencial a coincidência de conclusões entre o pensamento desenvolvido por ele no artigo *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925/1999) e a análise da consciência realizada por W. James na sua obra *Existe consciência?* (1913). Vigotski (1925/1999) considera que apesar de serem ideias procedentes de campos totalmente distintos, desenvolvidas por caminhos completamente diferentes, conduziram a um mesmo ponto de vista. Porém, posteriormente, ele virá a superá-las.

Segundo James (1913) a única diferença entre a consciência, como o reflexo ao reflexo, e o simples reflexo ao excitante do mundo, está no contexto dos fenômenos. *No contexto dos excitantes trata-se do mundo, não de meus reflexos, da consciência. Esta é apenas um reflexo de reflexos* (Vigotski, 1925/1999, p. 84). Mas Vigotski (1925/1999) argumenta que a consciência como categoria específica, como procedimento especial de existência, não aparece para James (1913). Esse conclui que é concretamente a duplicação do comportamento, que os pensamentos são feitos do mesmo material que as coisas.

No texto *A Consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925/1999) Vigotski apresenta ideias de caráter prévio que servem para formular o problema, para a partir de então iniciar o estudo do psicológico, do consciente e do inconsciente. Segundo o autor deve-se primeiro formular a tarefa, definir com precisão o que se deve demonstrar; para depois o demonstrar e a resolver.

Neste texto de 1925 já pode se observar a busca por uma relação dialética entre a consciência e a experiência social, onde, apesar de sua afinidade com as ideias de Pavlov, Bekhterev e Kornilov, Vigotski (1925/1999) já buscava relacionar o conceito de reflexo com suas origens nas relações sociais e semióticas da consciência. Mas Vigotski (1925/1999) ainda sustentava, nessa etapa de sua elaboração teórica, a hipótese do pensamento como reflexo inibido e a linguagem como uma forma de comportamento. A crítica propositiva e o abandono da compreensão da Psicologia como ciência dos reflexos condicionados só se consolidaram com a obra *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/1999). Segundo Toassa (2006), Vigotski se encontrava em uma grave

crise de tuberculose durante a produção desse texto que é considerado seu testamento para o desenvolvimento da Psicologia.

Durante o II Congresso de Psiconeurologia (1924), em meio aos debates entre tendências idealistas e materialistas, Vigotski profere uma palestra que questiona a aplicação do materialismo histórico sem levar em conta as peculiaridades do campo psicológico. Questiona, mais especificamente, como podemos notar, o suposto materialismo monista de Bekhterev e sua pretensão de estudar o comportamento humano sem referência à mente humana, entendida por este como fenômenos secundários, como epifenômenos interiores específicos que acompanham reflexos combinatórios. A Reflexologia admite a existência da consciência apenas como sensações das cadeias mecanicistas de comportamento, e não admite a possibilidade de estudá-la com os métodos ‘científicos’. Vigotski (1925/1999) defende que é impossível entender as formas complexas do comportamento humano sem se referir à mente e que é urgente desenvolver o projeto de uma Psicologia materialista que não se furte a estudar os fenômenos psíquicos, acessíveis à experimentação objetiva sem se reduzir ao método introspectivo subjetivista. Vigotski (1925/1999) começa a expressar as peculiaridades do objeto especificamente humano da ciência psicológica e a necessidade de buscar uma nova metodologia que supere a reflexologia do animal não humano. Afastando-se assim da Psicologia introspectiva, reflexológica ou reactológica, consolida as posições do novo grupo científico da Psicologia Histórico-Cultural.

5. Formulação do problema sobre o consciente/inconsciente em Vigotski

Vigotski (1930/1999) constatou que os psicólogos tradicionais subjetivistas acreditavam que a possibilidade da Psicologia como ciência dependia do reconhecimento de que seu objeto e conteúdo fossem fenômenos e processos psíquicos independentes da existência. Desta forma a Psicologia se legitimaria como ciência independente e não seria anexada por outros campos conexos como a Biologia, a Sociologia, a Medicina ou a Pedagogia. De acordo com Vigotski (1930/1999, p. 139) este projeto de Psicologia apenas seria possível a partir do *pressuposto filosófico-idealista da independência e da existência inicial no mesmo plano do espírito e da matéria*.

Os trabalhos de E. Mach¹⁹ (como citado por Vigotski, 1930/1999) refletiram a corrente da filosofia idealista. Além de identificar o psíquico com o físico, este também equiparava a vivência psíquica com o objeto real correspondente, o que o levava a reconhecer elementos nos quais não se distingue o objetivo do subjetivo.

O caminho da Psicologia compreensiva ou descritiva, oposto ao da Psicologia científico-natural, considera que a psique é uma esfera isolada, um âmbito da realidade completamente espiritual, no qual não atua nenhuma das leis da matéria, fisiológica ou comportamental, ou seja, todos os tipos de relações causais são impossíveis. Desta forma deve-se ‘estudar’ o psíquico através dele mesmo. Dentro do âmbito espiritual busca-se a análise, a divisão, classificação, descrição e o estabelecimento das estruturas, assim como a compreensão, o esclarecimento dos significados e o estabelecimento dos valores. Desta forma a Psicologia descritiva elimina as tarefas de explicação do campo da ciência.

W. Dilthey²⁰ (como citado por Vigotski, 1930/1999) foi um dos intelectuais representativos do Romantismo alemão e considerava que a Psicologia deve-se emancipar da tendência introduzida pela Filosofia de unir-se a um ‘materialismo sutil’, de unir-se às Ciências Naturais e recorrer à indução como procedimento para estabelecer leis empíricas.

¹⁹ Ernst March (1838-1916) foi um físico e filósofo positivista austríaco. Seu trabalho foi base para o Círculo de Viena propositivo do positivismo lógico. Considerado por Vigotski (1930/1999) como influente representante do pensamento idealista clássico. March considerava a consciência como um estado interior primário das estruturas encefálicas neuronais, sem referência ao mundo exterior.

²⁰ Wilhelm Dilthey (1833-1911) alemão conhecido como o fundador da psicologia descritiva, recusava a ideia de que o método das ciências naturais, que buscava explicar a natureza, pudesse ser aplicado às ciências humanas. Segundo o autor, a psicologia explicativa, que se utilizava dos métodos das ciências naturais, sustentava-se em hipóteses carentes de fundamentos. A ciência do espírito deveria portanto compreender e realizar atividades lógicas simples sobre a descrição do próprio sujeito das vivências de seus estados psíquicos. Considerava a importância da história, mas desde uma perspectiva idealista, como manifestação da atividade espiritual humana. Para Vigotski, esta hermenêutica limitava-se às descrições e causalidades tautológicas, fruto de uma temeridade em considerar a regularidade, a necessidade da natureza para a ciência do espírito e as relações deterministas entre ideia, corpo e cérebro.

A ciência de caráter empírico não teria nada a fazer, pois resta ao fenomenólogo constatar, analisar, diferenciar e sistematizar a essência.

Vigotski (1930/1999) também cita autores como Spranger²¹ que considerava que a Psicologia como ciência do espírito deve compreender os fenômenos psicológicos partindo deles mesmos, exclusivamente do método psicológico, analítico ou fenomenológico e assim converter-se em uma Psicologia eidética ou uma Fenomenologia pura do espírito. O método de apreciação sobre o sentido ou a intuição permitiria analisar os dados obtidos diretamente da consciência.

Conforme Vigotski (1930/1999), para se chegar logicamente à Fenomenologia basta tomar como ponto de partida a tese de Husserl²² de que na psique não existe diferença entre o fenômeno, o que parece, e a existência, o que realmente é, a verdadeira essência. Desta forma se coincide fenômeno com existência, consciência com psíquico, em outras palavras, o que se apresenta ao sujeito é o que é e assim não há lugar para a ideia de inconsciente:

Nele, toda aparência que aparece é realidade. Por isso, esse tipo de psicologia parece-se muito mais com a geometria do que qualquer outra ciência natural, como, por exemplo, a física: e também por isso essa psicologia deverá se transformar na matemática do espírito com que sonhava Dilthey. É evidente que nesse caso o psíquico se identifica integralmente com o consciente, já que a intuição pressupõe a conscientização direta das vivências próprias (Vigotski, 1930/1999, p. 142).

Presumimos que o dualismo de substância, a tradicional dicotomia entre mente e corpo, pode estar em última instância relacionado às condições materiais de produção, à divisão social do trabalho e às batalhas ideais e materiais entre classes sociais antagônicas.

A dicotomia (entre corpo e mente, intelecto e afeto) teve como principal herança filosófica

²¹ Eduard Spranger (1882-1963), foi um filósofo e psicólogo alemão que, assim como Dilthey, também é um representante da psicologia idealista compreensiva. Renunciava a qualquer forma de explicação fisiológica na Psicologia. Considerava que a Fisiologia deveria ser deixada ao enfoque objetivo do comportamento enquanto que a Psicologia como ciência específica do espírito deve ser elaborada exclusivamente a partir do método psicológico, ou que os fenômenos psíquicos devem ser explicados a partir deles mesmos. Segundo Vigotski (1930/1999), Spranger não coincide o psíquico e o consciente e recorre ao conceito central de inconsciente para explicar as conexões causais que faltavam à vida psíquica em termos homogêneos. Desta forma o autor considerava o nível superior do comportamento consciente abstrato como característica especificamente humana, mas como fruto do autodesenvolvimento de uma essência espiritual especial de seu psiquismo.

²² Edmund Husserl (1859-1938), foi o matemático e filósofo alemão que estabeleceu a teoria fenomenológica. Esta é entendida como pertencente à Psicologia descritiva eidética que, assim com as abstrações geométricas, constituem a ciência das essências ideais. Partindo desse princípio, a Fenomenologia possibilitaria tanto a Psicologia descritiva como as ciências dos fatos, ou a Física e a Psicologia explicativa. Mas Husserl critica explicações causais indutivas e nega a possibilidade da Psicologia como ciência natural. Assim tende a isolar, descrever, analisar e classificar o que se apresenta ao pensamento diretamente pelo psíquico. Toma como princípio a separação radical entre a natureza física e a existência psíquica, na qual coincide o fenômeno e a existência e, conseqüentemente, o psiquismo é identificado à consciência.

o racionalismo moderno de René Descartes, que viveu durante o Renascimento e a grande profusão de visões de homem e de mundo do final do século XVI e início do século XVII, que pode ser caracterizado, entre outras coisas, pela ideia de liberdade, combinada de modo relativamente conflitante com a tradição de um Deus onipotente.

De acordo com Vicentini (2012), levado a buscar os fundamentos ou condições que possibilitem um conhecimento seguro da verdade, o filósofo, físico e matemático francês René Descartes adota como método a ‘dúvida hiperbólica’ por meio da introspecção. Desacreditando de tudo que é material, sensível, da realidade em si mesma, conclui que a única ideia clara e distinta de que não se podia duvidar era da sua capacidade de pensar. Concebe assim a realidade tal como o indivíduo a fórmula, de forma individualista e idealista, uma concepção inatista da consciência. Estas ideias expressaram o desenvolvimento da compreensão moderna de sujeito e prepararam o terreno para o desenvolvimento do espaço psicológico.

Esta perspectiva dualista, predominante na ciência e filosofia tradicional ocidental, refletiu na fragmentação da Psicologia em basicamente duas correntes antagônicas. De acordo com Vigotski (1927/1999), estas perspectivas podem ser reduzidas a uma corrente materialista, científico-natural, uma Psicologia sem ‘psique’, que cogita explicar o comportamento humano sem recorrer ao psíquico, ignorando o subjetivo de natureza não-material, em favor de uma suposta objetividade e neutralidade. Nesta concepção o ser humano é reduzido a um complexo de reflexos do meio. Por outro lado, estaria uma corrente espiritualista, como a Psicologia descritiva de Dilthey, que defendia a irreduzibilidade do fenômeno psíquico, da subjetividade ou do inconsciente como substância não-material, uma Psicologia pura, que não se submetia aos parâmetros objetivos das ciências empíricas que perseguiram a mensuração e o controle. Desta forma o ser humano se constituiria a partir de fenômenos internos. Ambas deságuam igualmente em concepções dualistas que reafirmam a dicotomia interno-externo, subjetivo-objetivo.

O reflexólogo Bekhterev considerava que a explicação do comportamento humano podia ser reduzida unicamente ao princípio explicativo do reflexo, mas afirmava que este sistema explicativo não contradizia a hipótese da alma, que poderia e seria estudada por uma ciência especial, subjetiva. Desta forma o pretensão monismo materialista da Reflexologia o levava, no fim das contas, a uma abordagem dualista. Tanto Spranger como Pavlov também corroboram com um dualismo reducionista da tarefa científica da Psicologia e concluem que o enfoque objetivo do comportamento deve ser reservado à Fisiologia e seu estudo dos reflexos condicionados, enquanto o enfoque subjetivo deve ser

reservado à Psicologia de enfoque introspectivo. Contudo nutriam ainda uma esperança de que esta divisão do trabalho intelectual pudesse acabar no futuro com uma associação mecânica das partes.

Vigotski (1927/1999) propõe uma analogia para ilustrar que a consciência, assim como uma imagem refletida no espelho, não existe em si. Ambas não são reais da mesma maneira que o próprio objeto existente, os processos físicos de reflexão da luz no espelho ou os processos de mediação semiótica que ocorrem na consciência. Mas a imagem refletida não é falsa, assim como a representação consciente do objetivo no subjetivo, da realidade social em psicológica, pois estas também possuem qualidades próprias e existência objetiva distinta, como fragmentos materiais da realidade. A imagem é o resultado aparente que não pode ser estudado em si, pois ela só existe enquanto conexão e tradução do movimento relacional das duas atividades reais, portanto sempre submetida às leis materiais pelas quais se pode estudá-la, explicá-la, prever seu movimento e controlá-la. De forma análoga, a consciência nega a dicotomia objetividade-subjetividade e não está apenas submetida a condicionantes psicogenéticos, mas também a condições históricas e culturais.

Consideramos que o uso de analogias e metáforas tem um importante potencial explicativo mas é importante sobretudo reconhecer seus limites. Apesar de tanto o reflexo no espelho como a consciência serem e estarem submetidas a determinações materiais, a consciência não é uma simples imagem refletida no cérebro, ou a realidade que se reflete na consciência, como um sistema estático, mecanicista, uma percepção passiva da realidade exterior. Não se pode ignorar que o sujeito e sua atividade cerebral exercem uma reconstituição volitiva e criativa da realidade. Graças à mediação dos sistemas de significação acumulados e sintetizados na linguagem o sujeito concreto interfere e modifica as condições que determinam a sua conduta, interpreta o mundo e suas relações e assim cria sentidos, novas combinações e novas versões da realidade externa e da própria, representada em signos, que reflete e é refletida no e pelo cérebro. Segundo Zoia Prestes (2010), a faculdade especificamente humana do processo da consciência desenvolve-se graças à mediação da experiência acumulada e sintetizada na língua em seu diálogo com o pensamento.

Vigotski (1927/1999) chama atenção que os conceitos principais do sistema psicológico de Freud remontam à Psicologia espiritualista e se dirigem para a Psicologia das massas. Mas o desenvolvimento exclusivo e original da técnica e teoria psicanalítica induz a ilusão de que a Psicanálise prescinde de sistema e que seus dados podem ser

apropriados para corrigir e ampliar qualquer sistema de conhecimento adquirido por qualquer outro meio.

Alguns sistemas metodológicos são desenvolvidos de forma consciente, precisa, livre de contradições, tendo consciência de seus mestres, de sua unidade e estruturação lógica. Diferente destes sistemas metodológicos, a Psicanálise carece de uma ‘teoria-sistema apriorista’ e as investigações de Freud se guiavam pelo que Vigotski (1927/1999) chama de ‘uma metodologia inconsciente’. Ao introduzir um novo vocábulo, ao relacionar termos, ao descrever novos fatos e extrair novas conclusões Freud acabava por criar de forma quase espontânea, sob diversas influências, algumas vezes contraditórias, um sistema estruturado de forma muito específica, obscura e complicada, tornando-se difícil nele se orientar e descobrir sua verdadeira natureza. Mas Freud desenvolveu seu sistema em torno do conceito de inconsciente o que torna imprescindível a sua análise para os fins desta pesquisa, buscando-se, neste sentido, evitar uma ingênua superposição de traços dos diferentes sistemas. Além de que

não significa de modo algum que os marxistas não devem estudar o inconsciente pelo mero fato de que as principais concepções de Freud contradizem o materialismo dialético. Pelo contrário, precisamente porque a psicanálise estuda seu objeto com base em meios impróprios, é necessário conquistá-la para o marxismo, estudá-la empregando os meios da verdadeira metodologia. (Vigotski, 1927/1999, p.265)

Em suma, a suposta busca de uma terceira via, diferente do materialismo fisicalista neurológico e da Psicologia racionalista, Freud, segundo Vigotski (1930/1999) obedece ao mesmo princípio da Psicologia compreensiva de Spranger: o de estudar o psicológico psicologicamente, embora siga caminho inverso ao deste autor. Este preceito de explicar os fenômenos psíquicos a partir deles mesmos mantém a possibilidade da existência da Psicologia como ciência específica e qualquer desvio para o campo anatômico ou fisiológico pode descobrir conexões psicofísicas factuais, mas que não ajudarão em nada a nossa compreensão.

Para a Psicanálise o psíquico e o consciente não são sinônimos e o conceito central é o de inconsciente, através do qual sua teoria e prática é constituída. Assim busca-se interpretar as conexões dos fenômenos psíquicos e conscientes como condicionados pelo âmbito inconsciente. As manifestações do inconsciente são tidas como fundamentalmente cifradas e através de sua análise pode-se, ao menos em parte, decifrá-las.

No texto *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/1999), Vigotski evidencia que a consciência apresenta limites, atrasos e distorções subjetivas em relação ao

real, que ela acompanha *por saltos, com omissões e lacunas*. Essa parcialidade subjetiva é exatamente o papel positivo da consciência, pois *um olho que visse tudo, precisamente por essa razão, não veria nada* (Vygotski, 1927/1999, p. 167). Assim a consciência exerce uma atividade prática de selecionar, filtrar e transformar elementos estáveis da realidade no interior do movimento da totalidade, de tal maneira que sua mediação possibilita que o sujeito possa organizar o real e orientar-se para ação. Paradoxalmente essa limitação é o que garante certa libertação da dominação da situação concreta, a partir das possibilidades e limites dados.

Durante a investigação da fala de pacientes sofrendores de ‘psicopatologias’ Freud constatou lacunas, esquecimentos e conexões omitidas. Através da análise clínica poderiam ser reestabelecidas e descobertas as premissas de onde derivavam os atos inconscientes. Freud constata que as reais motivações destes atos sobre os quais o sujeito desconhece se assemelhavam ao comportamento sob sugestão hipnótica, motivado pelo ‘inconsciente’, representado como processos espirituais.

No texto *A psique, a consciência, o inconsciente* (1930/1999), Vygotski (p. 142) elucida que este conceito de inconsciente possibilitaria preencher os limites, os saltos, as omissões e distorções da consciência:

preencher as lacunas da vida psíquica, estabelecer as conexões causais que faltam, continuar a descrição dos fenômenos psíquicos para além da mente mas nos mesmos termos, considerando que a causa deve ter homogeneidade com a consequência, ou pelo menos estar na mesma linha dela.

Vygotski (1930/1999) observa, no entanto, que a teoria freudiana desenvolvida sobre a base do conceito de inconsciente apresenta certa ambiguidade metodológica. Apesar de Freud manter afinidades com a Psicologia compreensiva idealista, de buscar estudar os fenômenos psíquicos a partir deles mesmos e assim afastar o materialismo médico fisiológico, Spranger (como citado por Vygotski, 1930/1999) indica que Freud também mantém certo materialismo psicológico, uma premissa metafísica tácita de uma atração sexual que se explica por si mesma e que é base para interpretação de todas as outras. Ou melhor, Freud mantém uma vertente materialista quando reduz a determinação dos fenômenos psíquicos ao nível orgânico, a uma motricidade biológica das pulsões. Esse paralelismo entre processos psíquicos e fisiológicos geraria uma contradição epistemológica que mantém o dualismo.

Ainda quanto ao problema do ‘inconsciente’, Vygotski relata que a Psicologia tradicional tinha como principal questão o seu reconhecimento como algo psíquico ou

fisiológico. Mas um terceiro caminho que tomou a ‘velha Psicologia’ para explicar o problema do ‘inconsciente’ foi a dualidade escolhida por Freud. Este também não teria resolvido a questão insolúvel sobre o caráter psíquico ou fisiológico do inconsciente. Se esta compreensão sobre o ‘inconsciente’ não oferece uma explicação realmente científica, Vigotski (1930/1999, p. 155) questiona-se *como essa coisa irreal exerce ao mesmo tempo uma influência tão claramente real como é um ato obsessivo*.

Ao contrário de Munsterberg (como citado por Vigotski, 1930/1999), Freud não considera o ‘inconsciente’ como apenas uma etiqueta ou como uma simples forma de expressão, mas como algo real que determina o comportamento. Apesar de, segundo Vigotski (1930/1999), não explicar a natureza desse algo ‘inconsciente’. Para Spranger o ponto fraco da Psicanálise consiste justamente em considerar o ‘inconsciente’ tanto como um sistema de conceitos convencionais, um procedimento para descrever fatos conhecidos, quanto como um fato que exerce uma clara influência sobre os atos do sujeito.

De acordo com Vigotski (1930/1999), o próprio Freud compreende que teria criado um conceito difícil de conceber visualmente, tão impossível e inconcebível quanto a ideia de ‘éter’, na física, ou o conceito matemático de ‘-1’. A ideia de espaço-tempo de Einstein é um modo de pensar, um modelo matemático de uma qualidade estrutural do campo gravitacional, que não tem uma existência por si próprio e não se confunde com a ideia do éter como uma realidade palpável. De forma análoga podemos pensar o inconsciente não como uma coisa substancial, pois não existiria concretamente, mas como um ideal necessário para preencher lacunas psíquicas e sustentar uma estruturação teórica sem sair do campo estritamente psicológico. Assim como a história da compreensão do éter acompanhou o desenvolvimento científico da física, podemos sondar como a história da compreensão do inconsciente acompanha o desenvolvimento da ciência psicológica.

A identificação entre o conceito matemático e sua representação empírica em forma de objeto era mais comum na época de Freud, até meados do século XIX, e o conceito matemático de ‘-1’ é inconcebível se pensado de forma substancial. Os números negativos eram impossíveis caso se pensasse a matemática como ciência das grandezas. Mas eles já faziam parte da cultura geral da matemática. Foi necessário rever o conceito de número, distanciá-lo de sua concepção substancial, relativamente concreta, de forte influência empirista, e passar para uma concepção mais abstrata. Entrelaçado ao desenvolvimento histórico do conceito de número os conceitos matemáticos deixam de representar coisas no pensamento substancial para representar relações no pensamento funcional, para que o conceito de número negativo pudesse ser corretamente apreendido.

Entendemos que, assim como na história do número negativo, menor do que a total ausência de quantidade, para compreendermos o ‘psiquismo inconsciente’, o pensamento impensado, não podemos entendê-lo como uma coisa, como grandeza, como objeto dotado de substância, mas como objeto abstrato. Nas palavras de Vigotski (p. 155), *podemos utilizar tais conceitos; mas é preciso compreender que nos referimos a conceitos abstratos, não a fatos.*

Nos seus primeiros textos, como no *Projeto de uma Psicologia* (1895/1995), Freud buscou explorar uma vertente neurológica e nutria a esperança de que com o desenvolvimento científico da Fisiologia, os conceitos psicológicos poderiam ser substituídos por outros fisiológicos. Gradualmente Freud vai abandonando esta hipótese e com a produção de *A Interpretação de Sonhos* (1900/1988) Freud marca a fundação da Psicanálise.

Como já nos referimos, Vigotski (1930/1999) declara que este ponto de vista considera que a tarefa teórico-cognitiva da Psicologia como ciência independente consiste em superar as lacunas da vida psíquica, realizar conexões psíquicas a partir de hipóteses psicológicas que garantam uma continuidade descritiva, partindo-se de conexões com fenômenos homogêneos, no mesmo sistema dos atos psíquicos, independente da realidade. Já as interpretações e analogias fisiológicas devem ser combatidas, ou podem ter apenas um valor auxiliar e provisoriamente heurístico. As lacunas e intervalos reais ou imaginários na consciência total, direta e permanente são preenchidos por elos ‘subconscientes’, ‘pouco conscientes’ ou ‘inconscientes’.

Vigotski (1930/1999) apresenta que o desenvolvimento histórico da ciência psicológica até então, mostrava que as diferentes maneiras de ter acesso à compreensão da psique conduziram a um ‘beco sem saída’, a partir do qual três vias excludentes se apresentam: a Reflexologia, a Psicologia Compreensiva ou Fenomenológica e a Psicanálise.

Vigotski (1930/1999) constata que a Psicologia tradicional ainda não tinha encontrado a solução para o problema da importância biológica da psique, visto que esta surgiu no processo evolutivo, não como dispositivo supérfluo mas de função até então desconhecida. De forma análoga também ainda não havia encontrado solução para o problema do esclarecimento das condições em que a atividade cerebral começa a ser acompanhada por fenômenos psicológicos.

O enfoque dialético permitiu que Vigotski (1930/1999) percebesse que as questões são insolúveis porque um erro havia sido cometido na própria formulação de todos os

problemas relacionados à psique, a consciência e o inconsciente. O problema é partir do pressuposto de que se pode separar uma qualidade do processo integral do qual é parte. Depois de isolada essa qualidade formula-se o problema sobre suas funções, como se essa existisse por si mesma. A falsa formulação do problema atribui à qualidade um significado independente do processo integral do qual é uma propriedade.

De acordo com Vigotski (1930/1999) assim vem agindo a Psicologia: descobre a vertente psíquica dos fenômenos, separa a psique dos processos de que é parte integrante, depois pergunta que papel desempenha no processo geral da vida. Assim os psicólogos tentam demonstrar que a psique, por si mesma, é incapaz de produzir mudanças na atividade cerebral, ou que não serve para nada, é um apêndice supérfluo, um epifenômeno.

A própria hipótese de que podem existir interrelações entre os processos psíquicos e cerebrais já encerra a falsa suposição de que os fenômenos psíquicos, qualidades entendidas como formas mecânicas especiais, podem agir sobre os processos cerebrais. Os processos cerebrais são, então, compreendidos como o objeto do qual os processos psíquicos são qualidades:

Não se pode perguntar em que condições começa o processo psíquico a acompanhar o nervoso, porque, em geral, os processos nervosos não são acompanhados pelos psíquicos, mas estes formam parte de um processo integral mais complexo, do qual também faz parte, de maneira orgânica, o nervoso (Vigotski, 1930/1999, p. 152).

A possibilidade de diálogo, crítica e avaliação não deve significar ecletismo, não deve significar a realização de transposições mecânicas de fragmentos de um sistema alheio ao outro, ou estabelecer coincidências teóricas e práticas ‘quase milagrosas’, como critica Vigotski (1927/1999). Neste sentido, o autor considera como evidência de veracidade as coincidências de conclusões parciais apontadas por sua formulação teórica e a Reflexologia de Pavlov,

só que “com outras expressões e com outros métodos”, com plena independência (...) Na verdade, o que prova a coincidência é apenas a carência metodológica de princípios e o ecletismo do sistema em que se estabelece a coincidência. Um refrão oriental diz que quem pega um lenço alheio pega o odor alheio; quem pega dos psicanalistas a doutrina dos complexos de Jung, a catarse de Freud, a orientação estratégica de Adler, pega também uma boa dose de odor desses sistemas, ou seja, do espírito filosófico de seus autores (Vigotski, 1927/1999, pp. 255-256).

A partir da análise da crise da Psicologia, Vigotski (1927/1999) constata que nenhum sistema filosófico pode dominar diretamente a Psicologia, sem uma metodologia, ou sem a elaboração de uma ciência geral, como único modo de sair da crise na ciência psicológica. A Psicologia de orientação marxista não devia ser criada diretamente a partir

dos pressupostos filosóficos marxistas, de forma a simplesmente responder a eles. Esta Psicologia não dispunha ainda de metodologia própria e não deve buscá-la em expressões casuais dos fundadores do marxismo, que não se colocaram esse problema. Segundo Vigotski devemos buscar nos autores do marxismo a globalidade de seu método que ajude a focar a análise da psique, e não uma fórmula que solucione o problema da psique, *querer encontrar em determinadas obras uma fórmula pronta da psique seria como exigir “a ciência antes da própria ciência”*.

Vigotski (1927/1999) entendia que a única apropriação coerente do marxismo seria através da criação de uma Psicologia geral, uma teoria que realizasse a mediação necessária entre o materialismo dialético e o estudo dos fenômenos psíquicos concretos. Os conceitos devem ser formulados em dependência direta à dialética geral, como filosofia de máximo grau de abrangência e universalidade. Uma ciência das formas mais gerais do devir, que abarca a natureza, o pensamento e a história. O materialismo dialético proveria a metodologia mais integral e adequada ao marxismo psicológico, a dialética da Psicologia, ou a Psicologia geral.

Segundo Vigotski a única forma de sair do ‘atoleiro’ da crise é renunciando ao pressuposto filosófico mantido pela então chamada ‘velha Psicologia’. Para o pensamento dialético, não constitui obstáculo a irredutibilidade do fisiológico ao psíquico ou vice-versa, pois os processos de desenvolvimento se dão com conservação e continuidade, assim como com superações, saltos e aparecimento de novas qualidades, que não podem ser reduzidas mecanicamente a fenômenos mais simples. A Psicologia dialética parte da unidade dos processos psíquicos e fisiológicos, dessa forma, a psique surgiu como um processo de desenvolvimento de parte da natureza, ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada de nosso cérebro.

Em um determinado nível de desenvolvimento dos animais, preparado por todo o desenvolvimento precedente, deu-se um salto em seu curso para o surgimento de uma nova qualidade, de uma faceta especial desse processo. Produziu-se uma mudança qualitativa no aperfeiçoamento dos processos cerebrais e o surgimento da psique como expressão subjetiva do processo de desenvolvimento das funções superiores do cérebro. Portanto a psique não é algo que jaz além da natureza, ou um complemento especial separado dos processos cerebrais. O enfoque idealista da velha Psicologia fazia com que o psíquico fosse entendido como um processo paralelo e independente, abstraído aos processos fisiológicos, escapando assim ao processo global de que é parte e que apenas em seu seio adquire sentido e significado.

Visto que os processos psíquicos e fisiológicos são incompreensíveis quando estudados de forma separada, desgarrados do conjunto, Vigotski (1930/1999) constata que o reconhecimento da unidade do processo psicofisiológico conduz a uma nova exigência metodológica. Abordar o processo em sua totalidade não deve nos levar a identificar o psíquico com o físico, mas implica em considerá-los ao mesmo tempo, em assumir a unidade dos aspectos subjetivos e objetivos. A psique surgiu em determinado nível de desenvolvimento da matéria orgânica e os processos psíquicos só existem como constituintes de uma parte inseparável de conjuntos mais complexos.

Assim como a Psicologia dialética não identifica o psíquico com o fisiológico, ela também não confunde o fenômeno com a existência e reconhece o caráter irreduzível da singularidade qualitativa da psique. Portanto reconhece os processos psicofisiológicos singulares e únicos, que constituem as formas superiores de comportamento do ser humano. Mas, por opção metodológica, Vigotski (1930/1999) propõe denominá-los de processos psicológicos, que são diferentes dos psíquicos e análogos aos psicofisiológicos. Enquanto o estudo psicofisiológico, da Psicologia fisiológica ou da Fisiologia psicológica consideraria como tarefa específica estabelecer as conexões e dependências existentes entre os dois gêneros de fenômenos, o estudo psicológico pode abordar os processos que a Psicologia estuda, sublinhando a possibilidade e necessidade de um objetivo único e integral para a Psicologia como ciência.

A fórmula dialética de unidade, mas não identidade, entre os processos psíquicos e fisiológicos, é muitas vezes interpretada de forma equivocada, o que pode levar a contrapô-los. Esta contraposição suscita a ideia antidialética de que a 'Psicologia dialética' deve ser constituída pelo estudo puramente fisiológico dos reflexos condicionados e pela análise introspectiva, que depois se uniriam mecanicamente. A saída da Psicologia dialética consiste em determinar de modo novo o objeto de estudo, o processo integral do comportamento, pois apesar deste se caracterizar tanto por componentes psíquicos como fisiológicos eles devem ser estudados como um processo único e integral.

Vigotski (1927/1999) recorre a Lênin para destacar que dentro dos limites da formulação das tarefas gnosiológicas, é essencial contrapor o psíquico e o físico, enquanto para fora deste limite esta contraposição é um engano. Ou seja, na análise gnosiológica devemos contrapor a sensação ao objeto, enquanto que do ponto de vista ontológico não se deve contrapor o processo psíquico ao fisiológico. Segundo Vigotski (1927/1999) a dificuldade metodológica da Psicologia consiste precisamente em que ela realiza esta contraposição a partir de um ponto de vista científico-real ontológico, ou identifica o

subjetivo ao psíquico e conclui que este não pode ser objetivo. Vigotski (1927/1999, p. 380) citando Hoffding (1908, p. 214) considera que enquanto a relação entre sujeito e objeto constitui *um problema da consciência, a relação entre o espírito e a matéria é um problema da realidade*.

De acordo com Vigotski (1930/1999), o conceito integral, monista de psique, que consiste em analisar o processo em sua totalidade, permite formular de forma diferente a questão sobre seu significado biológico e sobre que função cumpre na evolução. Desta forma, segundo Vigotski (1930/1999, p. 148-149),

a tarefa fundamental da psicologia dialética consiste precisamente em descobrir a conexão significativa entre as partes e o todo, em saber considerar o processo psíquico em conexão orgânica nos limites de um processo integral mais complexo.

Diferente da Psicologia tradicional, Vigotski (1930/1999) entende que a psique não tem uma ação mecânica sobre o cérebro, não são os atos psíquicos em si que influenciam os nervos, ou funcionam como uma segunda força que existe junto aos processos cerebrais. O resultado é conduzido por um todo constituído pelo processo fisiológico e a impressão correspondente. Portanto não devemos nos perguntar sobre o significado biológico dos processos psíquicos, mas sim dos processos psicológicos, entendidos como os que abarcam como um todo os processos fisiológicos cerebrais e suas respectivas qualidade psíquicas.

Segundo Marx (1859/1985, p. 271) se a essência e a aparência das coisas, o que elas realmente são e a forma como se manifestam, coincidissem diretamente, bastaria contá-las e registrá-las, e a pesquisa cientificamente seria desnecessária. Vigotski (1930/1999) observa a mesma situação na Psicologia que nega a diferença entre o fenômeno e a realidade, que afirma a fenomenologia e nega a pesquisa científica.

A partir da interpretação tradicional da psique era absurdo formular a questão sobre a distinção entre fenômeno e existência na psique. Mas, segundo Vigotski (1930/1999), a substituição dos processos psíquicos pelos psicológicos possibilitaria aplicar em Psicologia o critério de Feuerbach²³: *nem mesmo no pensamento se destruiu a diferença entre fenômeno e realidade; também no pensamento é preciso distinguir entre o pensamento e o*

²³ Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) foi um filósofo alemão que abandonou a Teologia e tornou-se aluno de Hegel. Desenvolveu uma crítica a sua interpretação idealista e da concepção abstrata do ser humano. Feuerbach escreveu uma crítica materialista a alienação religiosa e propôs uma filosofia que parta da realidade material, sensível, empírica para se chegar ao 'homem genérico', a sua essência, a síntese de todas as qualidades humanas que não existindo em nenhum indivíduo em particular são projetadas na ideia de Deus. A filosofia de Feuerbach influenciou muito Marx que em 1845 escreve uma crítica a seu materialismo sensualista e a sua concepção do ser humano como produto passivo das circunstâncias materiais a-históricas.

pensamento do pensamento (Vigotski, 1930/1999, p. 150). Desta forma, ressalta Vigotski 1930/1999, p. 150-151):

A nova psicologia afirma rotundamente que tampouco no mundo da psique coincidem o fenômeno e a realidade. Pode parecer-nos que fazemos algo por uma causa determinada, mas na realidade a causa é outra. Podemos supor, com toda a convicção que nos dá a vivência direta, que gozamos de liberdade de vontade e nos equivocamos cruelmente a esse respeito.

O objeto da Psicologia, entendido como o processo psicofisiológico integral do comportamento, não pode ser definido como um componente exclusivamente psíquico e nem interpretado exclusivamente através da autopercepção. A introspecção fornece os dados do fenômeno da autoconsciência, que deformam a realidade da consciência. Nunca se desvenda diretamente a consciência e todo o processo integral do qual é parte.

Se a velha Psicologia coincide o fenômeno e a realidade no mundo da psique, ela é levada a identificar a psique à consciência. Nesta interpretação a vivência da consciência nos é dada imediatamente na experiência direta do psíquico e autores como Brentano²⁴ (como citado por Vigotski, 1930/1999) afirmavam que a expressão ‘psique inconsciente’ é contraditória em sua própria definição, assim como ‘quadrado redondo’ ou ‘água seca’.

Vigotski (1930/1999) evidencia que alguns autores introduziram o conceito de ‘inconsciente’ na Psicologia por terem se concentrado em fatos como os variados graus de consciência dos fenômenos, ou na luta entre elementos da vida psíquica para entrar no campo da consciência, ou ainda na fragmentação e descontinuidade dos fenômenos da vida psíquica.

Concordamos com Vigotski (1930/1999) quando este afirma que o fato de um fenômeno ser mais claro e consciente ou mais obscuro não o faz mais ou menos psíquico. Portanto podemos chamar de não-conscientes aqueles fenômenos psíquicos que se encontram na periferia da consciência. Confrontos, deslocamentos, renovações e repetições inoportunas mostram que certos elementos continuam *existindo sob o limiar da consciência como uma tendência à representação* (Vigotski, 1930/1999, p. 152). Segundo o autor a teoria de Freud na qual o inconsciente surge do deslocamento encontra-se, de

²⁴ Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (1838-1917) filósofo e psicólogo alemão, definiu a psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos, ou ciência empírica dos atos psíquicos pelos quais o sujeito dá significado aos objetos do seu mundo relacional, ou simplesmente, da consciência. Considerado como um dos principais responsáveis por ‘separar’ a psicologia científica da filosofia e assim fundar a moderna psicologia cognitiva. Seu método refere-se especialmente a base experiencial, centra-se na descrição imediata dos fenômenos das experiências vividas, mas Brentano também se referiu a possibilidade de uma psicologia genética, psicofísica e explicativa de natureza experimental, apesar de não fazer referência aos determinantes culturais e históricos. Brentano influenciou Husserl, em especial com relação a doutrina da ‘intencionalidade’ entendido como conceito fundamental da psicologia mediante o qual foi possível a Fenomenologia.

forma embrionária, próximo a esta percepção do deslocamento para o ‘inconsciente’ de representações potencialmente conscientes. Outro fato que obrigava alguns autores a introduzir o conceito de ‘inconsciente’ é o de que a vida psíquica supõe uma série de fenômenos muito fragmentários, e estes exigem que admitamos que eles continuam existindo mesmo quando não temos mais consciência deles.

Alguns psicólogos acreditam que o fenômeno potencial conserva-se como um rasto dinâmico no cérebro. Békhterev (1926) supunha que a consciência começava a trabalhar depois que a primeira corrente encontrava um obstáculo ao se expandir pelo cérebro. A dificuldade do problema sobre o significado biológico da psique, sobre as condições em que os processos psíquicos e a consciência começam a acompanhar os processos nervosos cerebrais, está na falsa formulação do problema, ou seja, a pergunta tem de ser feita de outra forma. O pesquisador deveria se perguntar em que condições conjuntas, no sistema nervoso e no comportamento, surgem os complexos processos integrais caracterizados pela presença neles da parte psíquica?

No que diz respeito ao problema do ‘inconsciente’, Vigotski (1930/1999) coloca que a questão principal para a Psicologia tradicional era o seu reconhecimento como algo psíquico ou fisiológico. Ali onde o psíquico era considerado como desgarrado dos processos psicológicos e de qualquer fenômeno é comum que fosse resolvido no fisiológico, na linha de Pavlov, ou no psíquico, na linha da Psicologia compreensiva. A Psicologia dialética deve colocar o problema do inconsciente de forma totalmente distinta a desenvolvida através dos princípios formulados por Husserl ou Pavlov.

Segundo Vigotski (1930/1999, p. 156) a pergunta sobre o ‘inconsciente’ deve ser formulada da seguinte maneira: *é psicológico o inconsciente e pode ser considerado dentro de outros fenômenos homogêneos como mais um aspecto dos processos de comportamento junto com os processos psicológicos a que nos referimos antes?* Como vimos, Vigotski (1930/1999) responde afirmativamente a esta pergunta quando considera a psique como parte integrante de um processo complexo, que não se limita a sua vertente consciente, portanto é legítimo falar do psicologicamente ‘inconsciente’, potencialmente consciente.

O autor nota que para Freud o conceito de inconsciente é, por um lado, um procedimento de descrição dos atos e, por outro, algo real, reconhecido pelo seu caráter de influir diretamente nos processos conscientes e no comportamento. Vigotski (1930/1999, p. 157), admite que o ‘inconsciente’ goza de todas as propriedades do psíquico, e formula a seguinte questão: *será que também o fenômeno psíquico consciente pode produzir*

diretamente ações? Vigotski (1930/1999), neste caso, responde que não como fenômeno psíquico parcial, mas sim como fenômeno psicofisiológico. Portanto o reconhecimento do caráter ativo do ‘inconsciente’ sobre o comportamento e a consciência exige seu reconhecimento como processo psicofisiológico integral.

Vigotski (1930/1999) reafirma que a Psicologia tradicional é incapaz de resolver os principais problemas da psique e da consciência. Como já ressaltamos, para descrever os fatos ‘inconscientes’ de forma correspondente a sua natureza, nem psíquica nem fisiologicamente, Vigotski (1930/1999) emprega o conceito de ‘psicológico’ como uma definição que caracteriza de forma autêntica os processos dos comportamentos psicofisiológicos integrais. Conforme Vigotski (1930/1999), alguns autores buscaram acabar com a identidade promovida pela ‘velha Psicologia’ entre o psíquico e o psicológico. Mas somente a Psicologia dialética é capaz de identificar o ‘atoleiro’ ao afirmar que o autêntico objeto da Psicologia não é constituído pelo fenômeno psíquico neutro, mas pelo fenômeno psicológico único, mais complexo e integral, cujo psíquico é parte orgânica.

A nova formulação do problema pela Psicologia dialética busca incorporar as conquistas da Psicologia subjetiva e objetiva. Segundo Vigotski (1930/1999) a Psicologia subjetiva descobriu uma série de características funcionais específicas dos fenômenos psíquicos, como os formulados por F. Brentano e outros. A saber, o traço negativo de sua espontaneidade, sua relação e representação intencional e singular com o objeto, a introspecção como um procedimento original e restrito de acesso às suas vivências, a especial conexão com a personalidade e o ‘eu’. Enquanto para a velha Psicologia esses aspectos eram questão de dogma, somente a nova formulação da questão pela Psicologia dialética pode investiga-las e explicá-las adequadamente.

Vigotski (1930/1999) constatou através da obra de J. Watson (1926) que a Psicologia objetiva também procurou abordar o problema do ‘inconsciente’. Este termo distinguiria o comportamento verbalizado do não-verbalizado. Segundo Békhterev (como citado por Vigotski, 1930/1999) a parte dos processos comportamentais que desde o princípio é acompanhada de palavras pode ser provocada ou substituída por processos verbais, que são controlados por nós, enquanto a parte não verbal não mantém relação com as palavras e escapa do nosso controle. Segundo Vigotski (1930/1999), Freud também já teria descrito a relação entre o inconsciente e a representação alheia à palavra.

Vigotski (1930/1999) menciona que alguns críticos de Freud associavam o ‘inconsciente’ com o associal e este por sua vez com o não-verbal. De acordo com

Vigotski (1930/1999), Watson teria concluído que a verbalização é a principal diferença do consciente e que o que Freud denomina de ‘inconsciente’ é em essência o não-verbal. Assim Watson (como citado por Vigotski,1930/1999) extrai destas teses a conclusão de que os acontecimentos da mais remota infância não podem ser lembrados e são ‘inconscientes’ para nós porque os comportamentos ainda não eram verbalizados e que o ponto fraco de Freud seria a tentativa de interferir nos processos ‘inconscientes’, não-verbais, dos clientes por meio da palavra, de reações verbais.

Vigotski conclui o seu texto sobre *A psique, a consciência, o inconsciente* (1930/1999) anunciando que a conexão que teria sido realizada tanto por Watson como por Freud entre o ‘inconsciente’ e o não-verbal, com aquelas representações que estão dissociadas das palavras, encerra um germe positivo que deve ser plenamente desenvolvido com base na Psicologia dialética.

6. O problema do consciente/inconsciente: algumas reflexões

Consideramos que as teorias histórico-cultural e psicanalítica podem colocar diferentes questões aos problemas e relacionar o conceito de ‘inconsciente’ com diferentes noções que de suas teorias fazem parte. Mas, diferente das proposições radicalmente relativistas, entendemos que o fato de partilharem um mesmo referente, como uma noção específica de ‘inconsciente’, ou eventualmente partilharem uma gama de questões suficientemente amplas, pode possibilitar o diálogo, a crítica e a avaliação entre estas, sem anexações ecléticas. De forma análoga, por exemplo, ao modo como Marx (1859/1985, p. 15) descobre *o núcleo racional no interior do invólucro místico* da teoria hegeliana, Vigotski (1927/1999) reconhece os avanços produzidos por outras teorias, tanto soviéticas como ocidentais, valoriza também os avanços trazidos pela Psicanálise freudiana e reafirma que os avanços devem ser incorporados com a sua superação. Talvez, diferente da apropriação de Marx da teoria hegeliana, a Psicologia Histórico-Cultural pode-se inspirar no involucro racional da teoria freudiana sem se apropriar do seu núcleo explicativo.

Carl Ratner (1994/2012), assim como Vigotski (1927/1999), também afirma que não devemos anexar conceitos freudianos de forma a conciliar princípios incompatíveis e fomentar o ecletismo. Mas Ratner (1994/2012) parece reafirmar a necessidade de separação radical com os princípios psicanalíticos, apenas para em seguida se apropriar de princípios fenomenológicos e reproduzir a indiferenciação entre a atividade psicológica e a consciente. Entendemos que a primeira condição de possibilidade para se pensar um conceito psicológico de ‘inconsciente’ em Vigotski é o fato de que o materialismo dialético da Psicologia Histórico-Cultural, ao contrário do idealismo fenomenológico de Husserl, não coincide, mesmo no psicológico, a aparência fenomênica com a essência, assim como, a consciência com a psique. A possibilidade da existência de fenômenos psíquicos não-conscientes pode ser testemunhada, entre outros indícios psicopatológicos ou oníricos, pelo caráter gradativo, fragmentado ou dinâmico dos fenômenos conscientes, sem que deixem de existir como processo psíquico, como atividade cognitiva e afetiva, essencialmente dependentes da consciência e da sociedade, mas sem perder a sua especificidade. Presumimos, portanto, que pode existir ideias e sentimentos não-conscientes, que não são mecanismos puramente neurofisiológicos, reduzidos a modelos físicos de processamento de informação ou determinados por energias primordiais, mas como aspectos culturais

interiorizados de forma singular, que se desenvolvem de forma intrinsecamente vinculada ao desenvolvimento da consciência.

A postulação do conceito de ‘inconsciente’ tem lugar central na perspectiva teórica psicanalítica e esta tem sido reconhecida como teoria destacada para a compreensão destes fenômenos chamados ‘inconscientes’. Este fato não deve ser ignorado, assim como não deve existir uma imposição de direito da Psicanálise sobre o conceito que foi, anterior e posteriormente abordado de forma singular a partir de várias concepções filosóficas, como o Romantismo alemão ou mesmo o materialismo dialético, assim como problema teórico e prático de diversas abordagens psicológicas.

Como vimos no final do Capítulo anterior, Vigotski, ao concluir o texto *A psique, a consciência, o inconsciente* (1930/1999), considera que o germe positivo que deve ser plenamente desenvolvido pela Psicologia dialética sobre o tema diz respeito à conexão realizada pelo próprio Freud entre o inconsciente e aquelas representações não-verbais, dissociadas das palavras. Em nossa análise da obra *Psicologia das massas e análise do Eu* (1931/1999) pudemos constatar que Freud aproxima o inconsciente com o associal, com impulsos primitivos que podem ser atualizados se o sujeito se encontra em uma massa desorganizada. A inspiração naturalista, coerente às leis e condições gerais do conhecimento científico do século XIX, assim como a formação médica de Freud, possibilitou que ele desenvolvesse a ideia de energias libidinais inconscientes. Freud não contava com os recursos da linguística como a desenvolvida por Saussure²⁵ no limiar do século XX. Durante a ascensão do movimento estruturalista e a promoção do recurso à linguística, a concepção de que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente a estrutura da linguagem é a pedra angular do retorno a Freud e do combate à sua suposta interpretação biologicista de um dos mais importantes continuadores da teoria psicanalítica, Lacan²⁶.

²⁵ Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista e filósofo suíço que fomentou o desenvolvimento da linguística como ciência autônoma, com objeto e métodos próprios, ramo da Semiologia, ciência mais geral dos signos. Sua produção teórica serviu de base para o desenvolvimento do Estruturalismo durante o século XX e foi apropriada de modo particular por Lacan em sua refundação do campo psicanalítico.

²⁶ Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), psicanalista francês que rompeu com o caminho que vinham tomando os pós-freudianos e a leituras psiquiátricas e biologizantes da psicanálise que tendia a relacionar o ‘inconsciente’ com algo ‘natural e biológico’. Portanto, Lacan promoveu um ‘retorno a Freud’ que tinha dentre os objetivos criticar o caráter adaptacionista que tomava a psicanálise, principalmente por volta dos anos de 1950 com a ‘Ego therapy’. Para isto, além do retorno à Freud, Lacan se serve da perspectiva epistemológica da linguística estrutural saussuriana como base para a construção da concepção sobre o ‘inconsciente’ constituído como linguagem. Não a incorporando integralmente, mas a adaptando de forma geral ao campo da psicanálise e de forma específica ao tema do ‘inconsciente’.

Segundo Castro (2009, p. 9), Lacan (1981, p. 223) reconhece fortes indícios nas obras de Freud de que o inconsciente não pode ser entendido como o não-verbal, pois mesmo as manifestações que parecem provindas da profunda, elementar e obscura sede dos instintos mais primitivos são, como todos os interesses humanos, estruturados no jogo de insistências significantes. Desta forma, argumenta que para Freud os afetos não são reprimidos, mas apenas deslocados, o que é reprimido é o que Freud chama de *Vorstellungsrepräsentanz*, ou o representante da representação, o que Lacan chama de ‘significante’. Aquilo que não se manifesta como linguagem seria um resto do processo de simbolização, chamado por Lacan de ‘real’, que não tem precedência sobre ele. Outros elementos do inconsciente, como imagens e desejos, normalmente encontram expressão verbal. Portanto para Freud *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* (Lacan, 1981, p. 135, como citado por Castro, 2009, p. 2) e, segundo Lacan, seria justamente a esta teoria que se deve o caráter radical da descoberta de Freud e o nascimento da Psicanálise.

Castro (2009) também ressalta que Freud compara a organização do inconsciente a de certos sistemas de signos, a hieróglifos a serem decifrados, traduzidos e interpretados em uma prática analítica que valoriza os aspectos da linguagem do inconsciente e tece analogias entre a atividade do inconsciente e a do escritor ou poeta. As formações do inconsciente, os chistes, os lapsos, os mecanismos de elaboração onírica seguiriam o modo de operação das figuras estilísticas e os sintomas neuróticos seriam articulações envolvendo significantes.

Em obras como na *A interpretação dos sonhos* (1900/1988), Castro (2009) apresenta como Freud indica que por trás das manifestações dos sonhos, lapsos ou chistes existem finalidades significantes que se manifestam como o retorno cifrado associado a outros significantes reprimidos. Estas manifestações permitiriam detectar a presença do inconsciente e de seus processos de linguagem, de seu funcionamento como uma rede articulada de significantes. Nesta mesma obra Freud (1900/1988) refere-se ao sonho como um texto e à elaboração onírica como um processo de interpretação ou tradução que constrói o texto do conteúdo manifesto, o sonho propriamente dito, através dos mecanismos de deslocamento e condensação dos elementos textuais do conteúdo latente dos pensamentos oníricos.

Neste sentido, o sonho, assim como o sintoma neurótico, apresentariam o papel da língua por meio da qual o recalque pode ser expresso. O significante ou

a expressão ‘fala’ deve ser entendida não apenas como significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os

outros métodos, como por exemplo a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa (Freud, 1974, p. 211, como citado por Castro, 2009, p. 9).

Para Santos e Leão (2012) o ‘inconsciente’ estaria relacionado à impossibilidade de abstração, de criação de uma realidade interior que não se limite ou se confunda com a realidade oferecida em um dado momento, ao não-verbal e a ausência de sentido e de significado. Na obra *Pensamento e Linguagem* (Vigotsky, 1934/1987, como citado por Santos & Leão, 2012) o sentido é entendido como a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência, mas que não foi fixado pelo signo. Os significados são entendidos como a zona mais estável e precisa dos sentidos que os extrapolam, mas que são produtos dos significados, portanto ambos não podem ser entendidos de forma isolada. Os significados são entendidos como as *objetivações que portam o movimento social, que os constituem como uma generalização cristalizada da realidade em uma representação simbólica, normalmente sob a forma de palavras ou conjunto de palavras* (Santos & Leão, 2012, p. 642).

Consideramos que, com relação ao problema do ‘inconsciente’, os psicólogos histórico-culturais desenvolveram com mais exatidão a negação dos pensamentos falsos, ao passo que o desenvolvimento de uma nova compreensão materialista histórica e dialética do conceito de ‘inconsciente’ mostra-se ainda imprecisa quanto à sua definição positiva. Vigotski (1927/1999, p. 265-266) observa que a Biologia assimilou e aprendeu como operar com o conceito de ‘vida’ com grande clareza. A Psicologia Histórico-Cultural incorporou e superou o princípio reflexológico e conquistou a ‘consciência’ como objeto de estudo da nova Psicologia. Mas Vigotski (1927/1999, p. 265-266) também ressalta que a Biologia ainda apresenta a necessidade de dominar a ideia de ‘morte’, não simplesmente como a ausência de vida, assim como a matemática em determinado momento teve a necessidade do conceito de ‘número negativo’, que não deve ser reduzido à ausência de quantidade. Cogitamos que, de forma análoga, a Psicologia Histórico-Cultural ainda apresenta a necessidade de dominar a ideia de pensamento não-consciente como um certo algo e não como uma simples ausência. Tal qual Vigotski superou a concepção de consciência como a experiência de reflexos de reflexos, ainda cabe à Psicologia Histórico-Cultural entender os processos não-conscientes também como formas específicas de atividades subjetivas em relação a atividades objetivas.

Entendemos que devido à ideia de uma não-consciência cognitiva ainda ter sido pouco desenvolvida na Psicologia Histórico-Cultural, o conceito de ‘inconsciente’ ou é

ignorado, identificando-se o psicológico com a consciência, ou majoritariamente definido pelo que ele não é, como um oco, um vazio, um conceito negativo em contraposição contraditória à consciência, como a ausência de consciência, a não-consciência não cognitiva, o associal, o não-verbal, o que não é conhecido. Ratner (1994/2012) nega a existência de conhecimentos ‘inconscientes’ e propõe reconceitualizar o termo ‘inconsciente’ pelo de ‘desconhecimento’ ou ‘*unawareness*’. Este desconhecimento representaria funções e intenções objetivas, conceitos, práticas e condições sociais que estruturam o comportamento pessoal do sujeito, ultrapassam suas intenções conscientes, diminuem o autocontrole e aumentam o das determinações sociais. Ainda segundo Ratner (1994/2012) o desconhecimento, que está além do escopo dos esquemas conceituais do sujeito, deriva de conceitos inadequados que geram percepções errôneas e ilusões perceptuais de objetos, de características ou padrões completos de atividades mentais.

Sawaia (1987, p. 293) nos lembra que *não há nenhuma atividade que não seja seguida ou precedida de um determinado estado de consciência*. Podemos interpretar que este ‘*determinado estado de consciência*’ pode marcar exatamente a sua indeterminação e o fato de que a atividade subjetiva que precede ou segue a ação pôde não ser elaborada a ponto de tornarem-se sentimentos e pensamentos conscientes, sem deixar de ser atividade psíquica, emocional e cognitivamente implicada:

Acabei de dar um nó – fiz isso conscientemente mas não sei explicar como o fiz, porque minha consciência estava concentrada mais no nó do que nos meus próprios movimentos, o como de minha ação. Quando este último torna-se objeto de minha consciência, já terei me tornado plenamente consciente. Utilizamos a palavra consciência para indicar a percepção da atividade da mente – a consciência de estar consciente (Vigotski, 1934/1987, p. 78).

Podemos perceber que a consciência concentrada no nó está limitada à impressão mais imediata do mundo exterior pelos sentidos, enquanto que a plena consciência é a que capta o processo, concentrada no como de minha ação, nos meus próprios movimentos, que percebe a atividade de minha mente que, por sua vez, percebe a atividade prática, ou a consciência de estar consciente. Portanto podemos notar que Vigotski (1934/1987) realiza uma forma de cisão psicológica e descreve uma atividade da mente já independente do pensamento que pode a perceber conscientemente. Trata-se de algo como um outro nível de consciência, que mobiliza todas as funções psíquicas superiores e influencia comportamentos complexos, mas não é notada por um outro grau de consciência que possa lhe compreender, avaliar e reorientar.

Em grande parte devido ao diálogo original com as fontes científicas, filosóficas e artísticas que realizou, como Marx e Engels, Vigotski conseguiu desenvolver um estudo sobre as funções psicológicas humanas que não fosse reduzido ao idealismo eidético ou ao naturalismo e ao funcionamento da Psicologia animal. O capital cultural específico que Vigotski já possuía na área da análise literária, fonte de seus primeiros interesses pela Psicologia, assim como da Linguística e da Semiologia, possivelmente o levaram a considerar de forma especial os instrumentos simbólicos que possibilitaram a transformação da atividade reflexa em atividade voluntária consciente. De forma relativamente aproximada, o conjunto de fontes filosóficas, científicas, artísticas, mas sobretudo da Linguística, teriam possibilitado a Lacan superar as interpretações naturalistas e biológica do inconsciente em Freud.

Santos e Leão (2012, p. 640) entendem que o sujeito pode interiorizar conteúdos culturais *sem que ocorra a apropriação deles, ou seja, sem que se tornem funções psicológicas superiores*. Concebemos que o entendimento do 'inconsciente' como o não-verbal, sem sentido ou significado, impossibilitado de abstrair e de criar uma realidade interior que não se confunda e não se limite à realidade oferecida em um dado momento, pode ser entendido como o pensamento não-consciente dos animais não-humanos, limitados às funções psicológicas elementares. Mas, quanto ao ser humano candidato a humanidade, presumimos que não é possível realizar tal discernimento, pois o ser humano uma vez 'condenado' à humanidade jamais poderá retornar à plena condição psicológica animal.

Vigotski (1927) argumenta que a análise da atividade reflexa e seus condicionamentos é muito importante para compreensão do comportamento do animal vertebrado não-humano, mas limitada para a compreensão do comportamento humano e, como o entendemos, mesmo se tratando do comportamento não-consciente. Entendemos que, depois de se humanizar, toda relação do sujeito com o objeto passa a ser mediada e portanto operar de forma não-consciente não significa necessariamente operar de forma não-verbal. A interiorização de aspectos da atividade humana é uma conversão semiótica de processos sociais, que são incorporados por suas mediações semióticas e significados culturais. Em textos posteriores Vigotski (1934/1987) indica como os conceitos espontâneos – adquiridos fora do contexto da instrução explícita, ou 'conceitos cotidianos', visto que não surgem espontaneamente mas são produções culturais – não são conscientizados. As crianças operam com conceitos, mas relacionam-se simplesmente com o objeto, portanto não tomam consciência dos conceitos, não se relacionam com o ato de

pensamento desta relação. Da mesma forma, o adolescente pode apresentar uma dificuldade substancial em definir os conceitos que forma corretamente. Isto demonstra que o pensamento conceitual primeiro é dominado através da prática e existe em si e para os outros, antes do adolescente ter consciência do conceito real para poder defini-lo logicamente de forma a torná-lo para si.

A interiorização não é passiva, mas uma atividade que implica a transformação da produção cultural, tornando-a algo próprio do sujeito, mesmo que não tenha sido apropriada para si de forma consciente. Ao contrário do localizacionismo cerebral que lega a cada área encefálica um papel desligado do todo de sua atividade, como o próprio termo já sugere, a ‘função’ só existe em relação, ou seja, no ser humano toda interiorização de sua atividade já é incorporada às funções psicológicas superiores, as operações mediadas através dos signos, seus sentidos e significados, mesmo que nunca se tornem conscientes.

Em certas passagens Santos e Leão (2012) representam o ‘inconsciente’ como formado primordialmente pelo tónus emocional, pela intensidade dos estados emocionais que interferem e direcionam o comportamento do indivíduo a dado objeto de forma anterior à reflexão cognitiva ou à compreensão sobre seus motivos e objetivos. Esta concepção não pode ser entendida como a reafirmação do dualismo epistemológico entre sensorialistas e racionalistas, entendendo neste último caso a emoção como o que precede a razão ou que provoca erros e perturba o bom funcionamento da consciência racional. Isto pode acontecer em situações contingenciais e deve ser equilibrado pela razão, mas a emoção jamais perde seu nexos com a cognição. Para a Psicologia dialética o afeto só pode ser entendido em conexão com as funções psicológicas em seu conjunto e com as conexões estabelecidas nas experiências das outras pessoas, assim portanto, com o caráter mediado das funções psíquicas humanas. Desta forma a emoção é compreendida em sua positividade epistemológica, como condição substancial a cognição, inseparável de sua qualidade sgnica, pois mesmo a emoção humana mais momentânea e imediata tem história e depende da memória das relações sociais significativas do sujeito.

No artigo de Santos e Leão (2012, p. 642) encontramos também precedentes para pensar o inconsciente como o sentido sem significado ou o sentido que *não ganha representação na forma de um signo – como uma palavra ou uma imagem, que possibilitam a sua representação consciente*. O sentido é resultado do significado, sendo este a zona mais estável e precisa de sentido, assim um não pode ser considerado sem o outro, ainda que a generalização cristalizada da realidade não seja o insuficiente para

promover uma estabilização do tônus emocional e de todos os eventos psicológicos que o significado desperta.

Quando Vigotski (1925/1999, pp. 68-69) realiza a já citada comparação metafórica entre o sistema nervoso e as portas de um grande edifício, entendemos que esta representa parte do funcionamento de nosso sistema nervoso, a passagem dos estímulos pelos órgãos do sentido até o canal da simbolização. Esta metáfora pode dar a entender que primeiro o sujeito capta os estímulos pelos órgãos dos sentidos para que, de forma cronologicamente posterior, estes possam ou não passar pelo canal de simbolização. Ou que o sentido do tônus emocional que sinaliza o interesse do sujeito trata-se de uma avaliação anterior a mobilização dos recursos simbólicos. No entanto, consideramos que não existe este funcionamento isolado, mas uma interconexão funcional entre a sensibilidade fisiológica, o sentimento, o pensamento e a vontade, que tem sua constituição intrapsíquica relacionada às relações interpessoais de fundamento social mais amplo. No ser humano os sentidos são culturalmente educados desde o nascimento, de tal forma que não se estabelece uma dicotomia, mas uma relação dialética entre o sentimento, a simbolização singular e os valores sociais. Podemos pensar inclusive que o próprio termo ‘sentido’ já encerra a superação da contradição entre os sentimentos/emoções e os sinais significantes apropriados de forma singular. Isso ocorre ainda que apenas uma pequena parcela das impressões interiorizadas de forma não-consciente passem pelo canal de simbolização consciente.

Ao termo ‘inconsciente’ foram atribuídos vários sentidos e muitos destes se misturam ou se alternam no senso comum ou no pensamento científico, que muitas vezes mantêm uma relação genérica e vaga com o termo. Desta forma, assim como para Vigotski (1924/1999) educar é organizar a vida, vemos a necessidade de propor uma mínima organização a esta polissemia como desenvolvimento concomitante à pesquisa e à apropriação aprofundada do tema, que já vai se consolidando durante o próprio ato de organização dos termos e educação dos sentidos. Uma proposta que buscaremos desenvolver a partir de então é o agrupamento e relação entre diferentes possíveis perspectivas do psiquismo não-consciente, sendo estas, basicamente, o ‘pré-consciente’, o ‘subconsciente’ e o ‘inconsciente’ propriamente dito. Trata-se de uma sistematização baseada em suas respectivas dinâmicas de formação e possibilidades de transformação, entendendo que apesar de concretamente estas qualidades dinâmicas e ambivalentes estarem intimamente relacionadas e mutuamente atravessadas, elas ainda podem ser diferenciadas.

O ‘inconsciente’ pode ser entendido simplesmente por sua negatividade, pelo que ele não é, ou como tudo que não é consciente. Podemos defini-lo simplesmente como não-consciente no elementar sentido etimológico da palavra. Entendido desta forma, corresponde tanto às representações interiorizadas de forma não-consciente como a toda realidade material, não-cognitiva, natural e cultural, não apreendida ou interiorizada de nenhuma forma pelo sujeito. Este é o ‘inconsciente’ entendido em seu sentido mais geral, assim como menos determinado.

Santos e Leão (2012) se referem predominantemente ao ‘inconsciente’ como algo limitante, produto das relações sociais capitalistas, que pode ser, pelo menos parcialmente, superada pela prática pedagógica. Mas em outro momento propõem que ‘consciente’ e ‘inconsciente’ mantêm entre si *uma relação dialética, um garantindo e possibilitando a existência do outro polo* (Santos & Leão, 2012, p. 638). Para melhor compreensão do problema, concebemos que com relação à primeira definição podemos dizer que está relacionada ao que nos referimos aqui como o ‘inconsciente’, a segunda corresponde ao que estamos propondo como ‘pré-consciente’, enquanto aquilo que denominamos ‘subconsciente’ apresenta as duas qualidades.

Não seria funcional e nem possível ter consciência ou aperceber conscientemente tudo ao mesmo tempo, visto que seria o mesmo do que não ter consciência de nada. Além de não ser possível, não é uma necessidade teórica buscar a consciência de tudo, mas sim dos determinantes essenciais para a compressão do movimento contraditório do objeto no todo. Portanto apenas por essa limitação ontológica e funcional, manter conteúdos de forma não-cognitiva ou pré-consciente já seria condição imprescindível para o recorte realizado pela capacidade consciente de abstrair, limitar para ampliar e sublimar o caos aparente do todo.

Para realizar uma atividade complexa pela primeira vez o sujeito tem de a realizar de modo mais implicado e consciente possível, mas entendemos que ao serem repetidas, paulatinamente a reflexão cognitiva não desaparece e é completamente desapropriada, mas se transforma e é interiorizada em novo formato que demanda uma atenção inapercebida. Desperdiçaríamos muito tempo, energia e não seria nem um pouco prático ou funcional estar altamente implicado e plenamente consciente de todas as atividades rotineiras que realizamos, ou perceber de forma consciente a atividade de nossa mente e o como de nossa ação toda vez que se vai conversar, dirigir um automóvel ou fazer um nó. Pelo simples fato de que seria impraticável, por exemplo, se o sujeito precisasse pensar de forma consciente em todas as palavras antes de encadeá-las em uma frase.

Aqui entendemos o pré-consciente próximo a como o define o psicanalista Filloux (1988), como aquelas representações psíquicas, que sem serem conscientes, podem ser evocadas pelo jogo normal das representações e facilmente e a cada instante, vir a sê-lo, como lembranças não atualizadas. Sendo assim, o sujeito pode basicamente elaborar conhecimentos, emoções e informações, avaliar a necessidade de aumentar a rotação do motor do automóvel, tomar a decisão de pisar na embreagem com a precisão necessária, passar para a próxima marcha, enquanto mantém a atenção na estrada, uma percepção difusa nos sinais de trânsito, nos outros carros a sua volta e na conversa que tem com o passageiro ao lado. Portanto manter conteúdos de forma pré-consciente pode não ser uma qualidade limitante em sentido negativo, mas ao contrário, garante e possibilita a existência do polo consciente e nos possibilita realizar tarefas mais complexas, como as que exigem mais de uma atividade elaborada ao mesmo tempo. Assim como o pensamento sobre a realidade é dinâmico a realidade também está em permanente transformação e na maioria das vezes temos acesso consciente apenas às ‘espumas’ e ‘farrapos’ aparentes, ao resultado parcialmente consciente, ao passo que a gênese psíquica do processo pode ser subconsciente, assim como algumas premissas do julgamento podem ser pré-conscientes.

O sentido do tônus emocional que me impulsiona a uma atitude pode ser motivado por um sentimento derivado de uma informação verbal que recebi, mas que não recordo, portanto aparentemente sem sentido e significado pois não foi plenamente representado de forma consciente, mantido momentaneamente pré-consciente, fora do foco da atenção consciente. Desta forma os conteúdos pré-conscientes podem ser informações verbais, relacionadas ao sistema mnemônico, não como um simples reservatório de lembranças, mas como processos cognitivos ativos que se modificam em relação a todas funções psíquicas superiores, a vida intersíquica e social.

Apropriando-nos de contribuições da Psicanálise freudiana, podemos dizer que existe um tênue limite entre o fim da funcionalidade prática da vida cotidiana e o início de uma limitação ‘castradora’ ou cisão ‘psicopatológica’. A baixa implicação em pensamentos cotidianos pode ser transformada em um superinvestimento e uma grande implicação com a qual o sujeito não consegue lidar conscientemente e os inibe, os mantendo pré-conscientes, ou até os reprimindo de forma a torná-los inconscientes.

Utilizaremos aqui o termo ‘inconsciente’, propriamente dito, para nos referir às representações reprimidas, que limitam as possibilidades humanas, mas também marcam a satisfação parcial da necessidade de reprimir conteúdos perturbadores. Segundo Freud (1915/1976), este movimento satisfaz a necessidade de repressão ao mesmo tempo em que

satisfaz parcialmente, de forma cifrada, a necessidade de expressão das representações inconscientes. Esta satisfação sintomática seria ambivalente pois pode custar muito caro ao autoconhecimento e autocontrole do sujeito, podendo causar perturbações e sofrimento. De forma análoga a como os entendimentos e explicações ideológicas da realidade marcam a satisfação parcial da necessidade de explicar porque as coisas são assim e não de outro modo, suprem parcialmente a carência cultural dos conteúdos subscientes, mas distorcem e limitam a compreensão e atuação para superação de seus problemas e satisfação de suas necessidades.

Diferente da inibição ou supressão das representações pré-conscientes, que podem ser evocadas pelo jogo normal das representações, aqui consideraremos o inconsciente propriamente dito como as representações reprimidas, ou de forma similar ao inconsciente freudiano em sua acepção dinâmica, que desconhece a própria repressão e mantém suas representações inacessíveis à evocação voluntária. Segundo Vigotski os processos intrassubjetivos são basicamente significados sociais das relações intersubjetivas, incorporados e objetivados com sentidos singulares. Portanto, por motivos diferentes, podemos pensar em inconsciente reprimido de forma análoga a sua acepção descritiva em Freud. Pois assim como a relação mediada intersubjetiva, a relação intrassubjetiva não é natural e imediata, tampouco simétrica, harmoniosa ou de pleno entendimento, mas é uma dinâmica conflitiva, que pode implicar inclusive em resistência, inibição ou repressão de ideias próprias, tornando-as, respectivamente, pré-conscientes ou inconscientes. Mas temos de nos diferenciar de sua acepção explicativa quanto a determinação da motricidade inata das pulsões. Pois não entendemos este inconsciente como a qualidade de ideias, sentimentos ou energias primitivas reprováveis que tendem a fluir naturalmente à consciência se não forem reprimidas, tal qual concebe a sua interpretação vitalista. Presumimos que valores sociais e limitações no domínio cultural podem gerar a aversão de enfrentar as próprias ideias tidas como inaceitáveis, aversivamente contraditórias, que não são necessariamente anuladas e apagadas, mas mantidas distorcidas e reprimidas fora do quadro conceitual consciente, na forma que aqui chamamos de inconsciente.

Segundo González (2011), Freud, a partir das teorias a que teve acesso, produziu uma aproximação de índole introspectiva do fenômeno da consciência. Este não pôde tomar distância da concepção intuitiva desta e assim transmite a aparência de um contato imediato entre o indivíduo que se observa e seu pensamento. Assim Freud teria produzido uma teoria mínima acerca da consciência, de tal forma que fosse funcional a prática clínica psicanalítica e ao desenvolvimento de suas investigações sobre a neurose. Em

consequência desta dinâmica o único fenômeno que poderia contrapor o acesso direto de toda produção psíquica à consciência seria uma força contrária, ‘não natural’, que a reprime e resiste à sua conscientização. Mas nossa ênfase sobre a consciência, como dependente do desenvolvimento da aprendizagem de atividades culturais mediadas semioticamente, nos possibilita formular que a falta destes mediadores culturais seria outro motivo distinto para sua não conscientização. A conscientização, neste caso, demanda a transmissão e aprendizado de novos conteúdos culturais e não apenas a motivação a realização de novas conexões e elaboração dos conteúdos culturais que o sujeito já tem apropriado, mas os mantém reprimido.

Vigotski (1925/1999) detectou que, apesar dos reflexologistas negarem o estudo da consciência, eles pressupõem a sua própria como pesquisadores, assim como a dos sujeitos pesquisados, ao menos durante o procedimento experimental. Deste modo ele também demonstra que quando queremos estudar certo fenômeno, organizamos de forma preestabelecida as manifestações do sujeito para que consigamos que prevaleçam os fenômenos que pretendemos estudar. Entendemos assim que o desenvolvimento teórico de Freud a partir da prática clínica psicanalítica dos casos psicopatológicos pôde fazer com que prevalecesse certa forma de manifestação do inconsciente reprimido e sua resistência à conscientização. Vigotski também trabalhou com uma certa prática clínica na pedologia e na reabilitação neuropsicológica, mas sobretudo em relação à promoção de seu interesse no estudo do desenvolvimento psicológico do ser humano. Este nega a ideia de maturação natural do psiquismo humano e ao desenvolver o projeto de uma Psicologia geral em torno do interesse pela dinâmica fisiológica, cultural e individual do desenvolvimento do psiquismo humano, dá a devida centralidade aos processos sociais de aprendizagem, em sentido amplo, e mais especificamente ao ensino escolar, como *locus* privilegiado de apropriação do conhecimento historicamente sistematizado. Entendemos que esta centralidade propicia que seja privilegiada a abordagem de outras formas de manifestação do psiquismo não-consciente e, nesse sentido, são condições que possibilitam revelar de forma mais clara o que aqui denominamos de subconsciente.

Consideramos que em Santos e Leão (2012) a ideia de fenômenos psíquicos não-conscientes também se desenvolve relacionada ao papel educacional de direcionamento do desenvolvimento, com atenção aos processos psicológicos de apropriação do capital cultural socialmente sistematizado. Entendemos que, ainda que possamos diferir quanto a alguns aspectos de sua natureza, a preocupação sobre as condições sociais e históricas que impedem os sujeitos tenham o poder sobre suas produções culturais mais elaboradas e

refinadas, de tal forma a impossibilitar o domínio sobre a realidade e a sua utilização para a satisfação de suas necessidades, as levou a dar atenção especial ao mesmo processo de formação do que aqui chamamos de subconsciente:

Quando existem muitos conteúdos inconscientes que não podem transmutar-se em conscientes pela ausência de domínio daquele aspecto da cultura, os comportamentos tendem a ser fragmentados, desconexos, de alguma forma limitantes (Santos e Leão, 2012, p. 646).

Como já salientamos, Vigotski não realizou uma abordagem descritiva naturalista da consciência como dada de forma direta ao sujeito. Este dedica-se a uma abordagem explicativa das complexas mediações histórico-culturais que formam os processos psíquicos conscientes especificamente humanos, apropriadas pelo indivíduo de tal forma a possibilitar um distanciamento e permitir certa objetividade. Assim como ressalta González (2011), no desenvolvimento teórico e prático de Vigotski, não é necessário a oposição de nenhuma força para que um conteúdo psíquico não se torne consciente, basta que o sujeito não encontre os significados adequados ou que os significados que o representam sejam opostos à verdade do sujeito, de tal forma que estes conteúdos não possam ser processados de modo consciente.

Salvo certas disfunções neurológicas ou outras situações excepcionais, mesmo que o sujeito não se empenhe voluntariamente para memorizar alguns acontecimentos durante seu dia ele poderá se lembrar destes posteriormente. Entendemos que tanto esta interiorização pré-consciente quanto sua posterior representação consciente na ausência do objeto necessitam de mediadores culturais significativos em todo processo. A interiorização de sentido e significado não seria um mero acompanhamento casual da função sensório perceptiva, mas uma composição funcional estrutural. Ou seja, as funções psicológicas conscientes ou não-conscientes estão intimamente relacionadas às condições histórico-culturais e à interiorização de significados sociais e sentidos pessoais, assim como alguém que, diferente de um esquimó, não teve acesso a uma comunidade verbal geradora de conhecimentos sobre uma infinidade de tonalidades de branco não os percebe de forma consciente ou pré-consciente enquanto observa uma paisagem ártica. Ou assim como Luria (1933/1990) demonstra a base cultural de ilusões ópticas na primeira pesquisa transcultural na Psicologia, realizada com o povo Uzbeco²⁷.

²⁷ Luria (1933/1990) dirigiu duas expedições ao Uzbequistão, então republica parte da URSS, para estudar os processos mentais da população nativa com o objetivo de verificar as transformações dos processos mentais superiores em relação aos processos inferiores sob a influência das reformas sociais, sobretudo a influência da escolarização. Investigaram a percepção, a formação de conceitos, o pensamento causal e a capacidade de realizar operações numéricas. A pesquisa sobre as ilusões visuais foram influenciadas pela psicologia da Gestalt, mas diferentes desta a Psicologia Histórico-Cultural não as reduzira aos determinantes neurológicos

Talvez possamos desenvolver um paralelo com a conhecida teoria do desenvolvimento de Vigotski. Se pensarmos que o conteúdo pré-consciente pode ser entendido como aquelas representações que podem ser resgatadas a partir do esforço mental do próprio sujeito, os conteúdos subconscientes estariam em uma forma de ‘zona de desenvolvimento proximal’²⁸, visto que a apropriação consciente destes conteúdos não se dá de forma espontânea ou a partir exclusivamente do esforço mental do sujeito, mas demanda aprendizado, uma instrução cultural que possa ajudar o sujeito a se apropriar das mediações culturais necessárias ao acesso aos seus conteúdos subconscientes ou mesmo que possa promover a superação da repressão a que as representações inconscientes estão submetidas. A atividade pré-consciente também não se torna consciente por um desenvolvimento natural necessário, mas enquanto a conscientização da atividade subconsciente demanda antes uma relação objetiva em que o sujeito possa se apropriar de mediadores simbólicos necessários, ainda não subjetivados por este, as representações pré-conscientes podem ser acessadas a partir da própria atividade reflexiva, recorrendo a mediadores simbólicos já pelo sujeito apropriados.

Na relação escolar-educacional pode-se observar que a transmissão explícita e sistemática de conceitos que são apropriados e utilizados de forma correta e explicada podem generalizar-se para zonas até então subconscientes. Por outro lado, a experiência clínica-psicopatológica pode observar que a depender do grau de repressão em relação a aversão aos sentidos e significados reprimidos, o comportamento consciente pode ser limitado, não apenas com relação à conscientização da representação inicialmente reprimida, mas esta pode se deslocada, aumentar sua resistência a conscientização e se generalizar a outras zonas de sentidos cada vez mais distantes, aumentando as representações inibidas ou reprimidas, diminuindo a autonomia do sujeito e podendo causar sofrimento.

O simples contato que o sujeito mantém com o lugar social que ocupa já possibilita sua interiorização ativa, ainda que minimamente representada de forma implícita,

mas defendia que mesmo processos relativamente simples, como a percepção de cores e formas geométricas, dependiam da experiência prática e dos significados e objetos transmitidos culturalmente.

²⁸ A Zona de Desenvolvimento Proximal é uma noção desenvolvida por Vigotski (1926/2003) para marcar a existência de um nível potencial de desenvolvimento cognitivo, entre os problemas que a criança já é capaz de resolver individualmente, que caracterizam o desenvolvimento mental retrospectivamente, e os problemas que consegue resolver sob as orientações dos adultos ou em colaboração com pares mais aptos a utilizar as ferramentas adequadas, que caracterizam o desenvolvimento mental prospectivamente. Portanto a partir desta noção é possível compreender o curso do desenvolvimento cognitivo e verificar o nível atual de desenvolvimento individual da criança para delinear o nível potencial a partir do funcionamento interpsicológico, do contexto da interação social e da assistência que desperta e põe em marcha funções que estão em processo de maturação.

fragmentada e caótica. Quando representações sobre a atividade são apropriadas ainda de forma fragmentada e caótica devido à falta de mediadores semióticos suficientes à sua síntese consciente, elas não desaparecem, mas podem se manter subconscientes e ter efeito sobre o comportamento, ainda que não de forma deliberada e voluntária. Portanto o primeiro contato tende a captar apenas a aparência do real imediato, de forma difusa e volátil, o que pode se expressar em comportamentos também fragmentados e confusos, que podem marcar não apenas a limitação mas também o potencial desenvolvimento do novo.

Os sentidos e significados pré-conscientes têm todas as exigências para se tornarem conscientes mas não estão no momento, enquanto os conteúdos são subconscientes quanto maior seu grau de fragmentação, instabilidade e carência de certos domínios culturais e categorias interpretativas. Diferente do subconsciente os sentidos e significados inconscientes podem ser extremamente complexos, refinados, organizados e estabilizados e mesmo assim não se tornarem conscientes devido à sua repressão.

Abordagens fenomenológicas tendem a conceber que através desta intuição subconsciente, entendida como a conscientização direta das próprias vivências, pode-se suspender o juízo e captar a essência dos fenômenos, aquilo que lhes é mais próprio. Enquanto para a Psicologia Histórico-Cultural as representações subconscientes podem ser entendidas como intuições, representações iniciais do real aparente, pensamentos que não compreendem e não são compreendidos pelo sujeito pensante, ou pressentimentos não conscientemente abstraídos e sistematizados.

Concebemos que um subconsciente crônico deve ser entendido como representações limitadas e limitantes, determinadas em última instância por restrições históricas, processos de privação material e alienação cultural que estimulam produções ideológicas e atuam na manutenção das limitações das representações aparentes e parciais de certos conteúdos. Mas este material subconsciente, não elaborado conscientemente até suas determinações essenciais, também é pré-condição e produto necessário ao processo de produção consciente, aponta para as possibilidades do além daquilo que o sujeito domina, para saberes que o sujeito incorporou como potência consciente, assim como para a fonte de criatividade, próxima à concepção do Romantismo alemão²⁹.

²⁹ O Romantismo alemão foi um movimento filosófico e científico da virada do século XVIII para o XIX que, segundo Löwy & Sayre (1995, p. 40 como citado em Vasconcelos, 2005, p. 125), *é caracterizada pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de valores humanos essenciais que foram alienados*. Diferente da tendência racionalista no pensamento iluminista e do idealismo que tende a compreender todo o universo como resultado da atividade da consciência, no Romantismo a razão passa a não figurar mais sozinha na consciência humana, pois é concedido um foco a algo a mais no pensamento, além da razão e da evidência. Segundo Xavier (2010), o Romantismo aspira à totalidade e resgata a sintonia do ser humano com a natureza por meio do inconsciente. Neste sentido, o inconsciente representa o

A ideia de consciência/não-consciência diz respeito ao campo da Epistemologia, aos meios e modos de produção do conhecimento e do desconhecimento, relativo ao modo como o indivíduo percebe ou não percebe a si, aos outros e a natureza, assim como diz respeito às relações sociais de produção material e ideológica. Portanto tocar o tema da subjetividade é falar também de sua objetividade, assim como falar de fenômenos psicológicos singulares é necessariamente falar das condições culturais e históricas, produtos e produtoras da prática humana coletiva.

A transformação histórica das relações feudais do período medieval para as capitalistas da era moderna motivaram o paradigma cartesiano, a interpretação liberal de um indivíduo privado que conhece a si mesmo através da introspecção subjetiva e sua atribuição de substâncias e naturezas distintas ao corpo e ao espírito humano. Essa expressão filosófica fundamental pode ser observada tanto na instauração do espaço psicológico quanto em sua crise e fragmentação em disciplinas dicotômicas, diagnosticada por Vigotski (1927/1999). Podemos também observar sua expressão ideológica na superestima da autonomia do indivíduo e supervalorização da identidade do 'eu' em detrimento da identidade do 'nos'. Estas formas de relações sociais induzem ao erro e contribuem para que os sujeitos não reconheçam a origem social dos significados e os tome como sentidos exclusivamente pessoais. Ao manter não-consciente as reais determinações culturais e históricas o sujeito tende a apropriar-se acriticamente das ideologias dominantes que naturalizam a essência humana em consonância com a formação social hegemônica, produzem sentidos conscientes que inibem ou reprimem os sentidos contraditórios, como o saber consciente do poder humano de produzir voluntariamente, a partir das condições históricas herdadas, outras formas de organização social e, em última instância, outra natureza humana.

O sujeito não se apropria apenas das ideologias dominantes, mas também interioriza sentidos subconscientes próprios das vivências cotidianas, subjetiva as relações e contradições sociais, ainda que de forma mais grosseira e caótica. A contradição entre os sentidos tornados conscientes através da produção, sistematização e transmissão cultural de certos significados, e os interiorizados de forma subconsciente a partir dos significados implícitos na atividade objetiva, é um dos motores da vida psíquica do sujeito.

fundamento subterrâneo e passional, a raiz obscura e o resgate da mediação, do vínculo romântico entre o espírito humano e a natureza. Como indicam Rojas e Canal (2011), no Romantismo alemão o inconsciente, como fundo metafísico da alma, foi associado, por autores como Johann Goethe (1749-1832), às qualidades positivas, como permitir a criatividade, a inovação, a intuição, a imaginação e a liberdade. Portanto, não era associado à prisão, mas, por meio da recuperação dos mitos e lendas, a possibilidade de expressão emocional, das paixões e de conhecimentos valiosos.

Esta interiorização subconsciente se dá privilegiadamente por meio dos signos, uma vez que estes não são neutros, mas espaços dinâmicos e plurivalentes de produção ideológica, onde conflitam relações de dominação e valores sociais. Em sua vivência diária o trabalhador interioriza de forma subconsciente as contradições mais profundas da relação entre o capital e o trabalho, o que pode torná-lo parte da classe mais alienada e explorada, assim como pode conduzi-lo a se tornar o mais apto a reconhecer o movimento contraditório da essência social, reconhecer-se enquanto classe ‘para si’ com o poder coletivo de transformar revolucionariamente seu destino particular junto ao da história social.

Sawaia (1987, p. 293) ao criticar a interpretação mecânica da relação entre a atividade objetiva e a consciência, argumenta que *não basta à ação avançar, para que automaticamente a consciência se transforme*. Ou, psicologicamente, as apropriações subconscientes do avanço da atividade objetiva podem continuar subconscientes sem nunca comporem os processos conscientes e passarem a operarem a atividade desde uma perspectiva superior. A incorporação do processo psicológico que antecede e sucede a atividade pode manter-se subconsciente, mantendo ‘presa’ esta memória afetiva cognitiva, pode manter a consciência da atividade parcializada, artificial, apática, afetivamente neutra e cognitivamente imobilizada, ou seja, o sujeito pode não se apropriar conscientemente dos sentimentos e pensamentos que vivencia na atividade. Nas palavras de Sawaia (1987, p. 296) *as contradições são impedidas de se explicitarem, e não se vislumbra qualquer possibilidade de superação*.

Acrescentaríamos que, assim como não basta à ação avançar para que a consciência avance, também não basta a instrução explícita e sistemática de conceitos científicos para que estes sejam interrelacionados ao sistema de ideias subconscientes e o uso correto dos conceitos sejam preenchidos pelo conhecimento pessoal concreto. A apropriação e uso correto e explicado de regras e conceitos científicos pode generalizar-se para zonas subconsciente ou até inconscientes, assim como as interiorizações subconscientes da atividade objetiva podem preencher de conhecimento concreto os conceitos abstratos.

Nem sempre as contradições são impedidas de se manifestar e o sujeito se mantém afetivamente neutro e cognitivamente imobilizado, por vezes as interiorizações subconscientes podem entrar em um conflito psicológico ‘de vida ou morte’ com representações conscientes contraditórias e deste momento pode-se ter como consequência um estranhamento que permite tomar por objeto as representações e sentimentos subconscientes, realizar a sua reflexiva apropriação crítica e superação consciente, ou sua

deformação ideológica parcialmente subconsciente ou ainda sua repressão inconsciente. Na obra *A psicologia da arte* (1925) Vigotski propõe que esta forma de crise de significados que precede transformações qualitativas pode ser desencadeada também pela experiência estética, artística. Segundo Van der Veer e Valsiner (1996, p. 46) *a arte poderia proporcionar o “gatilho” para a síntese da visão de mundo revisada de uma pessoa, quando a pessoa experimenta a catarse em seu encontro com a arte*. Ressalta-se assim o possível papel da arte na *construção do novo homem*. Nós acrescentaríamos o papel dos movimentos de massa e a esperança que a sua força potencial de transformação da realidade possa possibilitar, além da organização dos seus membros de forma paralela à organização promovida pelo trabalho e pelo Estado, a organização e apropriação consciente de saberes e sentimentos até então subconscientes, para além da organização simbólica promovida pela ideologia das instituições dominantes.

Diferente dos modos de produção que se baseavam no escravagismo, para a melhor eficácia do funcionamento das relações de produção capitalistas tem de ser negada a própria existência da exploração e reiterada a ideologia de que ao trabalhador é oferecida a liberdade da vontade, além da igualdade e da fraternidade. Desta forma consideramos que o modo de produção capitalista possibilita que o conteúdo da exploração não seja apenas inibido mas pode levá-lo a ser reprimido de forma inconsciente.

Nas relações sociais alienantes no modo capitalista de produção de mercadorias é corriqueiro que esteja disponível ao trabalhador os instrumentos de produção de categorias analíticas suficientes para este exercer com maior eficiência a atividade de trabalho, ao passo que é mais difícil a oportunidade de apropriação sistemática de sua produção cultural mais rica e refinada; se apropriada espontaneamente tende a ser de forma caótica e subconsciente. O estranhamento do produtor frente à sua produção também o leva a estranhar a si mesmo, o indivíduo encontra-se alheio e inadequado em relação ao desenvolvimento do gênero humano, não reconhece a sua participação social tanto naquilo que estima quanto no que execra. As representações da exploração que o sujeito sofre neste modo de produção podem ser inibidas e mantidas de forma subconsciente, por falta de mediadores teóricos e práticos que possibilitem uma compreensão e transformação consciente desta condição em relação ao todo social. Mas a vivência e interiorização subconsciente destes conteúdos podem ser o suficiente para que o sujeito não os possa ignorar e exija uma elaboração que pode ser suprida por representações parciais e explicações ideológicas. Portanto a alienação estimula a apropriação do capital cultural de forma subconsciente, fragmentada, caótica, que tende a ganhar sentidos distorcidos

próprios, motivados por instituições que funcionam como aparelhos ideológicos e por uma história de vida que produz sentidos e ideologias particulares, podendo inclusive se expressar de forma sintomática.

Tanto na hipnose quanto no sonho entendemos que o sujeito apresenta sentimento e pensamento verbal, realiza algum nível de processamento de informação, abstração subjetiva e algum grau de separação entre o pensado e o que acredita ser o seu estado interno. Os sujeitos sob este estado demonstram certa compreensão e interiorização de sentido às informações que recebe como sendo ou significando alguma coisa, apesar de não serem capazes de uma verdadeira compreensão de como a realidade exterior os está afetando.

Os trabalhadores, reduzidos a recursos humanos para produção de mercadorias, não dominam as relações sociais e as suas próprias objetivações, tornam-se alheios aos outros e a si mesmos. O sujeito que não reconhece e não domina os meios e modos de produção material e intelectual pode ser parcialmente ou completamente possuídos por seus instrumentos mentais. Em casos de alucinações e delírios verbais esquizofrênicos podemos observar que o sujeito não apenas não reconhece seus pensamentos subconscientes, mas estranha e reprime de forma inconsciente parte de sua própria produção cognitiva, parte de seus pensamentos, ideias, autocontrole, seu poder e autonomia podem ser atribuídas a um outro alheio dominador. Se o sujeito desata e não reconhece a base material de sua produção ideal tende a apropriar-se de ideologias sociais de forma singular, como, por exemplo, a explicação das atividades de um movimento de massa como objetivações de uma força primitiva que os habita. Segundo Freud (1921/1980), nem todas as pessoas são susceptíveis à hipnose. Podemos supor que os sujeitos susceptíveis à hipnose muitas vezes estão em uma situação de expectativa, sujeitos ao relaxamento e a sugestão do hipnotizador. São sujeitos que estão susceptíveis a uma completa transferência não-consciente de um saber e domínio sobre seus pensamentos, sentimentos e comportamentos a uma força misteriosa alheia a si, no caso, ao hipnotizador que tem acesso ao seu desconhecido e incontrolado. Esta transferência pode surgir portanto como uma forma de resposta ao desconhecimento e à impotência social e particular dos sujeitos: quanto mais estes atribuem a sua autoconsciência a estas forças estranhadas, mais subconscientes, inconscientes e impotentes eles se tornam. Estes são paralelos importantes para a compreensão da base material dos fenômenos intelectuais/afetivos não-conscientes, ainda que limitados para compreensão da complexidade específica dos fenômenos esquizofrênicos ou hipnóticos, tarefa que ultrapassa os limites deste trabalho.

Freud desenvolve a Psicanálise sobretudo a partir da experiência clínica e não a partir de fundamentações filosóficas claras. Possivelmente devido a esta suposta carência metodológica de princípios González (2011) nos leva a entender que Vigotski, a partir de seu referencial ontológico-epistemológico, poderia fornecer uma nova sustentação as ideias de Freud. A partir disso, seria possível incorporar e desenvolver as descobertas psicanalíticas que, segundo González (2011), possibilitaram uma abertura mais completa à compreensão da estruturação de nossa subjetividade e desnudaram a intimidade do mundo humano. Mas esta concepção entra em contradição com a crítica de Vigotski (1927/1999, pp. 255-256) ao autor freudo marxista que ao realiza empréstimos de teorias psicanalíticas importa também suas ideias fundamentais incompatíveis aos princípios do marxismo.

Entendemos que em algumas passagens da busca de González (2011) por um enfoque em que se evidenciassem as correspondências, complementariedades e conciliações entre aspectos das teorias de Freud e de Vigotski fez com que este importasse da primeira algumas ideias fundamentais, como uma dicotomia psíquica a-histórica entre o indivíduo e a sociedade. Em algumas passagens González (2011) pressupõe a existência primordial de uma independência do pensar individual em seu contato direto com o objeto, como uma elaboração guiada pela parcialidade subjetiva individual. Esta autonomia reflexiva apenas seria reprimida com a instauração da legalidade dos significados produzidos socialmente, guiados desde a perspectiva virtual do grupo e útil ao êxito da tarefa grupal. González (2011) entende então que o que primeiro pode ter sido um amoroso cuidado se transforma em uma extorsão na qual se rompe a suposta onipotência do pensar, o sujeito passaria então a resignar sua relação narcisista com o pensamento e a se submeter à servidão do significado. A consciência surge então da proibição social de pensar o mundo e a mim mesmo exclusivamente desde minha perspectiva, desde minhas pulsões e das imagens com que se associam. O indivíduo deve ver o mundo como ele é visto, pensar-se como é pensado, a partir dos significados fornecidos pela sociedade, soterrando a perspectiva particular do integrante do coletivo, seus interesses e o pensamento de suas necessidades. Ou seja, González (2011) afirma, sem temor de equivocar-se, que o significado nesses casos reprime a genuína manifestação dos impulsos e interesses individuais.

A partir da Psicologia dialética de Vigotski (1927/1999) entendemos que mesmo o pensamento natural dos animais não-humanos não é de forma alguma autônomo ou baseado exclusivamente no modelo individual, mas pelo contrário, é extremamente limitado e determinado pelas condições genéticas compartilhadas por toda espécie,

condicionado pelas relações diretas e condicionamentos ambientais imediatos. A produção de interesses individuais, de pensamentos autônomos e de perspectivas próprias só é possibilitada com a apropriação de sentidos pessoais aos significados sociais interiorizados pelos sujeitos. Portanto é exatamente a apropriação ativa dos significados sociais que possibilitaria a individuação, a produção de uma perspectiva e interesse singular e a atividade social humana que produz a história cultural a partir das condições herdadas das gerações passadas. A percepção e o pensamento baseado no modelo individual, uma suposta genuína manifestação dos impulsos humanos, a produção de interesses peculiares e mesmo dos desejos individuais, tanto quanto a interdição destes pela ideia de pecado, por exemplo, são em último caso produções culturais e históricas, que dependem de condições materiais e seus significados sociais apropriados com sentidos singulares.

Concebemos que quando Vigotski (2004) compara o nosso sistema nervoso às portas de um grande edifício pela qual apenas algumas pessoas passam em pânico enquanto a grande maioria morre esmagada, não se refere a uma contradição entre a natureza individual e as repressões sociais. Porém, parece-nos que não diz respeito apenas a uma comparação entre o psiquismo humano e a dramaturgia, mas também das possibilidades humanas não realizadas não apenas devido às limitações nervosas, intrapsíquicas ou aos ganhos e perdas inerentes a cada ato de vontade e de escolha. Entendemos que este caráter catastrófico pode dizer respeito também a certas limitações culturais-históricas, as contradições entre as funções sociais historicamente possíveis e as realmente possibilitadas. Na forma capitalista de organização social, em grande parte do tempo, a maioria da população tem de vender seu autodomínio e a sua força de trabalho como meio para obtenção de um salário. Assim as infinitas possibilidades do ser ficam limitadas à atividade exigida na função que o sujeito ocupa no mercado de trabalho, onde pode ‘ganhar a vida’ assim como se perder de si. A subjetividade não-consciente também se processa determinada fundamentalmente pelo trabalho e está indissociavelmente relacionada à atividade que toma grande parte do tempo do sujeito. O acesso privado aos significados, ferramentas e mediadores de produção e domínio cultural limita a emergência de sentidos pessoais e singulares. Com o constrangimento de sua autonomia e atuação criativa o sujeito acaba por se tornar seu emprego. O caráter trágico das possibilidades humanas não realizadas também está em que no ‘homem reificado’ é limitada a expressão de sua individuação, é reforçado o individualismo, a indiferença e a desigualdade, uma vez que sua possibilidade de produzir a igualdade, a diferença e a liberdade não está na

independência das determinações sociais ou mesmo naturais, mas no conhecimento de suas leis e viabilidade de seu domínio.

Concebemos portanto que o que impede a livre expressão criativa do inconsciente não é a entrada do ser humano primitivo na civilização e sua sujeição aos significados sociais, mas a sujeição do ser humano a certas relações sociais, localizadas na história e na cultura, que tanto são condição de possibilidade para a individuação e expressão criativa quanto condição para sua inibição e repressão. A alienação no modo de produção capitalista limita a criatividade e a autonomia, mantém subconsciente ou inconsciente parte da interiorização sobre o que o trabalhador faz e as razões pelo que faz, enquanto com outra parte fomenta produções ideológicas, como a do indivíduo liberal portador de livre iniciativa, que pode não desenvolver ou reconhecer seus desejos e potências mais pessoais como parte da produção coletiva do gênero humano. Esta concepção ideológica sobre o sujeito individualizado e autônomo em contradição com o grupo social pode ser apropriada e entendida como a natureza imutável do ser humano. Desta forma concebemos que apenas os significados socialmente produzidos podem possibilitar a produção da massificação, da individuação ou do individualismo. Podem não favorecer a síntese consciente de alguns fragmentos subconscientes, assim como possibilitar e fomentar a produção de ideologias contraditórias. Se considerarmos que o processo intelectual nunca rompe totalmente com o momento anterior, a produção ideológica conflitante não pode ser totalmente desapropriada e se não for apropriada a consciência dominante é reprimida por esta.

González (2011) em um momento de seu artigo considera uma ressalva para aqueles que detêm o poder; neste momento deixa margem à compreensão de que a repressão é fruto de uma contradição entre classes sociais antagônicas e não uma contradição inerente à constituição humana e à dicotomia entre uma suposta autonomia do pensamento perceptual individual em contradição ao pensamento guiado pelos significados socialmente produzidos. Mas, de forma geral, Gonzalez (2011) parece se apropriar do pressuposto da existência *a priori* do indivíduo que, segundo ele próprio, foi a descoberta do hiato e da contradição entre o individual e o social na constituição psíquica do indivíduo que foi o fundamento de criação da Psicanálise.

Na obra *Totem e tabu* (1913/1996), Freud descreve um tempo mitológico pré-histórico onde o indivíduo preexistia ao laço social civilizado, em especial, o pai da horda primeva mantinha em gratificação livre suas pulsões, seus atos e pensamentos a partir de suas próprias perspectivas. Podemos analisar que a ideologia contratualista caminha também próxima a esta ideia de um lugar que fora perdido após o ‘pecado original’, o

parricídio, que marca a fundação de um contrato social e instituição da Lei, imprescindível para evitar a guerra de todos contra todos, para fundar o surgimento da civilização e a desnaturalização do ser humano. Como apresentamos na Introdução, na obra *Psicologia das Massa e Análise do Eu* (1921/1980) notamos que Freud pressupõe uma essência humana, em sentido idealista, cristalizada na pré-história e que é reprimida para a entrada na história da civilização. Mas essa ‘natureza humana perdida’ pode ser reatualizada em gratificação livre quando o indivíduo se encontra na massa. Como demonstramos, este conflito psicológico evidenciado por Freud (1921/1980) pode significar o retorno cifrado da contradição que Marx (1867/1983) apontou como o motor da história, a luta entre classes sociais antagônicas. Notamos assim o que Vigotski (1927/1999) descreveu como a tendência à expansão dos princípios explicativos das descobertas empíricas, inicialmente cheias de conteúdo, para áreas adjacentes, até se tornarem princípios cada vez mais universais, mais distantes das descobertas originais e se constituírem como um sistema filosófico. Observamos portanto que esta expansão, abstração e generalização dos conceitos perde em conteúdo, demonstra a carência de uma Psicologia geral e expõe mais claramente a verdadeira face e a que interesses de classe servem.

Desta forma observamos que a expansão da análise do sofrimento histórico, passando pelas psicopatologias da vida cotidiana até os movimentos de massa, pode denunciar a essência ideológica de uma interpretação inatista de uma natureza humana que é tornada inconsciente no conflito com a pressão civilizatória e pode ser reatualizada de forma perigosa na massa. Esta concepção tende a ocultar as condições e contradições sociais na constituição dos fenômenos psicológicos individuais e pode assim justificar a necessidade da opressão e exploração de uma classe dominante que adapte as naturezas psicológicas individuais a uma ordem social que lhes é estranha e opressora ou mesmo defender que a sua gratificação livre no mercado, a realização da natureza individual como progresso social. Entendemos que a contradição entre o inconsciente e a consciência não é inerente a condição humana e não é fruto de uma contradição entre os significados da civilização e a natureza competitiva e violenta da espécie humana. Esta concepção ideológica pode ser conveniente a propaganda de uma suposta adequação entre os valores da organização social capitalista liberal com a essência humana e do conseqüente fim da história. Portanto, de forma coerente à Psicologia dialética de Vigotski, pudemos compreender que tanto a essência humana como sua consciência são histórica e culturalmente constituídas, o que nos possibilitou propor um conceito de subconsciente,

diferente do pré-consciente e do inconsciente, de forma a superar da dicotomia entre o individual e o social, fisiológico e psicológico, afetivo e intelectual.

7. Considerações Finais

No texto *Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos* (1924/1999) Vigotski argumenta que a Psicologia objetiva de então considera o reflexo condicionado como o mais legítimo objeto de estudo, não considerava a fala como uma fonte válida à ciência objetiva e negava a possibilidade de estudar objetivamente o pensamento consciente, percebido apenas pelo próprio sujeito que o pensa. Os reflexólogos partiram da excitação elétrica cutânea da planta do pé, depois passaram a utilizar como critério a reação da mão. Ao constatar que a mão se mostrava um aparelho mais adaptado às reações orientadoras os reflexólogos teriam necessariamente de considerar que o ser humano possui um aparelho ainda melhor: os órgãos articulatórios das reações verbais, com a ajuda do qual se estabelece uma conexão mais ampla com o mundo.

Vigotski (1925/1999) argumenta que o procedimento técnico da entrevista por si só não determina a rigorosidade do método e além de não se poder negar a existência e importância do pensamento para compreensão do comportamento especificamente humano, este só se difere de qualquer outro comportamento motor expresso, por ser um comportamento motor verbal e silencioso. Apesar da introspecção, a partir de si mesma, não explicar os próprios determinantes objetivos, ficar limitada a sua expressão aparente, subjetivista e consciente, isso não implica que podemos ignorar a importância da fala ou do procedimento técnico da entrevista para o estudo dos processos psicológicos ou que o psiquismo coincida com a consciência. Visto que segundo o princípio materialista o fenômeno não coincide com a existência, mesmo nos processos psicológicos.

Não se pode ter acesso direto introspectivo aos fenômenos psíquicos não-conscientes, visto que são definidos exatamente por não serem percebidos nem pelo próprio sujeito que os pensa. Esta dificuldade contribui com seu obscurantismo ou reducionismo a interpretações externalistas, fisiológicas ou passivas. Mas *o conhecimento científico e a percepção direta não coincidem em absoluto* (Vigotski, 1927/1999, p. 278), pelo contrário o acesso introspectivo é mediado pelos conceitos e as (proto)teorias que carregam, limitado a aparência fenomênica, a descrição subjetiva das ‘espumas’ e ‘farramos’ conscientes, a partir de si impossibilitado de compreender as causas reais. Portanto o fato de não se ter acesso empírico ao objeto de estudo não quer dizer que este não exista, que possa ser ignorado ou que não se possa estudá-lo de forma objetiva através de sua gênese e manifestações que trazem sintetizadas os momentos não-conscientes do

processo psicológico. Segundo Vigotski (1927/1999, p. 278), *o historiador interpreta vestígios – documentos, memórias, jornais etc. – e, no entanto, a história é precisamente a ciência do passado, reconstruído segundo seus vestígios. Não é a ciência dos vestígios do passado, mas do próprio passado.*

Em 1924-25 Vigotski já começa a destruir e incorporar a ideia de que assim como o darwinismo explica a origem das espécies, bastaria o pavlovianismo para explicar a origem do indivíduo. Neste sentido, seria possível explicar toda complexidade do comportamento humano partindo-se das reações inatas, dos instintos, da natureza reflexa não-condicionada como princípio explicativo e sua capacidade de transformar-se em reflexos condicionados ao serem pareados a estímulos ambientais. Podemos constatar que os anos de 1925, 27 e 30 mostram que esta aliança tática com o materialismo mecanicista tinha como objetivo o combate estratégico comum do idealismo e a conquista de posições objetivas na Psicologia, mas que portanto tinha prazo para acabar e possibilitar que a Psicologia dialética seguisse caminho próprio. Neste momento Vigotski (1927/1999) avança para que a Psicologia Histórico-Cultural não seja materialista apenas no domínio dos processos psicofisiológicos primários dos mamíferos superiores, como em Watson e Bekhterev, mas para ser materialista dialética no domínio da psique consciente, considerando o salto qualitativo no ser humano cultural, em termos marxistas, colocando no centro da análise psicológica o trabalho mediado pelas ferramentas e signos.

Mas entendemos que a atividade mediada por instrumentos semióticos não deve ser identificada ao centro de análise da consciência como propriedade intrínseca exclusiva, pois para superar os vestígios naturalistas sem nos perder em especulações metafísicas é preciso, também, compreender a psicologia não-consciente a partir da incorporação humana dos processos psicofisiológicos primários às funções psíquicas superiores, com a manutenção de sua qualidade não-consciente, mas desde a perspectiva superior possibilitada pelas mediações afetivas e semióticas. Desta forma a produção da psicologia não-consciente individual como um processo histórico, cultural, unitário e concreto, pode ser entendida como possuindo existência objetiva suficiente para suportar a investigação científica, possibilitando a superação do falso problema entre o caráter fisiológico ou psíquico dos processos não-conscientes, de sua dicotomia entre o social e o individual e entre as funções sensório-perceptivas e semióticas.

Buscamos portanto reconhecer a palavra significativa como unidade de análise mais adequada para o estudo dos fenômenos cognitivos não-conscientes, como um microcosmo através do qual se manifestam os fenômenos psíquicos conscientes assim como também os

não-conscientes. Diferente de sua concepção mais genérica e vaga que o define como tudo que ele não é, entendemos que identificar o caráter verbal e afetivo, o sentido e significado do não-consciente cognitivo é reconhecer seu caráter positivo. Não identificar os processos psicológicos aos conscientes e considerar que a atividade não-consciente é estruturada como sentimento, pensamento e linguagem nos leva a reconhecer sua natureza material, que não se reduz aos processos psicofisiológicos primários, mas como fenômeno histórico e cultural apropriado pelo indivíduo de forma singular. Esta concepção nos possibilita questionar a não-consciência cognitiva entendida a partir da lógica de um princípio físico e mecânico, de conservação de impulsos primordiais, como um submundo misterioso das profundezas determinado por uma essência humana a-histórica. Permite questionar as concepções que desmaterializam o ser humano, como ideias intrapsíquicas, privadas e determinadas por leis endêmicas, próximo à compreensão do indivíduo como essencialmente não-social do pressuposto romântico. Compreender que a consciência não é um desenvolvimento inato, ou que as representações psíquicas não são dadas de forma imediata a percepção – interrompidas a este destino necessário apenas por uma força que as reprima e mantenha inconsciente – nos permite compreender a existência de representações que denominamos subconscientes, que carecem de mediadores semióticos suficientes para a sua coesão, estabilização e representação consciente.

Assim como o debate desenvolvido na história da Epistemologia, podemos perceber que discutir o pré-consciente, a subconsciente e a inconsciente é discutir também as ilusões cognitivas e as possibilidades de sua superação. Os fenômenos não-cognitivos, os pré-conscientes ou até mesmo os inicialmente subconscientes são, até certo ponto, momentos epistemológicos essenciais à própria constituição da consciência. Mas a persistência da subconsciência e a própria existência do inconsciente denunciam sua natureza sógnica e sua representação ideológica conflitante aos valores dominantes, elementos escuros (*stikhija*)³⁰, limitações do desconhecimento e do descontrole e as contradições sociais e históricas de sua base material. Reconhecer as categorias semióticas do psiquismo não-consciente como abstrações das relações sociais e históricas, significa romper com uma das fronteiras que mantêm interpretações naturalistas do comportamento humano, em um dos refúgios teóricos que ainda conservam tendências inatistas: na ‘Psicologia profunda’. Se nem os profundos e obscuros fenômenos psicológicos não-

³⁰ Vigotski (1926/2003) utiliza a expressão ‘elemento escuro’ ou *stikhija* para se referir as forças produtivas materiais e simbólicas de dominação social e individual, que devem ser combatidas pelo ‘novo homem soviético’.

conscientes estão determinados por tendências inatas, aumenta nossa responsabilidade ético-política em definir qual projeto social-psicológico buscamos coletivamente construir.

Desta forma, em pesquisas posteriores, poderemos avançar na compreensão da contradição entre o consciente e o inconsciente, não como a expressão da contradição inerente ao ser humano, entre significados culturais e pulsões individuais, mas como expressão dos interesses de classe de quem descreve os fatos, como manifestação de contradições sociais e históricas, da contradição entre a produção social e a apropriação individual do capital material e simbólico, de relações alienantes incorporadas como a contradição entre concepções ideológicas reprimidas e dominantes. Uma ideologia dominante, por exemplo, que é conservada no indivíduo ‘isolado’ ou organizado as instituições sociais e outra que adquire força de expressão, desrepressão ou desinibição com o poder da massa, ainda que a grande maioria inicialmente de forma subconsciente assim como as explosivas manifestações das revoltas de Junho de 2013 em todo o Brasil.

Segundo Vigotski (1930/1999, p, 190) em nenhuma ciência existem tantas dificuldades como em Psicologia e chega mesmo a afirmar que:

O objeto da psicologia é o mais difícil que existe no mundo, o que menos se deixa estudar; sua maneira de conhecer terá de estar cheia de subterfúgios e precauções especiais para proporcionar o que dela se espera. (...) Por isso, não se pode dar nela nenhum passo sem realizar milhares de cálculos prévios nem adotar as devidas precauções.

Vigotski (1926/1982) se refere à análise do inconsciente realizada por Freud como um trabalho que, por mais especulativo e equivocado que possa estar, levanta questões importantes e trilha caminhos originais, visto que *há problemas que não se pode abordar voando, mas dos quais é preciso se aproximar a pé, coxeando e ... nestes casos não é vergonha coxear. Mas aquele que só vê a coxeadura é metodologicamente cego* (Vigotski, 1926/1982, p. 336).

O debate sobre as interpretações de fenômenos tidos como ‘inconscientes’ é complexo e ainda muito pouco explorado pela perspectiva histórico-cultural, portanto, se não uma autoestrada em mata fechada, que o esforço realizado até aqui possibilite que esta exploração seja uma trilha de interpretações e hipóteses que sirvam de estímulos a novas pesquisas. Que estas possam analisar a historicidade do conceito particular relacionado à totalidade, acompanhando a dinâmica de seu desenvolvimento determinado por conjuntos complexos de fatores externos e internos à ciência, conforme ressalta Vigotski (1927/1999): as leis gerais do conhecimento científico, as exigências da realidade objetiva

e a atmosfera social geral da época. Buscar, por exemplo, o desenvolvimento histórico do conceito em relação ao impacto do controle da natureza e aumento exponencial do desenvolvimento tecnológico possibilitado pela Revolução Industrial, o papel coletivo dos homens na transformação social durante a Revolução Francesa, a ascensão do pensamento iluminista, racionalista e o dualismo cartesiano em relação à desvalorização de uma ideia de ‘inconsciente’; o seu ressurgimento e a relevância que uma concepção de ‘inconsciente’ adquire durante o século XIX, com a ascensão do Romantismo alemão e sua descrença em valores iluministas e nas promessas burguesas; as Guerras Mundiais, a sensação de que algo deu errado com o suposto controle consciente e racional da civilização, relacionado a concepção de ser humano e ao papel do ‘inconsciente’ desenvolvida por Freud; a Revolução Russa e o aprofundamento da crítica dialética de Vigotski à crise da Psicologia, a divisão dualista entre concepções idealistas e materialistas-mecanicistas e suas implicações para a compreensão atual de um psiquismo não-consciente desde a perspectiva de sua natureza material e dinâmica, sua gênese e leis de desenvolvimento como processo histórico, sociogenético, filogenético e ontogenético. Esta investigação pode ser aprofundada tendo por base a continuação da análise de outros textos de Vigotski, a fim de fundamentar condições para a sua confrontação com concepções como, por exemplo: as contribuições da filosofia monista de Espinoza; a teoria marxista da linguagem desenvolvida por Bakhtin³¹; ou até as aproximações e divergências de princípios para a constituição do ‘inconsciente’, na dinâmica da linguagem em relação a sociedade, no retorno a Freud operado por Lacan. Fundamentação que, a partir das mediações das teorias pedagógicas ou sociológicas, nos possibilita retornar à análise de suas implicações nas relações educativas, escolares ou nos movimentos de massa desde um ponto de vista superior.

³¹ Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) filósofo marxista russo, pesquisador da linguagem humana entende que a língua não pode ser compreendida como um sistema isolado e, assim como Vigotski, enfatiza a importância da relação dialógica e histórico-cultural para a interiorização de sentidos pelos indivíduos. Bakhtin entende que a ideologia não está na ‘psicologia dos povos’ mas na materialidade das interações sociais, no signo por excelência.

Referências

Araujo, S. D. F. (2010). *O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: uma nova interpretação*. Juiz de Fora: UFJF.

Ayoub, A. H. (2008). Mídia e movimentos sociais: a satanização do MST na Folha de S. Paulo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 4(1), 79-93. Recuperado em 29 de outubro, 2012, de <http://www.journal.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1888>

Barretta, J. P. F. (2007). *Existência e aparelho psíquico: a crítica ontológica da psicanálise freudiana com base a analítica da existência de Martin Heidegger*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Borloti, E. B. (2005). Abstração, metáfora, sonho e inconsciente: uma interpretação skinneriana. Em: E. B. Borloti, S. R. F. Enumo, & M. L. P. Ribeiro (Orgs), *Análise do Comportamento: Teorias e práticas*, 69-96. Santo André: ESETec.

Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do “compromisso social da psicologia”. Porto Alegre: *Revista Psicologia Social* 19(2), 46-56. Recuperado em 28 de abril, 2015, de <http://www.ufrgs.br/seerpsicoc/ojs2/index.php/seerpsicoc/article/viewFile/2836/1703>.

Carvalho, M. A. A. S., Araújo, S. M. M. D., Ximenes, V. M., & Pascual, J. G. (2010). A formação do conceito de consciência em Vygotsky e suas contribuições à Psicologia. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 62(3), 13-22. Recuperado em 18 de maio, 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672010000300003&script=sci_arttext&tlng=en

Castro, J. C. L. (2009). O inconsciente como linguagem: de Freud a Lacan. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, 7(1). Recuperado em 18 de maio, 2015, de <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/1773/1436>

Dejours, C. (1999). *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Editora da FGV.

Elias, N. (1996). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Engels, F. (1896/1990). *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. (4a ed.). São Paulo: Global.

Farr, R. M. (2002). *As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)*. Petrópolis: Vozes.

Filloux, C. J. (1988) *O Inconsciente*. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. (1895/1995). *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1900/1988). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913/1996). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago

Freud, S. (1915/1976). *O Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1921/1980). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1997). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago.

Gebrim, R. (2010, Junho 3/9). O desafio é organizativo e ideológico. *Brasil de Fato*, 8(379), 5, São Paulo.

González, A. H. (2011). Inconsciente: ¿Un diálogo entre Freud y Vigotsky? *Psychologia Latina*, 2(2), 158-171. Recuperado em 29 de outubro, 2012, de <http://revistas.ucm.es/index.php/PSLA/article/view/37439>

Guimarães, R. P. (2003). Deixando o preconceito de lado e entendendo o behaviorismo radical. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(3), 60-67. Recuperado em 18 de maio, 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000300009&script=sci_arttext

Harvey, D. (2004). *Novo imperialismo*. São Paulo: Loyola.

Holanda, A. (2010). Notas para uma reflexão sobre consciência e inconsciente na fenomenologia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 45-53.

Honda, H. (2004). Notas sobre a noção de inconsciente em Wundt e Leibniz. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 275-277. Recuperado em 18 de maio, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n3/a09v20n3.pdf>

Honda, H. (2013). O estatuto conceitual do inconsciente em Freud e algumas de suas implicações para a prática psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 16(2), 41-57. Recuperado em 18 de maio, 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982013000300004&script=sci_arttext

Jimenez, S. & Carmo, M. (2009). Psicologia histórico-cultural: indicações para uma leitura marxista de Vigotski. *Revista Contrapontos*, 7(2), 283-297.

Le Bon, G. (1995/1895). *Psychologie des foules*. (5a ed.). Paris: PUF.

Lessa, S., & Tonet, I. (2008). *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular. Recuperado em 29 de outubro, 2012, de http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/297366/mod_resource/content/1/Trabalho%20-%20Sergio%20Lessa%20e%20Ivo%20Tonet.pdf

Leontiev, A. N. (1979/1996). *Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de LS Vigotski*. São Paulo: Martins Fontes.

Lima, T. C. S., & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálisis*, 10(2). 37-45. Recuperado em 29 de outubro, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>

Loureiro, I. R. B. (2002). *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico*. São Paulo: Editora Escuta.

Luria, A. R. (1933/1990). *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. São Paulo: Ícone.

Martinez, P. (1997). *A teoria das elites*. São Paulo: Scipione.

Marx, K. (1867/1983). *O Capital, crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural.

Marx, K., & Engels, F. (1933/2007). *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Marx, K. (1859/1985). *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural.

McDougall, W. (1920/2005) The Group Mind: A Sketch of the Principles of Collective Psychology with Some Attempt to Apply Them to the Interpretation of National Life and Character. *The Eugenics Review*, 12(3), 223.

Pino, A. (1995). Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. *Temas em Psicologia* 2, 31-40. Recuperado em 29 de outubro, 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1995000200005&script=sci_arttext

Plekhanov, G. V. (1916/1987). *A Propósito do Papel do Indivíduo na História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Prestes, Z. (2012). O rigor metodológico em pesquisa bibliográfica/The accuracy of literature research methodology. *Ensino em Re-Vista*, 19(2), 403-407. Recuperado em 23 de maio, 2015, de <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/14947>

Ratner, C. (1994/2012). The Unconscious: A Perspective from Sociohistorical Psychology. *Institute for Cultural Research and Education*, 323-342.

Reale, G., & Antiseri, D. (1991). *História da Filosofia: do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus.

Rojas, A. L. D., & Canal, J. Y. (2011). El Inconsciente: Una Mirada sobre su Historia y sus Retos Actuales. *Psychologia Latina Copyright*, 2(2), 172-183.

Rose, J. C. (1982). Consciência e propósito no behaviorismo radical. Em B. Prado Júnior (Org.). *Filosofia e comportamento*, 67-91. São Paulo: Brasiliense.

Rousseau, J. J. (1986). *Os devaneios do caminhante solitário*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

Santos, L. G., & Leão, I. B. (2012). O Inconsciente Sócio-Histórico: notas sobre uma abordagem dialética da relação consciente-inconsciente. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 638-647.

Santos, L. G. (2010). *Educação e o Inconsciente Sócio-Histórico: uma análise da função da escolarização na construção de sentidos e significados do desemprego*. Dissertação de Mestrado, UFMS, Centro de Ciências Humanas e Sociais Programa de Pós-graduação em Educação, Campo Grande, Brasil. Recuperado em 18 de março, 2014, de <C:\Documents and Settings\Administrador\Configurações locais\Temp\Livia-Gomes.pdf>

Sawaia, B. B. (1987). *A consciência em construção no trabalho de construção da existência*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Sawaia, B. B. (2001). *Sílvia Lane. Coleção Pioneiros da Psicologia Social*. São Paulo: CFP/Imago.

Sighele, S. (1892/1954). *A Multidão Criminosa*. Rio de Janeiro: Simões.

Silva, F. G., & Davis, C. (2004). Conceitos de Vigotski no Brasil: produção divulgada nos Cadernos de Pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, 34(123), 633-661. Recuperado em 12 de maio, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v34n123/a07v34123.pdf>

Silveira, J. M. D., & Almeida, L. D. (2010). O inconsciente na interpretação clínica analítico-comportamental. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 64-72. Recuperado em 12 de maio, 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100008

Sirgado, A. P. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, 21(71), 45-78.

Toassa, G. (2006). Conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, 17(2), 59-83. Recuperado em 12 de maio, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a04.pdf>

Tourinho, E. Z., Teixeira, E. D. R., & Maciel, J. M. (2000). Fronteiras entre análise do comportamento e fisiologia: Skinner e a temática dos eventos privados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 425-434. Recuperado em 12 de maio, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a11.pdf>

Tuleski, S. C. (2000). *Para ler Vygotski: recuperando parte da historicidade perdida*. 23º Reunião Anual da Anped.

Vasconcelos, E. M. (2005). Românticos, exploradores do inconsciente e revolucionários: polêmicas históricas, desafios teóricos e suas implicações atuais. *Mnemosine*, 1(2), 119-187.

Veer, R. & Valsiner, J. (1996). *Vygotsky – uma síntese*. São Paulo: Unimarco Editora e Edições Loyola.

Vicentini, W. R. (2012) *Bases teóricas da educação em Descartes e Marx e seu significado para a educação no Brasil*. Paraná: PUCRP. Recuperado em 29 de abril, 2015, de http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2006/Curriculo_e_Saberes/Painel/07_14_36_PA191.pdf

Vigotski, L. S. (1924/1999). Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. *Vigotski. Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (1925/1999). A consciência como problema da psicologia do comportamento. *Vigotski. Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (1927/1999). O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. *Vigotski. Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (1930/1999). A psique, a consciência, o inconsciente. *Vigotski. Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotski, L. S. (1997). *Obras Escogidas (Tomo I) -Problemas teóricos e metodológicos de la Psicología*. Madri: Visor.

Vygotsky, L. S. (1926/2003). *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes.

Xavier, C. R. (2010). A história do inconsciente ou a inconsciência de uma história? *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 54-63.